

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SÃO PAULO  
PUC-SP**

**MARILI MOREIRA DA SILVA VIEIRA**

**TORNAR-SE PROFESSOR EM UMA ESCOLA  
CONFESSIONAL:**

Um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva  
da dimensão da espiritualidade

**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**SÃO PAULO  
2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**MARILI MOREIRA DA SILVA VIEIRA**

**TORNAR-SE PROFESSOR EM UMA ESCOLA  
CONFESSIONAL:**

Um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva da  
dimensão da espiritualidade

**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Vera Maria Nigro de Souza Placco.

2009

Banca Examinadora:

---

---

---

---

---

A DEUS seja a honra e a glória.

Dedico este trabalho

ao Robinson, precioso, amado marido e companheiro que tanto tem sacrificado a fim de que eu consiga realizar essa etapa.

ao Filipe, amoroso e interessado e ao André, sensível e amoroso, dois rapazes queridos que abriram espaço em suas vidas para eu poder concretizar esse sonho pessoal.

## AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus, de quem procedem todas as coisas e para quem são todas as coisas.

Elaborar uma tese é um trabalho impossível de se realizar sem a ajuda de várias pessoas. São pessoas que dão apoio de diferentes tipos, todas contribuindo para o processo. Por isso, considero que os agradecimentos são uma forma de reconhecimento da participação de cada um.

À querida professora, orientadora e amiga **Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco**, por ter sido presente em momentos difíceis dessa trajetória e pela segurança que transmite ao acompanhar o trabalho.

À professora e amiga **Dr<sup>a</sup> Marli André**, por sempre acreditar e incentivar o meu trabalho e pela contribuição como participante da Banca.

À professora e amiga **Dr<sup>a</sup> Laurinda Ramalho de Almeida**, por sua contribuição sábia e serena na banca examinadora.

À professora e amiga de longa data **Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Trevisan de Souza**, por todos esses anos de incentivo, de apoio e de contribuição, com conhecimentos, sabedoria e amizade.

Ao professor **Dr. Silas Molochenco**, por sempre ser alguém que estimula a busca do conhecimento, por sempre ter um olhar acolhedor e por ser alguém que partilha seus conhecimentos conosco.

À professora **Dr<sup>a</sup> Inez Borges**, por sua valiosa contribuição na Banca de qualificação.

Aos que, confiadamente, se dispuseram a ser entrevistados, sem os quais o trabalho não teria sido possível.

À professora **Dr<sup>a</sup> Bernardete Gatti**, por sua preciosa participação como professora que abriu as portas para o entendimento de Dubar.

Às amigas do grupo de estudos de aprendizagem de adulto, “**Veras**”, **Rosângela, Marli, Madalena, Cleide, Bia, Luzia, Silvia**, pelo enriquecimento quinzenal de ideias e pelas discussões frutíferas.

À amada **Cleide Terzi**, pelo incentivo, pela ajuda, por ser um constante estímulo à busca de sabedoria.

À querida **Madalena**, amiga especial, companheira de busca de novos desafios e conhecimentos, amiga de oração. Agradeço-te por estar sempre por sempre!

Aos amigos do cotidiano no Mackenzie, **Dr. Solano Portela, Dr. Cleverson Almeida, Dr. Mauro Meister, Professora Débora Oliveira, Márcia, Mônica, Vanessa, Catia, Débora G., Cássia, Edi e Junqueira**, e todos os **colegas professores/autores** que estimularam a ideia desse trabalho e por incentivarem e apoiarem esse momento, e um especial agradecimento à **Roseli Massoti** pelo empréstimo do notebook durante quase um ano.

À **Drª Roseane Marx** por ter me apresentado à teoria de Viktor Frankl e por ter me acompanhado nessa trajetória difícil.

Aos amigos e professores do **Colégio Batista Brasileiro** que apoiaram, enquanto lá estive, e incentivaram esse trabalho.

À **Roseli Moura**, por ter me ajudado a organizar as ideias iniciais do trabalho.

À minha família, **meus pais e meus sogros** por me apoiarem.

Ao **Filipe**, por ter se interessado em vários momentos específicos desse trabalho.

Ao **André**, por ter confiado em minha capacidade para o trabalho

À minha **Igreja** pela oração e pelo interesse.

À amiga **Mariene Moura** pela revisão da tese.

## HOMENAGEM ESPECIAL

Eu não poderia falar de identidade sem oferecer uma palavra especial àquele que Deus me presenteou para ser meu companheiro e com quem diariamente nego atribuições e pertencas. Após 22 anos de convivência matrimonial, há muito dele em mim e de mim nele.

Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas  
Que de hera e rosas eu na fronte ponho.

Para mim, tece as tuas  
Que as minhas eu não vejo.

Um para o outro, mancebo, realizemos  
A beleza improficua mas bastante

De agradar um ao outro  
Plo prazer dado aos olhos.

Fernando Pessoa

VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Tornar-se professor em uma escola confessional**: um estudo sobre a constituição identitária do professor na perspectiva da dimensão da espiritualidade. Tese (Doutorado). Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Pp. 258.

### Resumo

É objetivo desta pesquisa compreender como a dimensão da espiritualidade contribui e participa da constituição identitária de professores e, como, em uma escola confessional, se dá essa constituição. Defendeu-se que a espiritualidade é central às dimensões profissionais de um professor, pois revela o sentido de vida que ele tem, sentido esse que revelará para o seu aluno, por meio de sua prática, por meio de sua fala. Sendo esta uma instituição confessional, acredita-se que ela afete a dimensão da espiritualidade, no professor. Por sua vez, a manifestação dessa dimensão da espiritualidade na identidade do professor afetará a identidade da escola. Como referencial teórico quanto ao processo de constituição da identidade profissional, recorreu-se a Claude Dubar e Zygmunt Bauman. Buscou-se, com Berger e Luckmann, compreender a necessidade de comunidades de apoio no processo de identificação. Ainda, recorreu-se a Placco, que aponta a importância de se considerar a interação e sincronicidade entre as várias dimensões do professor, no processo de ação e formação dele. Evidencia-se que, à proposta de Placco, pode ser acrescentada como dimensão a espiritualidade humana. Para compreensão dessa dimensão da espiritualidade, o referencial teórico foi o de Viktor Frankl. Realizou-se a pesquisa em uma escola confessional na cidade de São Paulo, com cinco professores do Ensino Médio, com a diretora e a coordenadora pedagógica, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, apoiadas por um roteiro e pela utilização de algumas imagens, para interpretação de valores e sentido de vida. Os dados de professores foram analisados a partir de categorias importantes para a constituição identitária e para a espiritualidade. Em seguida, foram confrontadas as informações coletadas junto à Diretora, à Coordenadora e aos professores. Concluiu-se que a instituição participa da constituição da identidade profissional do professor e esse confere significado à confessionalidade da escola. Evidencia-se que a filosofia da escola (expressão da espiritualidade institucional) é central na sua cultura, tanto como a espiritualidade é central para o professor (dimensão do ser humano). Fica evidenciado que a espiritualidade é essencial para a profissão do professor e é um meio pelo qual se pode atuar em sua vida e em sua formação profissional e, assim, atingir o alvo final da educação.

Palavras chave: Identidade de professores, Espiritualidade, Formação  
Continuada.

VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Becoming a teacher in a confessional school**: a study of the process of identity constitution of teachers giving priority to the spiritual dimension.

Doctoral Theses in Education: Educational Psychology. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, Brazil. 2009. Pp.258.

#### Abstract

This research aims to comprehend how the spiritual dimension of a teacher contributes and participates in the process of constitution of identity, and how this happens in a confessional school. It is defended that spirituality is central in the Professional dimensions of a teacher because it reveals the meaning of his life to him. And will be revealed to his students through his practice in class, through his words. In that same direction, the manifestation of his spiritual dimension will affect the school's identity. The research was based on the theory of Claude Dubar and Zygmunt Bauman to explain the process through which a person's identity, and also professional identity is constituted. Through Berger e Luckmann's theory, the research sought to comprehend the necessity of community support in the identity constitution process. Placco's theory helped by pointing out the importance of considering the interaction and synchronicity of the various professional dimensions of teachers. To Placco's analyses it is added by this work the spiritual dimension of the human being. Viktor Frankl's theory contributed in explaining this particular dimension. The research was done in a confessional school in the city of São Paulo, by using semi-structured interviews and images to stimulate the five high-school teachers to reveal values and the meaning of life and profession. The school principal and the pedagogical coordinator were also interviewed. The analyses organized the information in categories that are important for the identity process and for the spiritual dimension. In a second moment, the information from teacher, principal and coordinator were crossed. The conclusion points out that the institution participates in the constitution of the teacher's identity and the teacher confers meaning to the institution's confession. It becomes evident that the philosophy of a school (the expression of its spirituality) is central in its culture just as the spirituality of the teacher is central to him. Therefore, spirituality, being an essential part of a teacher's identity is a great dimension to be focused in a teacher formation process. It is a dimension through which one can work the teacher's professional posture and therefore reach the final aim of education.

Key words: Spirituality, teacher formation, identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO 1 O FIO – ESPIRITUALIDADE .....</b>	<b>11</b>
1.1 CRISE DE SENTIDO.....	12
1.3 ESPIRITUALIDADE E O AMBIENTE DE TRABALHO.....	20
<b>CAPÍTULO 2 FIO - ESCOLA CONFSSIONAL CRISTÃ .....</b>	<b>22</b>
2.1 CONFSSIONALIDADE .....	24
2.2 ESCOLA E CONFSSIONALIDADE.....	25
2.3 A CONFSSIONALIDADE CRISTÃ-REFORMADA .....	30
<b>CAPÍTULO 3 O FIO - MOVIMENTO IDENTITÁRIO .....</b>	<b>33</b>
3.1 CONSNTITUIÇÃO IDENTITÁRIA E TIPOS IDENTITÁRIOS.....	35
3.2 CRISE DE SENTIDO E IDENTIDADE .....	47
<b>CAPÍTULO 4 O FIO - PROFESSOR .....</b>	<b>55</b>
4.1 O QUE É SER PROFESSOR? .....	56
4.2 AS DIMENSÕES DO PROFESSOR .....	60
4.3 CONSCIÊNCIA DA SINCRONICIDADE NAS DIMENSÕES DO PROFESSOR .....	61
<b>CAPÍTULO 5 TECENDO OS FIOS DA TESE.....</b>	<b>63</b>
5.1 IDENTIDADES PROFISSIONAIS, INSTITUIÇÕES ESCOLARES, ESCOLAS CONFSSIONAIS .....	63
5.2 CRISE DE SENTIDO E IDENTIDADES .....	66
5.3 CRISE DE SENTIDO, EDUCAÇÃO, ESPIRITUALIDADE E IDENTIDADE .....	68
<b>CAPÍTULO 6 ESCOLHENDO O TEAR .....</b>	<b>71</b>
6.1 METODOLOGIA .....	71
6.1.1 SUJEITOS .....	71
6.1.2 PROCEDIMENTOS .....	72
6.1.3 INSTRUMENTOS .....	74
ILUSTRAÇÃO 1 .....	85
ILUSTRAÇÃO2 .....	86
ILUSTRAÇÃO 3 .....	87
ILUSTRAÇÃO 4 .....	88
6.2 PREPARANDO O TEAR – ANÁLISE.....	89

<b>CAPÍTULO 7 TECENDO OS FIOS – PARTE 2 .....</b>	<b>91</b>
7.1 A INSTITUIÇÃO E A CONFESSIONALIDADE.....	91
7.2 ANÁLISE DAS GESTORAS .....	98
DIRETORA.....	98
COORDENADORA .....	103
7.3 ATRIBUIÇÕES DA INSTITUIÇÃO PARA OS PROFESSORES .....	109
7.4 ANÁLISE DE CADA PROFESSOR .....	113
PROFESSOR 1 .....	113
PROFESSOR 2.....	122
PROFESSOR 3.....	131
PROFESSOR 4.....	140
PROFESSORA 5.....	152
7.5 ALINHAVANDO A ANÁLISE .....	163
7.6 CRUZANDO OS FIOS DA ATRIBUIÇÃO E DA PERTENÇA.....	169
<b>CAPÍTULO 8 EXAMINANDO A TRAMA E FAZENDO CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>172</b>
<b>CAPÍTULO 9 DESAFIOS ÀS ESCOLAS E À FORMAÇÃO CONTINUADA.....</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>192</b>
ANEXO 1 QUADRO DE ANÁLISE DOS PROFESSORES .....	193
QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 1 .....	194
QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 2.....	197
QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 3.....	202
QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 4 .....	209
QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 5 .....	220
ANEXO 2 QUADRO DE ANÁLISE DA DIREÇÃO E COORDENAÇÃO.....	230
ANEXO 3 CATEGORIAS .....	240
QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS – ATRIBUIÇÃO À ESCOLA .....	241
QUADRO DE ANÁLISE PERTENÇA.....	246
QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS- CRISES .....	252
QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS- VALORES .....	254
QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS – SENTIDO DA PROFISSÃO .....	257

## INTRODUÇÃO

*Fazer uma tese é (...) uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas sem contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir nova maneira de ler ou ver o já visto ou lido.*

*Lucrecia D'Alessio Ferrara<sup>1</sup>*

O ato de pesquisar leva, muitas vezes, a caminhos inesperados e nem sempre previamente planejados.

Por que estudar a identidade profissional de professores da perspectiva da espiritualidade? As respostas a essa pergunta são diversas, contudo para esse trabalho, há duas respostas que se considera necessário ressaltar.

Primeiramente, a educação formal se dá dentro de um processo denominado de ensino-aprendizagem. A pesquisa na área da educação tem como meta olhar para esse processo na busca de identificar possibilidades de aperfeiçoá-la. Neste processo denominado de ensino-aprendizagem, atuam basicamente dois sujeitos: o professor e o aluno. Há interferências diversas,

---

<sup>1</sup> In: ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo:Perspectiva, 1997.p. XII.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

mas principalmente da família e da escola. Esta pesquisa tem como foco um dos sujeitos principais do processo - o professor, e a interferência básica que a escola tem sobre a sua identidade profissional.

Em segundo lugar, o professor é um ser humano com dimensões biológicas, cognitivas, sociais, afetivas e espirituais. Há pesquisas que têm tratado de aspectos diversos do professor e da influência desses aspectos sobre sua atuação e sobre a aprendizagem do aluno. A espiritualidade do homem é, igualmente, significativa no direcionamento de suas ações, inclusive profissionais. No entanto, tem-se percebido uma dicotomia existente entre a vida espiritual e as demais áreas da vida, incluindo a profissional.

Por isso, esta pesquisa tem como foco a dimensão espiritual do professor e a influência da mesma em sua identidade profissional, como também perceber como a escola, com sua confessionalidade, interfere e influencia a constituição identitária do professor.

Iniciou-se esse trabalho de pesquisa com a intenção de estudar a identidade profissional de coordenadores pedagógicos. Para tanto, buscou-se subsídios em Claude Dubar (2005 e 2006), frequentando aulas, lendo textos, participando de três grupos de estudos diferentes com o foco em sua teoria sobre a questão identitária.

Durante esse período, não se conseguiu estabelecer uma relação, pessoal, relevante entre a questão identitária da coordenação pedagógica e as questões que a teoria levantava. Embora exista relevância social e crê-se que há campo fértil para um trabalho sobre a identidade profissional da coordenação pedagógica, a relevância pessoal do trabalho não se afluava.

Ao ingressar em uma tradicional escola confessional da cidade de São Paulo, para o desenvolvimento de um novo tipo de trabalho, surgiram novas inquietações. Ali tem sido desenvolvido um projeto no qual se busca resgatar a identidade confessional e, para isso, estuda-se a cosmovisão que a embasa. É um projeto de grande porte que visa, além do desenvolvimento de projetos pedagógicos, a criação e organização de livros didáticos que traduzam sua

## Tornar-se professor em uma escola confessional

visão de mundo sem perder a qualidade acadêmica e sem deixar de ensinar todas as teorias e competências importantes para o domínio do conhecimento e da cultura desenvolvidos pelo homem.

O novo empreendimento trouxe questões tais como: Como formar professores para tal trabalho? Como formá-los de maneira que, além de um excelente trabalho acadêmico, eles o façam a partir de uma cosmovisão específica de uma escola confessional?

Levada por essa nova trilha, iniciou-se um processo de (re)pensar as dimensões do professor e do seu trabalho profissional. Placco (1992, 1994, 2006) aponta várias dimensões: técnico-científica, a humana interacional, a política, a da formação continuada, a estética e cultural e outras, demonstrando sua sincronicidade com relevos diferentes a cada nova circunstância que é acionada na vida, tanto profissional quanto pessoal do professor. Placco discute que cada ação que interfira em uma dessas dimensões terá influência sobre as demais e que o processo de formação deveria promover nos professores a tomada de consciência dessas dimensões em sua prática.

O reconhecimento dessas dimensões, postuladas por Placco, é de imensa importância para a compreensão e análise do trabalho dos professores e, conseqüentemente, sobre a identidade profissional deles. Contudo, há uma dimensão que não é apontada por Placco e que se considera de grande importância para a questão identitária. Essa é a dimensão espiritual.

A constituição da identidade do professor e da identidade da escola é um campo a ser explorado, guardando relevância muito significativa, seja pessoal, seja social, não apenas pelo fato de que as escolas confessionais têm que lidar com essa questão para a formação de seu corpo docente e para a sustentação de seu projeto político pedagógico, mas também pela presença significativa do ensino confessional no país, o qual se espalha por todos os

## Tornar-se professor em uma escola confessional

quadrantes do território nacional e remonta há séculos, visto que se instalaram no país antes mesmo que o ensino público fosse instituído.<sup>2</sup>

A contribuição dos estudos de Dubar (2005, 2006) sobre a constituição identitária, realizados nos últimos anos, mostrou-se de enorme valia. Revela a importância dessa temática para as escolas confessionais, pois, a partir de sua teoria, compreende-se que a instituição, nessa pesquisa, a escola, tem forte influência na construção identitária do profissional através do movimento de atribuição e pertença.

Outro autor que oferece muitos subsídios para o estudo da identidade é Zygmunt Bauman (2005). Segundo esse autor, em um mundo que oferece uma gama tão variada de opções de ideias, de posicionamentos, de comunidades, a questão identitária toma uma relevância importante.

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, e a maneira como age – e a determinação de manter firme tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. (BAUMAN, 2005, p. 17).

O professor e a escola não ficam fora dessa situação. A escola confessional atribui ao professor a função de sustentar sua confessionalidade através de suas práticas diárias, de suas atitudes e mesmo de seu ato de ensinar. Por sua vez, o professor poderá tomar essa atribuição como pertença ou poderá reagir a ela, rejeitando-a. Como é essa negociação? Como isso afeta a identidade profissional do professor?

---

<sup>2</sup> Essa pesquisa enfoca as escolas confessionais evangélicas. Contudo, reconhece a importância e a força das escolas confessionais católicas, desde os Jesuítas que foram essenciais para o processo educacional brasileiro. Atualmente, as escolas evangélicas compõem a associação ABIEE (Associação brasileira de instituições educacionais evangélicas) que conta com 911 instituições registradas pelo Brasil.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Quanto à confessionalidade: O que é uma escola confessional? Como se caracteriza uma escola confessional? O que significa trabalhar em uma escola confessional? Como as escolas têm feito para formar seus professores dentro de sua confessionalidade?

Parte-se do pressuposto de que a confessionalidade da escola e a espiritualidade do professor caminham juntas. Se entende-se que a confessionalidade é expressão da espiritualidade que a escola professa, o sentido de sua existência enquanto instituição confessional e que a espiritualidade revela o sentido da existência de uma pessoa, então há possibilidade de haver correspondência estreita entre elas. Nesse sentido, a confessionalidade revela a identidade da escola, sua filosofia, seu sentido de existência, assim como a espiritualidade do professor faz parte de sua identidade como pessoa e como profissional, se revelando em sua profissionalidade.

Assim, a outra questão que se discute é a espiritualidade do homem. É uma discussão cuja perspectiva é da educação, com aportes da filosofia e da psicologia. Muito se diz, hoje, sobre a espiritualidade do homem. Há, ultimamente, muitas áreas do conhecimento levantando a questão da espiritualidade. Até na neurologia tem-se pesquisado sobre a Religião do Cérebro (MARINO, 2005). Recentemente, lançou-se um livro sobre a questão da espiritualidade no trabalho. (2008). Embora não se pretenda aprofundar nesses fundamentos, alguns conceitos e princípios serão aqui utilizados para compreensão das relações espiritualidade do professor –confessionalidade da escola.

Para a escola confessional, a discussão desse assunto é de grande relevância, pois é uma discussão que se insere na identidade da escola e na identidade do professor. Há uma negociação entre a instituição, representada por sua direção, e o professor. Esta interação participa do processo de constituição identitária do professor e da escola. É esse processo que se deseja examinar.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Partindo-se do pressuposto que a identidade profissional se constitui nas relações de trabalho, que a instituição, com sua cultura e sua história, participa intensamente desse processo, e que a confessionalidade (expressão da dimensão espiritual da instituição) é central nessa cultura institucional tanto como a espiritualidade é central para o professor (dimensão do ser humano), ao acionar a espiritualidade do professor, possivelmente haverá, sincronicamente, reflexos nas demais dimensões profissionais e pessoais dele e vice-versa. A dimensão técnica, a relação com alunos, colegas e coordenadores e direção, a visão de homem e mundo, sua atuação política terão influências e poderão se alterar. Pretende-se, portanto, investigar em que medida os professores identificam esses valores da escola e identificam-se com eles. Espera-se, assim, identificar em que medida a instituição, com seus valores e sua confessionalidade, interage no processo identitário do professor a partir da perspectiva de sua dimensão espiritual.

Por meio dessa investigação, pretende-se desvelar:

1. Se os professores têm recebido formação continuada para atuarem de acordo com a confessionalidade da escola.
2. A maneira com que os professores negociam com as atribuições feitas pela escola e constituem sua identidade profissional.
3. Como a expressão da confessionalidade da escola interage com a espiritualidade do professor.

Interessa saber como o professor lida com as atribuições que a ele são feitas na instituição confessional. Quais são elas? A pertença do professor é uma atribuição que ele incorpora sem reflexão ou ele a escolhe? Ela coincide com as formas de pertença que o professor tem construído ao longo da vida e ao longo da formação inicial? O professor incorpora à sua identidade as atribuições feitas pela escola? Ele as percebe? Se não as aceita, como negocia com elas para permanecer na instituição?

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Pretende-se defender que a espiritualidade é central ao ser humano, pois revela o sentido de vida que a pessoa tem. Portanto, é também central ao professor, e este, tendo refletido sobre seu sentido de existência, a revelará para o seu aluno por meio de sua prática, por meio de sua fala. Por sua vez, a manifestação dessa dimensão na identidade profissional do professor afetará a identidade filosófica da escola.

As crises, momentos que incitam reflexão e tomadas de posição e, indubitavelmente, impulsionam o processo de constituição identitária, são aspectos que, identificados, facilitarão o olhar para o processo de constituição identitária profissional dos professores. Reconhecer as crises pelas quais passa o professor, inserido nessa sociedade e em determinada instituição confessional, que também vive suas crises, é muito relevante no estudo da constituição identitária dos professores. Pois estes vivem e educam em uma sociedade cujos valores estão abalados e são diversos, o que os instiga a refletirem sobre os próprios valores e os da escola em que atuam.

Em seu livro, *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, Delors (1996) afirma que a educação deve ajudar o aluno a encontrar as repostas às perguntas essenciais da vida: de onde vim, para onde vou e porque existo. Essas respostas dão sentido à vida. Portanto, a escola trabalha com o sentido da vida. Essencialmente, ela trabalha com a espiritualidade da pessoa. Não a religiosidade, mas a espiritualidade, ontológica ao ser humano, como se verá ao longo do trabalho. Ainda mais quando se trata de escola confessional, cuja filosofia se embasa em aspectos de fé, de religião.

No entanto, as escolas revelam essa preocupação? Os professores assumem essa atribuição? Há concordância entre o que a escola solicita e em que o professor acredita e o que transmite?

Procurar-se-á abordar essas perguntas ao longo da análise desse trabalho para dar sustentação àquilo que se está defendendo.

O desenvolvimento do trabalho seguirá a partir da análise teórica do termo 'espiritualidade'. Para definir esse termo, se trabalhará com apoio em

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Viktor Frankl (1984, 1992, 2003) e outros autores que defendem a espiritualidade como busca de sentido da vida. Para esse capítulo, trazer-se-á a discussão levantada por Berger e Luckmann (2004) sobre a crise de sentido que nossa sociedade vive atualmente.

Em seguida, será definido o que se entende por escola confessional, trabalhando com a compreensão de que esta última é a declaração da “espiritualidade” da instituição. A declaração do sentido de sua existência.

O capítulo três trabalhará com a questão da constituição identitária a partir do conceito trazido pelos sociólogos Claude Dubar (2005, 2006) e Zygmunt Bauman (2005). Esses autores, igualmente, abordam questões sociais como causadoras de crises de identificação.

No capítulo seguinte, colocar-se-á a discussão dessas questões em relação ao professor, à sua identidade profissional. Nesse momento, abordar-se-á as questões das dimensões profissionais colocadas pela professora Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco (1994), buscando fazer as relações entre esses diferentes conceitos.

Considera-se importante apontar, já nesse momento, o fato de que se trabalha com autores com um referencial teórico sobre identidade de fundo marxiano, com um assunto quase metafísico, a espiritualidade. Primeiramente, a questão da espiritualidade não surge no debate sociológico, a não ser recentemente com as discussões sobre o conceito de pós-modernidade. Em segundo lugar, percebemos que há espaço, na teoria de Dubar (2006), para incluir essa questão da espiritualidade, o que tentaremos apresentar ao longo do trabalho.

Assim, julga-se de toda pertinência buscar estabelecer essas relações entre a espiritualidade e a identidade profissional.

## CAPÍTULO 1

# O FIO – ESPIRITUALIDADE

*(...)Ser homem significa , já de si, ser para além de si mesmo. A essência da existência humana, diria eu, radica na sua autotranscendência.*

*Viktor Frankl<sup>3</sup>*

O ponto de vista que será trazido sobre a espiritualidade é o de que esta é inerente a tudo que o homem produz e faz em sua vida.

Ao iniciar o estudo sobre espiritualidade, buscou-se definir o que se entende pelo termo. Já nesse sentido, encontraram-se definições díspares e confusas, pois a temática no meio acadêmico tem sido abordada dos pontos de vista biológico, religioso, psicológico e filosófico. (VASCONCELOS,2007; KIVITZ, 2007; BENKO e SILVA, 1996; LOTUFO, 1997; MARINO, 2005 e outros).

---

<sup>3</sup> Frankl, Viktor. 2003, p. 45

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A quantidade de literatura sobre a questão da espiritualidade provocou um questionamento que acabou antecedendo a definição: de onde brota tanto interesse pelo tema?

### 1.1 Crise de sentido

Guerreiro (2004) aponta que esse crescimento do interesse pelo tema tem como provocador a crise da Modernidade.

A Modernidade caracterizou-se pela “razão cartesiana”. Guerreiro (2004) afirma que a natureza foi dessacralizada pela ciência e pelo progresso tecnológico e um rigoroso ateísmo predominou no racionalismo científico do século XX.

Gatti (2005), igualmente, faz clara menção à quebra com os vínculos metafísicos que essa era trouxe para a ciência. Desenvolveu-se um antropocentrismo no qual o homem se torna auto-suficiente como produtor de conhecimento e de maneiras de pensar e agir. A objetividade da ciência e a ‘fé’ de que pela ciência e tecnologia tudo se resolveria foi a tônica desse período. Assim sendo, o homem virou seu próprio objeto de estudo. O materialismo ganhou prestígio e força. A ciência: “Afastou-se dos objetos ou dos poderes transcendentais, religiosos ou metafísicos” (GATTI, 2005, p. 2) e, de acordo com a autora, isso abriu caminho para o “progresso”.<sup>4</sup> A autora ainda destaca que essa cosmovisão da era moderna afeta a sociedade como um todo e revela-se nas relações de trabalho, na família, na vida social, na arte, na ética e na moral.

No entanto, essa separação entre ciência e metafísica, segundo Schaeffer esclarece, produziu um “beco sem saída”.

---

<sup>4</sup> Embora respeitando o posicionamento da autora de que essa separação entre ciência e religião abriu espaço para o progresso, entende-se que é possível e desejável fazer ciência com uma perspectiva teísta, já que nos primórdios da ciência o progresso se deu em função da produção de homens fortemente vinculados à religião, tais como Kepler, Galileu, Guttemberg, Blaise Pascal, Newton, Einstein, Bacon, entre outros. Ao longo da história, os interesses particulares de homens e de poderes foram dividindo ciência e religião. Uns defendendo a ciência e afirmando que a religião cerceia o pensamento científico e outros afirmando que o pensamento científico afasta o homem de Deus.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Schaeffer (2002, p. 28), filósofo cristão do século XX, aponta que as pessoas: “pensavam que o homem finito fosse capaz de, por si mesmo, racionalmente, encontrar uma unidade na diversidade total – alguma explicação adequada para toda a realidade”. Mas, ao perceber que não encontraria um campo racional unificado capaz de conter todo o pensamento, o homem se prendeu dentro de uma escuridão total, que Schaeffer chama de estar: “abaixo da linha do desespero”.

Partindo somente do homem, o humanismo da Renascença (que foi impulsionador do humanismo da era moderna e do movimento da reforma) – e todo humanismo desde então – não encontrou meio de alcançar os universais ou absolutos que dão sentido à existência e à moral. (SCHAEFFER, 2003, p. 33)

Em razão desse cenário declarado pelos autores, a produção do homem passa a indicar a diversidade de sentidos e até a declarar que não há sentido para a existência (Niilismo de Nietzsche).

Essa perda de sentido da vida criou contradições e inquietações diante da ética do desenvolvimento, pois um olhar pela história revela o uso da ciência, da inteligência humana e do desenvolvimento científico não apenas para o bem, mas também para o aniquilamento da humanidade que seculariza o homem; que o afasta do sagrado, do transcendente, do fato de haver uma existência que vai além da que temos e o afasta de Deus. O homem se questiona.

Contraopondo esses questionamentos:

(...) Ganhou força a idéia da emergência de um novo paradigma científico, que poderia superar esta crise da modernidade e da racionalidade, nos mais variados campos. (...) Uma característica central deste novo (...) paradigma é o resgate, após dois séculos de predomínio do materialismo científico, de uma visão de mundo que inclua a espiritualidade, o retorno do sagrado, a busca de sentido e um esforço para re-

## Tornar-se professor em uma escola confessional

estabelecer na educação o que se convencionou chamar de re-encantamento, dentro de muitas propostas educacionais que apostam na superação do modelo analítico newtoniano-cartesiano predominante nos últimos trezentos anos. (GUERREIRO, 2004, p. 14)

Nesse processo de encontrar uma nova maneira de se enxergar a ciência e a produção do conhecimento, de preencher o buraco criado pela separação entre ciência e metafísica, surge a visão da complexidade. Morin (1990) captou esse espírito da chamada pós-modernidade.

Antes, a falta de explicitação de diferenças étnicas, individuais e culturais levou à homogeneização da cultura. O que se propõe agora é uma razão aberta, de acordo com Morin (1990), uma racionalidade que propicie a dialogicidade; o estímulo de uma razão sábia, capaz de autocrítica, pois: “Não poderemos escapar à incerteza de que não poderemos nunca ter um saber total”. (MORIN, 1990, p. 100) Diante da complexidade das informações, da complexidade do homem, este deverá aprender a conviver e a dialogar com as mesmas.

O homem, poderoso, capaz de produzir respostas universais, vê a si mesmo questionado, sem bases para responder a todos os problemas que a vida lhe apresenta.

Berger e Luckmann (2004, p.7) apontam que vivemos uma: “Crise de Sentido”. Fazem uma análise ao tratar dessa crise que nossa sociedade moderna e plural vivencia. Para eles, sentido é a consciência de que existe relação entre as experiências. Essa relação é estabelecida no agir, que é projetado e avaliado em função de experiências já vivenciadas individualmente e na coletividade. O agir do homem é um agir social e é direcionado a pessoas presentes ou ausentes; a um indivíduo ou a uma coletividade; como um ato único ou para ser repetido por eles mesmos ou por outros em momentos semelhantes que se seguirem. É neste agir que o indivíduo constitui sua identidade.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Na sociedade plural e moderna, a vida, a identidade e a razão da existência são constantemente colocadas em questionamento. De acordo com Berger e Luckmann, a maioria das pessoas: “Sente-se insegura num mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação e, (...) perdidos.” (2004, p.57). Não existe nada que seja auto-evidente. Em cada comunidade de vida, as regras e os valores são questionados e passam por adaptações para atender aos indivíduos e seus desejos e valores individuais. Os supra-sentidos perdem seu “lugar”.

Berger e Luckmann (2004) ainda apontam duas maneiras com as quais os vários grupos sociais têm tentado lidar com a situação. Ou se fecham e fecham as brechas para que seus membros não vejam o que é diferente, ou abrem totalmente e liberam qualquer exigência de valor que unifique. Tanto o fundamentalismo quanto o relativismo geram perigo para a constituição de sentido dos indivíduos. Se há crise de sentido, crise no élan de viver, na esperança, como está o processo de constituição identitária da pessoa?

É nesse espaço de transitoriedade conceitual, de revisão de valores, de verdadeira escuridão de sentido, de crises identitárias pessoais e profissionais que adentram ao campo científico as pesquisas e estudos sobre o transcendente, o metafísico e o espiritual. É nessa visão da razão que se vê a possibilidade de um diálogo entre a ciência e a filosofia, entre o real e o metafísico e, afinal, com o próprio sentido da vida.

O olhar para a espiritualidade, no mundo contemporâneo, apresenta-se como uma maneira de resgatar a relação do homem com o transcendente e da ciência e conhecimento com o metafísico.

### 1.2 O que é espiritualidade?<sup>5</sup>

Para Espírito Santo (2006), a espiritualidade é autoconhecimento, a consciência de que há esta dimensão no ser humano. Já para Santos Neto (2006), que inspira a definição de Espírito Santo, é interioridade, consciência de si em níveis corporal, racional e espiritual.

Para Dupré e Saliers (1989), vida espiritual é diferente de vida religiosa. A vida espiritual é baseada na presença divina. Saliers (1989) afirma que a espiritualidade tem relação com o desafio de buscar inteireza na existência humana em relação a Deus e ao outro. Para este estudo, essa visão da espiritualidade é interessante, pois permite que não se adentrem nas defesas de diferentes denominações. Entende-se que há necessidade de se tratar de uma relação com o Divino, com uma força que transcende a realidade e por isso permite que não neguemos a existência de Deus, mas deixa que cada indivíduo opte por como irá definir essa relação.

A visão que se tem do mundo, do homem e de Deus tem relação direta com a definição que se dá à espiritualidade. Estudar a espiritualidade é estudar um campo no qual não existe neutralidade.

Continuando o levantamento de definições de espiritualidade, para Dupré (1998, p.3), as demandas do século XX revelaram a necessidade de ligar a esfera interior com o engajamento social e comunitário; a vida interior, a piedade, mistura-se com o engajamento social e ecológico. Há necessidade de coerência entre a vida social e a vida espiritual. A vida espiritual não deve nos isolar da sociedade, mas nos integrar de tal forma que a sociedade receba seus efeitos. Para ele: “A vida espiritual é transformadora de todos os aspectos

---

<sup>5</sup> Para a autora desta pesquisa, a espiritualidade tem um significado pessoal que expressa sua relação com Deus. O Deus que considera é pessoal, amoroso, criador e sustentador de tudo. Essa crença, esse valor, dá sentido à sua existência e revela-se nas suas relações pessoais e na sua relação com o mundo de maneira geral. A pesquisadora tem clareza de que, não obstante sua necessidade de tomar distância de seu objeto de pesquisa para realizar suas análises, sua visão de espiritualidade será iluminada por seus valores pessoais. Sua honestidade como pesquisadora exige que se coloque com transparência e que tome os cuidados necessários para a futura análise dos dados.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

da vida” . Vê-se em sua definição que espiritualidade implica na relação com o outro, transcende a pessoa em si e contamina seu espaço de convivência.

Barros (2003), ao comentar o estudo da espiritualidade como campo científico, faz algumas afirmações que trazem grande contribuição. Primeiramente, o autor lembra que, para estudar ciência, são necessários homens de espírito. Em seguida, ele retoma uma hierarquia epistemológica e coloca que: “A espiritualidade em si é de ordem transcendental e não é passível de ser tratada no nível científico”. Apenas se pode interpretar os fenômenos concretos. Ele revela que, a partir das ideias de Aquino, vê-se que o homem tem potencial de ir junto com outro, de estabelecer relação com outro. Ainda para o autor, a espiritualidade representa a dimensão de infinito que habita cada homem, não importando a finitude de suas circunstâncias. Essa concepção de infinito estabelece uma relação de um ser com o outro. Por conta desse sentimento, o ser humano vê a sua existência para além de si mesmo. Ao ir além de si mesmo, ele vai justamente para a realidade que o circunda.

Um exemplo forte que se tem evidenciado é a preocupação de muitos com a questão ecológica. Para muitos, essa questão passou a ser uma verdadeira profissão de fé.

Isso se evidencia também em Boff (2006, p.10) que, ao trabalhar com o termo espiritualidade dentro do contexto da sociedade, afirma que essa última vive uma crise de sentido e chega a afirmar que esse: “Buraco existencial é do tamanho de Deus”. Para ele, a espiritualidade é o que produz dentro de nós mudanças que se refletem na sociedade, na comunidade.

Também para Scott (2003), pesquisador da Universidade de Oxford, a espiritualidade está relacionada com a busca de sentido na vida e a busca pelo significado das experiências que se vive. Para ele, a espiritualidade deverá ser conceitualizada como universal, intrínseca à educação e à noção de uma pessoa educada para que ela possa determinar sua relevância no mundo; deve ser disponível para os religiosos e não-religiosos.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Kivitz (2007, p. 32) aponta que:

Toda vez (...) que o ser humano está diante da possibilidade da perda de seu ser e sentido, está diante do que o preocupa de forma última, e nesse sentido está diante do sagrado, do infinito, confrontado pelas limitações do tempo e do espaço, sendo exatamente nesse limiar que se manifesta sua dimensão espiritual.

Das considerações desses diversos autores, conclui-se que a espiritualidade é essa preocupação com a finitude da vida, com seus limites, com o sentido da existência, e essa preocupação afeta o outro, a sociedade e transforma as relações e as pessoas.

Archilles e Mahfoud (2001, p. 2), inspirados por Viktor Frankl, abordam o tema da espiritualidade a partir dos conceitos de liberdade e responsabilidade. Afirmam que: “A dimensão espiritual mostrou-se (...) como dimensão de vivência da liberdade e responsabilidade”. Para eles, responsabilidade caracteriza-se pela capacidade de responder às circunstâncias presentes na vida e pela liberdade para tomada de posições. É no exercício da liberdade e da responsabilidade que o homem encontra sentido para sua existência.

Viktor Frankl (1992, p. 21), fundador da Logoterapia, argumenta que o homem é um ser bio-psico-espiritual: “Não será demais dizer que somente esta totalidade tripla torna o homem completo”. A espiritualidade, para ele, é a característica mais específica do homem. Ainda mais importante para o que se deseja reforçar, ele afirma que: “O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido (impulsionado) e cessa quando cessa de ser responsável. O homem, propriamente dito, se manifesta onde (...) houver um eu que decide”.

O autor reforça que o homem é criado à imagem de Deus, o Criador, e que, justamente por isso, é um ser livre para escolher aproximar-se de Deus ou se afastar Dele. Afirmar, ainda, que: “Como senhor de minha vontade, sou criador, como servo de minha consciência, porém, sou criatura.”

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Já dissemos que a consciência é a voz da transcendência, e, por isso, ela mesma é transcendente. O homem irreligioso, portanto, é aquele que ignora esta transcendência da consciência. Com efeito, o homem irreligioso também tem consciência, assim como responsabilidade; apenas ele não questiona além, não pergunta pelo que ele é responsável, nem de onde provém sua consciência.

Ser criado à imagem e semelhança de Deus tem um significado muito específico: Deus é pessoal, portanto o homem também o é; Deus é racional, portanto o homem também o é, e, com sua razão, pode conhecer a criação mais e mais; Deus é criativo, portanto o homem também o é. (FRANKL, 1992, p. 42)

Ainda, para ele, o trabalho é onde se cria algo para o outro. Com muita clareza, ele expressa essa dimensão humana:

(...)Ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. E, com base em sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida que se esquece de si próprio. (FRANKL, 1992, p.77-78)

Essas afirmações revelam uma visão do homem composto por dimensões biológica, psicológica, social e espiritual. Só o homem é constituído por essa dimensão espiritual. Ela inclui e integra as demais dimensões do homem, por isso, é considerada uma dimensão superior. (ACHILLES e MAHFOUD (2001); BARROS (2003); FRANKL (1992, 2003); MORAIS (1997)).

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Diante desse conjunto disperso de definições, buscou-se identificar pontos de convergência que auxiliaram na construção de uma direção para a pesquisa. A partir disso, chegou-se à seguinte definição.

Espiritualidade é uma dimensão estritamente humana, com a qual o sujeito confere sentido à sua existência, por isso, está além da própria existência. É uma dimensão que transcende às demais, por isso, oferece o pano de fundo sobre o qual cada um constrói seus sentidos.

Espiritualidade é o conjunto de elementos e fatores que cada ser humano tem dentro de si que o faz se sentir parte de algo transcendente, algo que vai além da própria existência. Esses fatores dão à vida do ser humano sentido e direção e geram nele a responsabilidade pelo outro, pela existência humana em geral.

Portanto, o homem é constituído para autotranscendência, para o encontro com o outro, seja o outro Deus ou seu semelhante. O homem realiza-se na execução de atos espirituais dirigidos a alguém. Esses atos se manifestam no amor e no trabalho. Esses são atos que constituem sentido à vida; são maneiras pelas quais o ser humano se projeta para fora de si mesmo. Por força do objeto de estudo desta pesquisa, adentrar-se-á a questão do trabalho de maneira mais específica como forma de projeção do ser humano, sem, entretanto, desconsiderar o amor como forma de se dar ao outro.

Por tudo isso, pode-se afirmar que espiritualidade não é um conceito preso à religião, mas é ontológico ao homem em sua busca de sentido para a existência. Ela é um sentimento que o ser humano traz dentro de si e o transporta para além de si. Esse sentimento se exterioriza por meio do trabalho e do amor.

### **1.3 Espiritualidade e o ambiente de trabalho**

A espiritualidade, embora não sendo um conceito com uma única definição aceita por todos, tem sido apontada nas pesquisas como novo caminho de transformação das relações entre as pessoas e dentro das

## Tornar-se professor em uma escola confessional

empresas; Vasconcelos (2008) afirma que é no meio do trabalho que se externa os valores morais, a ética. Ele declara:

Espiritualidade como processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no nosso íntimo em direção ao mundo exterior. No contexto do trabalho, implica em externar plenamente todo o arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam ou dependem do nosso esforço. (VASCONCELOS, 2008, p.17)

Na área da educação, a partir do final da década de 90, no Brasil, o tema da espiritualidade foi tangenciando as pesquisas voltadas para a educação para a paz, para a educação do homem integral, para a inclusão da educação religiosa como disciplina no currículo, entre outros (ESPÍRITO SANTO, (1998); GUERREIRO, (2004); ARAUJO, (2005)). Porém, pouco se vê da espiritualidade em relação à permeação dela como dimensão da identidade do professor. Mais uma vez, lembra-se que foco de análise da presente pesquisa será o de observar como o trabalho focado na dimensão espiritual do professor terá consequências nas demais dimensões profissionais dele e, por conseguinte, na constituição identitária do professor e da instituição. Portanto, veremos a espiritualidade se revelando no trabalho, na relação com o outro.

## CAPÍTULO 2

# FIO - ESCOLA CONFSSIONAL CRISTÃ

*Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração, e tu as inculcarás a teus filhos e dela falarás em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-se e ao levantar-se. Deuteronômio 6. 6-7 (Bíblia)*

Neste capítulo, será explicitado o conceito de confessionalidade e o que isso implica para a escola no seu projeto pedagógico. Proceder-se-á, de maneira breve, a uma explanação da confissão cristã reformada e seu desenvolvimento em relação à educação.

Antes de se adentrar na definição e conceituação de escola confessional e confessionalidade, é importante destacar a relevância desta instituição na sociedade em geral.

Para tanto, volta-se o olhar até o povo judeu e sua concepção de Deus, que perpassou séculos e chega ainda hoje até nós, inclusive por meio do cristianismo. Jaime Pinski aponta esta questão com extrema clareza:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

O grande legado dos hebreus à civilização foi a concepção de um Deus que não se satisfaz em ajudar os exércitos, mas que exigiu um comportamento ético de seus seguidores. Um Deus pouco preocupado em ser objeto de idolatria das pessoas e com o sacrifício de animais imolados em seu holocausto, mas muito comprometido com problemas vinculados à exclusão social, à pobreza, à fome e à solidariedade. (...) Que as pessoas pensassem umas nas outras antes de pensar nele. (...) A doutrinação dos profetas sociais estabelece os fundamentos do monoteísmo ético, que é, por sua vez, a base das grandes religiões ocidentais (cristianismo, islamismo além do judaísmo). (PINSKI, 2003, p. 17).

Para esse autor, a identidade do povo judeu (de partes diversas do mundo) são os seus valores. A pertença comum desses valores é o que os une como povo. São, também, esses valores que perpassam esses séculos e influenciam as religiões, hoje. Portanto, conclui-se que examinar os valores de uma instituição e também os valores das pessoas ligadas a ela é uma maneira de configurar a identidade da própria instituição.

Foi por meio da educação que o povo judeu realizou toda esta influência; educação formal e informal.

Não é objeto deste trabalho tratar da história da civilização, nem do Cristianismo e nem a da educação. Há inúmeros autores que fazem este trabalho, entre eles, Borges (2002), Pinski (2003), Mendes (2005). O que realmente interessa destacar, para o fim que se deseja alcançar, é que “a história do processo educativo, bem como o desenvolvimento da própria civilização, estão diretamente ligados ao desenvolvimento da religiosidade”, pois lidam com os valores.

Borges (2002, p.21) afirma que “a personalidade humana é continuamente influenciada pelo tipo de educação recebida no contexto da família, na escola, através dos meios de comunicação e de todos os tipos de relacionamento”. Portanto, não há neutralidade na ação do homem e

## Tornar-se professor em uma escola confessional

consequentemente nem na do professor. Por isso, a educação cristã não pode deixar de examinar como influencia os homens e a cultura. Que atribuições faz às pessoas a ela ligadas.

### 2.1 Confessionalidade

Nicodemus Lopes (2005) afirma que “ser confessional pressupõe um credo. Como o nome já indica, uma confissão é um conjunto de conceitos e valores que declaramos ser a expressão da verdade”, e, ainda, aponta que “toda instituição de ensino, pública ou particular, é confessional, pois a prática do ensino requer uma filosofia de educação, que, por sua vez, exige idéias, métodos e valores e se orienta para um ideal na educação”.

Ramalho (1976, p. 24) confirma isso ao afirmar que

...em qualquer formação social, objetivos dirigidos aos sujeitos estão subordinados a uma visão mais global que se tenha da sociedade... a atividade educativa subordina-se a uma teoria da sociedade, que lhe vai fornecer os critérios decisivos para sua ação.

Entende-se, portanto, que a confessionalidade, além de expressar um credo, de ordem religiosa, expressa uma ideologia de vida, expressa valores e princípios pelos quais uma instituição se pauta para viver e dar sentido à sua existência.

Diante dessas colocações, evidencia-se que a forma de um determinado grupo ver a sociedade em que está inserido e com a qual contribui terá influência direta sobre o projeto educativo que vier a formular. Por isso, nenhuma escola, seja particular, pública ou confessional está isenta de uma cosmovisão, de uma confissão. Mesmo que esta não seja explicitada, estará sempre relacionada com um paradigma ou com uma ideologia. A questão que se coloca é que na escola confessional, essa confessionalidade, essa filosofia, deve ser explicitada para os professores o que influenciará diretamente sua espiritualidade. No entanto, o professor que trabalha em uma instituição não confessional lida com sua própria espiritualidade, uma vez que é ela que dá o

## Tornar-se professor em uma escola confessional

sentido de sua existência e de sua relação com o outro, e lida com a filosofia da escola em que atua, mesmo que de maneira inconsciente. Não é objeto de estudo dessa pesquisa a escola não confessional, no entanto, cabe perguntar como a espiritualidade do professor influencia a identidade dessas instituições e vice-versa? Como a escola não confessional pode trabalhar a dimensão espiritual do professor?

Segundo Abbagnano (2000), confissão “significa em geral: reconhecer uma coisa pelo que é (...).” Nesse sentido, revela-se que o ato de confessar implica consciência do que se entende por Verdade e consciência do que embasa seus atos.

Borges (2006) aponta que confessar está relacionado com o fato de ‘obedecer’ a uma confissão através de seus atos e ressalta a passagem bíblica de II Co. 9.13: “Visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo”. Ela reforça, portanto, que, se a prática de alguém está incoerente com o que confessa, então, essa confissão é falsa e pode, inclusive, estar negando a confissão. Quanto mais se o professor não tem sequer consciência do que a instituição confessa, ou mais, se ele discordar do que a instituição confessa, a sua prática em sala de aula será desconexa e incoerente com os ideais, com a identidade da instituição.

### **2.2 Escola e Confessionalidade**

O tema da confessionalidade tem sido estudado e refletido por vários estudiosos no Brasil, tanto em congressos como em artigos e teses. (BORGES, (2006); BOAVENTURA, (2001); GREGGERSEN, (2004); HACK, (2001); MACHADO, (1994, 1997); MENDES, (2005); VASSELAI, (2001); e outros). Estas abordagens têm sido históricas, refletindo sobre o desenvolvimento da educação paralelamente à Igreja; refletindo sobre os efeitos da Reforma na sociedade e na educação e refletindo sobre a influência da entrada de igrejas protestantes históricas na sociedade brasileira e sua contribuição para a

## Tornar-se professor em uma escola confessional

educação. São, também, textos que apresentam a evolução histórica de escolas confessionais de denominações específicas.

Outros autores têm demonstrado, discutido e refletido sobre o fato de que, por uma escola ser confessional, não significa que irá atuar com imposição de doutrinas e de evangelismo aos alunos, mas que respeita as diferentes religiões e a liberdade de escolha de cada um. A instituição de ensino que for confessional apresentará sua confessionalidade na visão de mundo, homem e Deus que deverá permear todas as atividades da instituição de ensino (HACK, (2001); RAMALHO, (1976); BOAVENTURA, (2000)).

Vasselai (2001) discute a questão da identidade confessional de uma Instituição de ensino superior católica franciscana e outra metodista. O trabalho confronta os conceitos de educação e os de confessionalidade. O autor discute que os da educação têm por objetivo levar o indivíduo à abertura para o mundo e ao desenvolvimento de sua criticidade e os da confessionalidade, aparentemente de maneira contrária, têm o objetivo de adesão por movimento de fé. Esclarece que o indivíduo formado com bons valores e boa capacidade de análise crítica poderá e deverá ser capaz de fazer suas próprias escolhas de maneira responsável e que este é o objetivo declarado pela maioria das instituições.

Ainda, há a tese de Borges (2006), já citada anteriormente, que demonstra a necessidade de tornar mais explícita a expressão da confessionalidade na instituição de ensino superior confessional e que defende esse espaço como propício para a formação dos valores morais do aluno.

Há associações específicas no Brasil que declaram e explicitam sua confessionalidade, que discutem a prática educativa e até o ensino que o professor cristão precisaria desenvolver, que se preocupam com a formação dos professores e que, para tanto, realizam cursos e congressos. Dentre outras, estão AEC (Associação de Escolas Católicas), ANEP (Associação Nacional de Escolas Presbiterianas), ANEB (Associação Nacional de Escolas Batistas), ACSI – BRASIL (Associação Internacional de Escolas Cristãs), ABIEE (Associação Brasileira de Instituições Evangélicas de Ensino), AECEP

## Tornar-se professor em uma escola confessional

(Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios) e COGEAIME (Conselho Geral de Instituições Metodista de Ensino).

Ao longo dos últimos anos, várias dessas associações, umas com mais ênfase que outras, têm apresentado palestras e reflexões sobre a cosmovisão cristã permeando o ensino e a organização dos conteúdos. O tema do congresso da AECEP, no mês de julho de 2007, foi "Influindo na História com uma cosmovisão cristã" e nos congressos da ACSI e da ABIEE, no mesmo ano de 2007, foram proferidas palestras sobre a integração da cosmovisão na escola e nos conteúdos. Tem-se, inclusive, conhecimento de que há várias instituições de ensino católicas que têm se preocupado em rever seus projetos pedagógicos e em reafirmar suas identidades confessionais. É evidente a preocupação com a temática nas escolas cristãs.

É importante ressaltar, antes de se dar continuidade ao texto, que todos concordam que a confessionalidade necessita expressão visível em suas atividades e em seus documentos, sem, contudo, ser imposta, pois se parte do princípio de liberdade de escolha religiosa, de acolhimento e de amor ao próximo.

Crê-se que é na sala de aula o espaço de maior visibilidade de identidade da escola. Os eventos e os documentos são importantes e dão o direcionamento da cultura escolar, mas é na sala de aula, na prática e atuação do professor que essa cultura será traduzida, interpretada e criticada<sup>6</sup> para e com os alunos.

É o professor que está diariamente com os alunos que dará visibilidade à confissão e contribuirá para a constituição identitária da instituição. Por sua vez, o professor terá que lidar com as atribuições da escola na sua própria constituição identitária. Como estará esse processo? Os professores têm

---

<sup>6</sup> Mellouki e Gauthier. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro intérprete e crítico. In: **Educação e Sociedade** nº 87, Vol. 25, Maio/Agosto, 2004.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

noção de seu papel enquanto concretizadores da confessionalidade da escola que integram?

Uma escola de natureza confessional, que adota uma determinada confissão, professa determinados princípios e valores como sendo sua forma de ver o mundo, sua cosmovisão, sua expressão da verdade, deverá ter discurso e práticas que a identifiquem como tal. A cosmovisão dará sustentação às práticas diversas de cada instituição.

Em sua análise da história da pedagogia, Cambi (1999) aponta diversos paradigmas da pedagogia que surgem em função das muitas inovações e mudanças na Idade Moderna (metafísico, social, humanista, empirista e tecnicista). Um grande educador apontado por ele e que teve grande influência no olhar sobre a educação como um processo de formação do homem integral foi Comenius, “que coloca a formação num itinerário de compreensão do sentido do real no seu conjunto humano, cósmico e metafísico, que vê na concepção cristã seu próprio fundamento” (CAMBI, 1999, p. 209). Comenius elaborou uma ideia de educação universal nutrida por fortes ideais filosóficos e político-religiosos.

No entanto, Cambi (1999) alerta para a mistura e inter cruzamento que ocorrem entre os diversos paradigmas a partir de processos de confrontação e convivência entre eles.

Este inter cruzamento, ocorrido no cotidiano, trouxe consequências para a educação, boas e más. Más, no sentido de implicar pouca clareza dos princípios e pouca consciência de quais deles embasam a prática da sala de aula. Isso é relevante para o tema em questão, uma vez que nem sempre a escola tem convicção de qual ideologia ela defende, transmite e com a qual forma seus alunos. Essa falta de clareza e consciência dos princípios e valores que a sustentam interfere na formação ou na não formação de seus professores e alunos.

Borges levanta uma preocupação que é muito relevante em relação a esse ponto:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Sob este ponto de vista, deveria assumir relevância central, para as instituições que se reconhecem confessionais, a compreensão das implicações decorrentes desta confessionalidade. Compreender a confessionalidade como algo que requer, igualmente, convicção interna e expressão pública, pode implicar na afirmação da necessidade de que uma instituição, ao assumir-se como confessional cristã deveria preocupar-se também com as formas de vivências, proclamação, exaltação e celebração dos valores confessados e compreendidos como intrinsecamente relacionados ao Cristianismo. (BORGES, 2006, p. 38)

As práticas ocorridas nas escolas confessionais não se diferenciam das de outras escolas laicas que desejam formar o cidadão ético. Mesmo que sua filosofia não se refira à convicção de todos, que têm por obrigação traduzirem essa confessionalidade nas vivências, as escolas têm a convicção de que são responsáveis pela formação de cidadãos éticos, responsáveis e ativos. Muitas vezes, nas escolas de ensino básico confessional, a confessionalidade se expressa nas festas de dias das mães e pais, nos momentos em que se reúnem todos os alunos para uma solenidade, nos documentos e até na vivência entre os profissionais, mas não diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Como fazer para que se possa expressar a confessionalidade no processo de ensino-aprendizagem? Como a filosofia da escola pode influenciar diretamente o processo que ocorre na sala de aula entre o professor e o aluno?

Essa questão aponta novamente para a hipótese colocada de que a espiritualidade do professor, que atua em determinada escola, com determinada confissão, é correspondente à confessionalidade da escola. Ou seja, o professor necessita praticar sua ação de acordo com a confissão da escola em que atua. Isso traz implicações na sua formação continuada, nos seus processos de aprendizagem e de constituição identitária.

## 2.3 A confessionalidade cristã-reformada

A escola cristã reformada, nas palavras de Nicodemus Lopes, “se reserva o direito de testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo...”. Essa é a missão maior do cristão. A forma como ele fará isso, e, de maneira específica, como uma escola cristã reformada fará isso terá por base alguns princípios conforme as palavras de Nicodemus Lopes (2005): “A fé cristã reformada é abrangente e forma uma visão ampla de mundo, a cosmovisão reformada. Algumas de suas concepções são fundamentais para a confessionalidade de uma instituição de ensino.”

Na cosmovisão cristã, **A Bíblia** é a Revelação de Deus para o homem. Portanto, Deus se mostra e se faz conhecido na Bíblia e na sua criação.

**Deus** é único, verdadeiro, infinito, pessoal, puro, justo, bom, onipresente, onisciente, onipotente; é o criador dos céus e da terra e de todas as criaturas; criou o homem à sua própria imagem e semelhança; veio ao mundo viver entre os homens na pessoa de seu filho, Jesus Cristo, Salvador e único mediador entre Deus e os homens.

Sendo Deus o criador do **mundo**, este tem começo e terá um fim. O mundo não é uma extensão de Deus, e nem uma projeção do homem, é Sua criação real. Deus deu ao homem a ordem de cuidar e dominar a criação.

O **homem** é a coroa da criação, criado à imagem e semelhança de Deus, portanto, dotado de inteligência, criatividade, inclusive de liberdade para escolher se afastar de Deus.

Em sua Graça Comum<sup>7</sup>, Deus deu a todos os homens inteligência, capacidade de criar, de fazer arte, de desenvolver ciência e de se emocionar.

---

<sup>7</sup> Graça comum: Graça pela qual Deus abençoa a todos com inteligência e capacidade para fazer ciência, cultura e arte.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Para um relacionamento entre os homens, crê-se que a Bíblia é a **ética** pela qual os homens se relacionam, tanto uns com os outros como em suas relações com todas as criaturas.

Por fim, é o ensino sobre Deus e seu propósito para nós, revelado em sua palavra, que motivará e garantirá o pleno desenvolvimento de nossa humanidade e a riqueza de nossas relações com o mundo natural, com os outros homens, conosco mesmo e, principalmente, com Deus.

A educação, formal e informal, é a forma pela qual a fé cristã-reformada pode ser conhecida por todos. Na fé cristã-reformada, crê-se que, favorecendo a leitura e o desenvolvimento intelectual do ser humano, este poderá ter condições de ler e conhecer a Palavra de Deus (a Bíblia) e cumprir o mandato de Deus de “dominar” a criação, fazendo ciência, conhecendo o mundo, suas leis e relações.

A educação confessional serve aos propósitos de Deus como criador do homem, que são o conhecimento dEle e o desejo de glorificá-Lo, a alegria de viver em relacionamento com os demais, o aprendizado, a arte, o trabalho e o prazer. Deus é a nossa suprema âncora metafísica e a substanciação de nossa capacidade de conhecer veraz e concretamente. (NICODEMUS LOPES, 2005, p.4)

A educação, dentro desta cosmovisão, deverá promover no indivíduo o desenvolvimento de sua cognição, de sua afetividade, de seu corpo, de sua ética e moral, partindo do princípio de que o homem é um ser dotado de razão, emoção, corpo material e de um espírito imaterial, que transcende e busca a Deus, mesmo que de maneira inconsciente.

A própria “Didática Magna” de Comenius, nos capítulos de 1 a 6, tem por base todos os princípios da fé cristã reformada. (Comenius, 2006)

A confessionalidade de uma instituição, portanto, expressa-se não só em seus estatutos, em sua disciplina de Ética e Educação Cristã, mas, principalmente em seu trabalho pedagógico cotidiano, na ação de educar.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A partir dessas afirmações, entende-se que a confessionalidade é a expressão do sentido de existência da instituição, é a sua filosofia, seu “sentido de vida”. É esse aspecto que estará em interação com o professor e sua prática e conseqüentemente com sua identidade profissional.

## CAPÍTULO 3

### O FIO - MOVIMENTO IDENTITÁRIO

*A construção das identidades pessoais, subjetivas, plurais não significa a ausência ou a abolição de todo o coletivo, mas a construção de um outro tipo de coletivo(...), mais 'societário', isto é, ao mesmo tempo escolhido livremente e regulado voluntariamente.*

*(Dubar, 2006, p. 184)*

O tema da Identidade e da Profissionalização docente tem sido recorrente nos últimos anos. André et al (2006) realizaram um estudo no qual analisaram as teses e dissertações sobre formação de professores produzidas no Brasil, na área de educação, no ano de 2003 e constataram que esse é um tema que se destaca em pelo menos 43% dos trabalhos. Há, portanto, grande interesse pelo estudo desse tema na área de educação e na psicologia da educação, utilizando-se de diversos referenciais teóricos e diferentes metodologias.

Compreender o processo de constituição identitária na formação de professores no contexto de escolas confessionais torna-se importante em uma

## Tornar-se professor em uma escola confessional

sociedade como a que foi examinada por Berger e Luckmann (2004), a qual oferece tantas e diversas comunidades de ideias e cujas escolas lidam com tantas e diversas filosofias e propostas pedagógicas.

A necessidade de sentir-se pertencente a um grupo de ideias mostra-se nas teorias que serão examinadas como um anseio de todas as pessoas, mesmo que elas acreditem que essas comunidades possam vir a se desfazer. Bauman (2005, p. 30) registra essa mesma questão em relação aos indivíduos de nossa sociedade:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer 'natural', predeterminada e inegociável, a 'identificação' torna-se cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um 'nós' a que possam pedir acesso.

Um dos referenciais teóricos no qual se apoia essa pesquisa é o de Claude Dubar (2005, 2006), sociólogo francês. Esse referencial foi elaborado a partir de leituras e discussões realizadas ao longo do doutorado, tanto na disciplina-projeto (*O papel da experiência na constituição da profissionalidade de professores*, coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Bernardete Gatti), como no grupo de estudo de aprendizagem de adultos, (coordenado pelas Doutoradas Vera Maria Nigro de Souza Placco e Vera Lúcia Trevisan de Souza) e no grupo de pesquisa do CNPQ, (coordenado pelas Doutoradas Marli Elisa Dalmazo Afonso de André e Vera Maria Nigro de Souza Placco).

Claude Dubar tem sido estudado por outros pesquisadores. Ludke e Boing (2004) relatam que já se pesquisou, em 1998, a socialização profissional de professores, no Rio de Janeiro, usando como referencial teórico este mesmo autor. Sua pesquisa tinha como objetivo “desvendar como e a partir de que fatores constrói-se a identidade profissional de um grupo. “Afirmam que, no livro *A socialização – construção das identidades sociais e profissionais*, Dubar trabalha muito bem com a composição identitária dos indivíduos com base nas várias dimensões que entram nessa composição, tais como a psicológica, a

## Tornar-se professor em uma escola confessional

antropológica, e sobretudo a dimensão do trabalho”. (Ludke e Boing, 2004, p. 166 )

Parte-se da compreensão de que a identidade do indivíduo é produto da interação entre parceiros e da trajetória de vida pessoal e social. Dubar (2005) desenvolve um aporte teórico a partir de um referencial denso e substancioso que abrange as clássicas teorias de socialização, da psicologia, da sociologia e da antropologia (Piaget, Durkheim, Parsons, Bourdieu, Hegel, Habermas, Weber, Mead, Berger e Luckmann, e Freud). Com este amplo espectro conceitual, propõe um olhar interdisciplinar para a questão da constituição identitária profissional. Apesar de sua formação ser a de um sociólogo, questiona o estudo da identidade a partir do coletivo, no entanto, demonstra a relevância do sujeito no processo de constituição identitária. A questão da identidade não é fácil, sobretudo na sociologia (por não ser tópico de discussão dos sociólogos)<sup>8</sup>. (Dubar, 2006)

Diante do fato de o autor olhar a questão da constituição identitária profissional a partir da interação com os outros, e a partir do pressuposto dessa pesquisa, de que a espiritualidade implica em transcender a si mesmo e voltar-se para o outro (Deus e o próximo), entende-se que há espaço para se trabalhar dentro do conceito de Dubar com o tema da espiritualidade. Aspecto que ele não aborda, mas que está presente de maneira latente na sua abordagem relacional.

### 3.1 Constnstituição identitária e tipos identitários

Para Dubar, a identidade é compreendida como “resultado, a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, **constroem os indivíduos e definem as instituições**”. (DUBAR, 2005, p. 136, grifo nosso)

De certa forma, Bauman (2005, p. 19) coloca a mesma conceituação. Ele afirma que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria

---

<sup>8</sup> Contribuição de estudo de Trevisan de Souza e Orsolon, 2004 (Estudo não publicado)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar alerta para defender as primeiras em relação às últimas”. Na realidade, é uma negociação entre o que se deseja que permaneça e o que se deseja que mude.

Dubar discute a questão identitária no trabalho buscando compreender como ela se constitui e como se transforma. Para o desenvolvimento do raciocínio do trabalho que ora se apresenta, interessa o movimento que ele constatou entre trabalhador, colegas, patrões e a própria trajetória do indivíduo. Apesar de ter categorizado essas constatações em “formas identitárias típicas”, não se dará maior aprofundamento a essas formas neste trabalho. O que se coloca para ser discutido e examinado é o processo de negociação entre os profissionais da escola e como esse processo entra na questão identitária do professor e da escola.

Bauman, diferentemente de Dubar, que foca a constituição identitária no trabalho, concentra-se em apresentar as características plurais de uma sociedade que quebra paradigmas, que permite e estimula tantas posições e papéis que, além de diversos entre si, são frágeis e de pouca durabilidade. Dentro dessa configuração social, a identidade, que antes era algo que nem sequer se avaliava por ser evidente a todos, hoje é colocada em evidência, apresenta-se como tarefa, como problema a ser resolvido infinitamente.

A dimensão profissional das identidades adquire importância a partir da compreensão de como se produzem e se transformam *no trabalho*, pois o interesse é perceber como se dá o processo de constituição identitária de professores atuando há alguns anos em escolas confessionais e nas relações estabelecidas dentro delas. Hoje, com as muitas mudanças nas relações de trabalho e modos de empregabilidade, bem como as mudanças vividas no mundo social da família, da política e da religião, examinar essa transação é de grande valia para enxergar a forma de surgimento das constituições identitárias. (DUBAR, 2006) Essas podem ser diversas sempre em função dos contextos sociais que servem de pano de fundo para as relações entre os indivíduos.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Para Dubar (2005) cada configuração identitária é resultante de uma dupla transação: uma entre o indivíduo e as instituições (transação objetiva) e outra entre o indivíduo em confronto com uma mudança e o seu passado (transação subjetiva). Isso é resultado de uma articulação entre uma identidade (virtual) *atribuída* pelo outro e uma identidade (virtual) *para si* construída ao longo de uma trajetória de vida anterior, (pertença).

Essa dupla transação proposta por Dubar é também apontada por Bauman como essencial no processo de constituição identitária.

Bauman (2005, p. 21) afirma que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço”. De certa maneira, há uma coincidência entre a afirmação dele e a de Dubar, pois a dignidade humana vem da liberdade de escolha e da segurança do pertencimento. O ser humano vive um conflito, uma tensão constante para inventar-se, para encontrar-se. Na articulação entre as atribuições e pertenças, ele busca o que dele permanece ao longo do tempo e das circunstâncias. Esse é o seu desafio.

A transação objetiva tem relação direta com as recompensas, ou não-recompensas, que o indivíduo recebe em troca de seu trabalho; recompensas concretas, monetárias e afetivas. Já a transação subjetiva é a relação direta que se dá entre o passado do indivíduo e suas próprias projeções futuras. Esta é mais relacionada com seus valores, com sua identidade pessoal, constituída nas relações familiares e sociais. Portanto, a transação subjetiva pode ser vivida pelo indivíduo perpetuando seu “jeito de ser” ou rompendo com seu passado. Quando o indivíduo olha para seu futuro e percebe uma continuidade em relação a tudo o que viveu até então, profissional e pessoalmente, sua transação subjetiva é de continuidade. No entanto, quando não enxerga para seu futuro nada que tenha relação com seu presente ou com o que traz de seu passado, ele vive uma transação subjetiva de ruptura.

Na instituição de trabalho, no caso de Dubar, nas empresas, essa ruptura ou continuidade projetada pelo indivíduo pode ser reconhecida ou não,

## Tornar-se professor em uma escola confessional

o que dará ao processo de constituição identitária do indivíduo determinadas características.

É exatamente esse ponto que interessa analisar. Como era a relação do professor com a educação em sua vida escolar passada? E com a vida espiritual/religiosa? Que sentidos ele tinha para suas experiências e como isso se relaciona com as experiências que ele vive com a escola nesse momento de sua vida? Qual a relação entre essas experiências e como elas o constituem?

Ainda em relação a essa temática, Dubar (2006) produz outro estudo em que aprofunda sua conceituação de identidade e oferece maior compreensão das interações entre dinâmicas sociais e dinâmicas individuais desenvolvidas num contexto de crise da modernidade. “A identidade não é apenas social, ela é também pessoal.” (DUBAR, 2006. p.12)

Nesse sentido, é importante lembrar a relação sujeito–instituição; lembrar as ações necessárias na formação em relação a esse movimento identitário; lembrar que o professor que atua na instituição tem uma história pessoal própria e vive em um contexto político-educacional complexo e que a instituição tem, também, uma história desenvolvida em um tempo determinado e em contextos específicos. A interação desses ingredientes resultará em maneiras diversas para cada sujeito, e, conseqüentemente, externar-se-á para a comunidade escolar com características específicas.

Bauman argumenta que, na nossa era “líquida-moderna”, o indivíduo tem receio de se prender, de se fixar em uma comunidade e perder o “movimento”, a possibilidade de mudanças. Contudo, ele também revela que o ser humano busca segurança, conforto e estabilidade. “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluto de ser devorado...” (2005, p. 84)

Assim o indivíduo vive um eterno conflito em sua constituição identitária. Ao mesmo tempo em que deseja projetar para seu futuro dimensões do passado e do contexto profissional do momento que vive na instituição, ele

## Tornar-se professor em uma escola confessional

também receia se fixar em uma projeção única e perder oportunidades que possam surgir e modificar sua vida. Ele vive um paradoxo.

Diante dessa constatação, atenta-se para a maneira que Dubar escolhe para poder analisar o processo identitário ou o problema da identidade, como colocado por Bauman, é por meio das palavras. As palavras fluem, modificam-se, permitem que a pessoa se identifique de maneiras diferentes em tempos e situações diferentes. A identidade não é uma definição psíquica do indivíduo, não é dada, mas é a expressão individual do mesmo sobre o mundo que vive dentro de si e com os outros.

Na concepção nominalista<sup>9</sup>, a categoria que permite a análise é a palavra, os nomes que são usados em determinados contextos são os modos de identificação variáveis. Recusa-se, nessa concepção, a acreditar na existência de pertenças essenciais e na não existência de diferenças específicas a priori e permanentes entre os indivíduos. Existem modos de identificação, variáveis ao longo da história coletiva e da vida pessoal, situações que dependem do contexto.

Estes modos de identificação se apresentam de duas maneiras: quando o indivíduo expressa as atribuições (identidades para os outros) e quando expressa as reivindicações para si (identidades para si - pertença). As atribuições poderão ser aceitas ou não. É na relação entre esses dois tipos – atribuição e pertença - que está baseada a noção de formas identitárias.

Nessa dinâmica consideram-se os processos biográficos - identidade para si (o que o indivíduo diz de Si mesmo, o que pensa ser, ou gostaria de ser), e, os processos relacionais - identidade para outro (quem o outro diz que sou, a identidade que o outro me atribui). Na articulação desses processos ocorre a atribuição de papéis pelo outro, a interiorização que é a aceitação e vivência do papel e a incorporação, processo pelo qual esse papel passa a fazer parte da identidade social-profissional do indivíduo. A

---

<sup>9</sup> Em contraposição à concepção essencialista de que as coisas são imutáveis e permanentes.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

identidade socialmente construída sofre a ação do tempo e da história possibilitando a evolução das categorias pertinentes à identificação social e pode sofrer alterações pelas negociações identitárias, quais sejam, identidade para o outro conferida e identidade para si construída; identidade social familiar e identidade social visada. (GATTI et al., 2006, p.2)

Nessa relação, atribuição e pertença podem coincidir (quando aceito a pertença herdada e definida pelo outro como única possível). Podem divergir, (quando alguém se define diferentemente das palavras usadas pelos outros).

Basicamente, essa é a noção que será considerada no processo de análise dos dados que serão levantados nessa pesquisa. Quanto dessa identidade proferida pelo professor coincide com a identidade conferida a ele pela instituição? Que “identidades” estão sendo “lançadas no ar” para que o professor tome posse delas? Em que medida há negociação entre eles? O que gera essas negociações? Como são vistas por ambas as partes?

Nessa argumentação, para Dubar, identidade é diferenciação, a produção de singularidade; ao mesmo tempo, é generalização, partindo do que existe de comum num grupo de pertença.

Bauman expõe a mesma ideia:

As batalhas de identidade não podem realizar sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar, isentar e excluir. (BAUMAN, 2005, p. 85)

Compreende-se, portanto, que identidade é um paradoxo, que é resolvido no outro e que varia historicamente.

A hipótese estruturante desse livro é a de que existe um movimento histórico, (...) de transição dum certo modo de identificação para um outro. Trata-se, mais precisamente, de processos históricos, ao mesmo tempo coletivos e individuais

## Tornar-se professor em uma escola confessional

que modificam a configuração das formas identitárias como modalidades de identificação. (DUBAR, 2006, p. 10)

Assim Dubar explicita certos modos de identificação que partem de dois eixos, fruto de um movimento histórico no processo de configuração identitária. Esses dois eixos são o comunitário e o societário.

As primeiras formas identitárias seriam as COMUNITÁRIAS, que implicam a existência de comunidades que dão nomes e lugares pré-determinados aos indivíduos e que se reproduzem de forma idêntica ao longo das gerações, de forma que os indivíduos têm seu lugar singular enquanto ocupantes no seio destas comunidades. São fontes essenciais de identidade. Essas formas podem constituir-se no movimento para si e no movimento para o outro, podendo haver acordo entre a atribuição (para o outro) e a pertença (para si), ou não. No caso de não haver acordo, esse indivíduo poderá viver um momento de crise por não ser reconhecido justamente pelo grupo ao qual acha que pertence.

As formas SOCIETÁRIAS (recentes e em emergência) supõem a existência de coletivos múltiplos, variáveis e efêmeros, aos quais os indivíduos podem pertencer por períodos limitados e que lhes fornecem fontes de identificação. Nessa perspectiva, cada pessoa tem múltiplas pertenças, que podem mudar ao longo da vida. Essas formas estão ligadas à crença do primado do sujeito individual sobre as pertenças coletivas e da primazia das identificações – para si - sobre as identificações – para o outro -. Segundo a natureza das categorias utilizadas, as identificações do tipo societário podem produzir tanto identidades – para o outro - como identidades – para si -. O indivíduo pode assumir uma pertença ou pode rejeitá-la.

Bauman (2005, p. 17) explica esse conceito igualmente dividindo as comunidades de identificação em dois tipos: “Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (...) ‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios’.”

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Por esse motivo, faz-se necessário que o indivíduo compare, escolha, reconsidere as escolhas e concilie posições contraditórias.

É a crença na identidade pessoal que condiciona as formas de identificação societária aos diversos grupos (familiares, profissionais, religiosos e políticos), considerados como resultantes de **escolhas pessoais** e não como atribuições herdadas. (DUBAR, 2006, p.10)

Estas dimensões – relacionais e biográficas - de identificação conjugam-se para definir o que eu chamo formas identitárias, formas sociais de identificação dos indivíduos na relação com os outros e ao longo de uma vida. Utilizarei a expressão –configuração de identidade- para designar um agenciamento típico de formas de identificação. O que eu aqui chamo de formas sociais corresponde, pois, a configurações típicas de formas identitárias. (Ibid., p.11)

Transformações na organização econômica, política e simbólica das relações sociais interferem no modo como os indivíduos se identificam. Isso se dá em função de processos sociais de longa duração.

Dubar mobiliza três construções teóricas que privilegiam alguns processos sociais particulares: o político, a partir de Norbert Elias, o simbólico, em (...) Weber e o econômico, a partir de Marx e Engels. Essas duas últimas construções teóricas não abordam a questão da identidade, mas sim a crise nos processos sociais suscetíveis de provocar novos modos de identificação.

Portanto, a partir desses autores, Dubar defende que o processo de constituição identitária está ligado ao processo histórico, aos eventos, às relações estabelecidas no processo histórico de maneira geral e às vivências pessoais dos indivíduos. Esse movimento de identificação se dá de forma política, por meio das relações de poder e autoridade (pais, professores, chefias), de forma simbólica (a partir de escolhas de grupos sociais com os quais se deseja associar) e por questões econômicas (sustento e trocas instrumentais).

## Tornar-se professor em uma escola confessional

O autor ainda apresenta esse movimento a partir de categorias que interagem no indivíduo com diferentes configurações. Nesse movimento, as pessoas vão construindo suas identidades.

O processo pelo qual se constituem essas configurações é explicitado pelo autor da seguinte maneira: primeiramente, o indivíduo organiza-se em torno de uma forma dominante (comunitária ou societária), para poder se ver e ser visto. A partir daí constrói uma identidade para si.

Dubar (2006) encontra formas intermediárias no processo que ocorre entre a forma comunitária – na qual o Eu é completamente definido pelas atribuições dos outros, pela genealogia e herança de traços culturais (o qual chama de ‘forma cultural’) e a forma societária – “que une ‘Nós’ contingentes e dependentes de identificações estratégicas e ‘Eus’ perseguindo seus objetivos de sucesso econômico e realização pessoal (que denomina ‘forma narrativa<sup>10</sup>)”.

(DUBAR, 2006, p. 50) Essas formas intermediárias são:

1 A aliança de um nós comunitário e de um eu íntimo voltado para o interior (‘forma reflexiva’). Nessa forma, basicamente o que ocorre é o indivíduo que separa completamente sua realização pessoal da instituição em que trabalha. O indivíduo cria e vive uma situação de realização paralela ao seu trabalho.

e

2 A combinação de um nós societário e de um eu estratégico voltado para o exterior (‘forma estatutária’). Nessa situação, o profissional se beneficia das ligações, das alianças que faz na instituição visando seu próprio crescimento e benefício, até se enxergando com crescimento e promoção na instituição.

Ao todo, ele identifica quatro formas de identificação. Sua análise histórica demonstra que cada período histórico teve um tipo dominante de forma de identificação e que hoje não há um tipo dominante.

---

<sup>10</sup> A partir da identidade narrativa de Paul Ricoeur.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Estas quatro formas coexistem na vida social. Cada um pode identificar a si e aos outros, com qualquer uma delas, a qualquer tempo. São tipos de designação que cada um gera, combina, planeja na vida cotidiana e o seu uso depende dos contextos, das interações e dos recursos de identidade das pessoas visadas (esses recursos seriam linguagem, expressão...).

Forma Cultural – Esse termo é tomado na sua forma etimológica do modo de vida. Dá-se quando a pessoa se traduz pelo seu nome, sobrenome e designa a pertença a um grupo étnico. É a forma mais antiga na sociedade e perdurará enquanto perdurar a supremacia do Nós, as formas místicas de crença e as formas pré-capitalistas de produção. (biográfica pelo/para outro)

Forma Estatutária – Constrói-se pela pressão de integração às instituições. Implica um eu socializado pelo desempenho de papéis. Define-se por meio de categorias de identificação, lembrando que, na sociedade, os estatutos e papéis assumidos são múltiplos. (relacional para o outro)

Forma Reflexiva - É aquela que provém de uma consciência reflexiva, que põe em marcha, de forma ativa, o compromisso com um projeto que tem um significado subjetivo e que implica a identificação a uma associação de pares; é uma partilha. “É a face do eu que cada um de nós deseja ver reconhecida pelos outros significativos que pertencem à sua comunidade de projeto”. (DUBAR, 2006, p. 51) (muito comum em espaços de militância política, sindicatos...) (relacional para si)

Forma Narrativa (Si Narrativo) - Implica o questionamento das identidades atribuídas e um projeto de vida com longevidade.

É a história que cada um conta de si sobre aquilo que é. É a continuação de um eu projetado nas pertenças sucessivas, perturbado pelas mudanças exteriores, abalado pelas vicissitudes da existência. Continuação de uma ambição ética que dá sentido à vida. (biográfica para si). (DUBAR, 2006, p. 52)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A forma narrativa é um momento do processo de identificação interessante, pois, no momento em que o indivíduo é capaz de se narrar, de falar de si, independentemente das circunstâncias que o afetam, há maior estabilidade no processo identitário. Aquilo que o sujeito narra é o que se mantém, o que permanece, independentemente das circunstâncias que ele vive. As circunstâncias e negociações não deixarão de existir e de exercer influência no sujeito, mas, sem que este perca a clareza de sua narração (passado, presente e futuro). A cada nova forma de narração, o sujeito constrói para si bases para se identificar na sociedade.

Bauman (2005) alerta para o perigo de identidades fechadas que recusam engajamento com outras comunidades. Não se entende a forma narrativa, discutida por Dubar, como um fechamento em si, mas, sim, como a capacidade de se enxergar em meio às diversas posições sociais e em meio às diferentes configurações necessárias.

...eu diria que a ambivalência que a maioria de nós experimenta a maior parte do tempo ao tentarmos responder à questão da nossa identidade é genuína... Também diria que teremos que nos confrontar vezes sem conta com a tarefa da 'auto-identificação', a qual tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo plenamente satisfatório... (BAUMAN, 2005, p. 105)

Nesse ponto, pode aparentar que os autores (Bauman e Dubar) divergem, pois, para Bauman, a identidade é líquida, muda com velocidade e de acordo com os contextos e a explicitação de Dubar, ela é mais estruturada quanto às formas identitárias e mostra configurações possíveis de identificação. No entanto, para Bauman, a busca da identidade é um processo necessário para que o sujeito possa se manter em uma sociedade líquida<sup>11</sup>. Por isso, encontrar aspectos de si que podem ser narrados e que identificam a pessoa em meio às rápidas mudanças, sem abrir mão dessas mudanças,

---

<sup>11</sup> Sociedade líquida é a nomenclatura que Bauman dá à pluralidade de idéias e às comunidades existentes e à rapidez com que elas se modificam e com que as pessoas se conectam e se desconectam delas.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

oferece, justamente, a segurança necessária para caminhar na sociedade líquida. Identidade líquida não implica falta de identidade.

O foco de Bauman é a liquidez da sociedade, e é essa liquidez (pluralidade de opções e rapidez de mudanças de valores e paradigmas) que gera a crise que leva o indivíduo a pôr em questão sua identidade e assim constituir-se no que Dubar chamaria novas formas de identificação ou configurações identitárias.

Essas formas de identificação, propostas por Dubar, não são separáveis das relações sociais de poder e alteridade. Todas se relacionam com alguma forma de dominação.

Mas ao mesmo tempo em que se diversificam e se tornam complexas, as formas de dominação e de alteridade, correlativas das formas de identificação, entram em crise: elas são postas em causa pelas evoluções econômicas, mas também pelos movimentos sociais de todo gênero. Estas crises põem à prova a gestão da identidade que os indivíduos devem fazer deles próprios e dos outros, em todos os aspectos da vida social e em todas as esferas da existência pessoal. (DUBAR, 2006, p. 53)

Esse processo de constituição das formas identitárias se dá de várias maneiras. Quando há coincidência entre o atribuído (comunitário ou societário) e o reivindicado para si, o eu reflexivo é uma apropriação subjetiva da forma comunitária ou societária.

Quando houver ruptura nesse processo, haverá necessidade de buscar uma nova identidade para si que seja reconhecida pelos outros (às vezes novos outros). Isso pode gerar muitas trocas de comunidades, de espaços, de empregos.

Portanto, não havendo coincidência entre o atribuído e o reivindicado, a identidade reflexiva será complementar de um projeto de vida que não coincidirá com a pertença. A identidade narrativa dará suporte para a

## Tornar-se professor em uma escola confessional

apresentação subjetiva de si. Nesse caso, as crises não são intensas, pois a socialização primária assegurou a supremacia do eu sobre o nós.

A identidade pessoal é uma configuração dinâmica de todas estas identificações cujo projeto de vida (identidade narrativa) assegura a coerência íntima. Assim, no desenvolvimento de sua personalidade (designação freqüente de identidade pessoal), a criança que constrói recursos identitários que lhe são necessários (através de seus parceiros atuais e de suas identificações passadas interiorizadas) constrói a sua própria configuração das identificações (as dos outros e as que ela sabem ser suas) que vêm de formas identitárias diferentes (cultural, estatutária, reflexiva, narrativa). (DUBAR, 2006, p. 151)

Essa configuração, no processo de socialização primária, é provisória e será (deverá ser) reconstruída sempre. Portanto, as identidades se transformam e se constituem em função dos contextos e das relações.

Elas são variáveis em função dos contextos encontrados, flexíveis em função dos Outros concerníveis, reflexivas graças aos recursos de distância em relação aos papéis, e narrativas graças à existência de um projeto de vida apoiado em convicções e ele próprio suscetível de ser revisto em função das crises comuns da existência. (Ibid., p. 151).

### **3.2 Crise de sentido e identidade**

Para Dubar, o que aciona o movimento das formas de constituição identitária são as crises. Ele define crise como uma fase difícil vivida por um grupo, como a ruptura de equilíbrio entre os diversos componentes do grupo. “A hipótese duma crise dos modos de identificação não pode eximir-se à crise econômica que o mundo ocidental está a atravessar.” (2006, p.14). Essa crise gera rupturas nos vínculos sociais de diversas naturezas:

Ser deixado pelo cônjuge, ser despedido pelo patrão, não ser cumprimentado pelo vizinho, ser mal tratado pela

## Tornar-se professor em uma escola confessional

administração constituem rupturas concretas de relações pessoais que, antes, criavam os laços que se qualificavam como sociais. (DUBAR, 2006., p. 14).

Dubar ressalta que podemos olhar o conceito de crise de maneira simplista, restringindo-o à crise econômica. Mas podemos olhar como uma ruptura, ou até fratura do vínculo social dominante, uma crise antropológica. O autor faz uma análise das rupturas que têm ocorrido na França nos últimos 30 anos, nas áreas de família (sua organização e a posição da mulher e do homem na mesma), de trabalho e de profissão, pois se encontram abalados e com novas configurações e, por fim, nas áreas da religião e das ideologias políticas que sofrem por crises éticas.

Essa análise que ele faz coincide com as análises tanto de Bauman (2005), como de Berger e Luckmann (2004). Todos apontam que as contínuas mudanças e revisões de modelos, valores, símbolos etc, põem em questão o processo de identificação, geram crise.

A mudança de normas, de modelos, de terminologia provoca uma desestabilização das referências, das denominações, dos sistemas simbólicos anteriores. Esta dimensão, mesmo quando é complexa e oculta, toca numa questão crucial: a da subjetividade, do funcionamento psíquico, e das formas de individualidade, assim postas em causa. (DUBAR, 2006, p. 15).

Essa ideia da necessidade que o sujeito tem de pertencer, de saber a que ideias e grupos faz parte, surge, no relato de Bauman, a partir do momento em que se percebe que a pertença não é eterna. A questão da identidade só é colocada em causa quando esta é ameaçada ou abalada de alguma maneira

A ideia da 'identidade' nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia. (BAUMAN, 2005, p. 26)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Qualquer mudança na configuração identitária significará uma crise.

Um acontecimento imprevisto corta o curso da vida e engendra perdas materiais, perturbações relacionais e uma mudança da subjetividade.... Estas crises são identitárias porque perturbam a imagem de si. (...) Para encarar seriamente aquilo que parece ser, com freqüência uma catástrofe, era preciso poder mudar de referenciais, de modelos, de crenças, valores, mudar-se a si próprio. (DUBAR, 2006, p. 144).

Diante de uma crise, o indivíduo pode regredir e se fechar em formas comunitárias, fechando-se em si mesmo.

Contrariamente, pode avaliar, avançar e refazer sua trajetória.

Os professores, quando insatisfeitos na escola, por entenderem que não combinam com os valores que a mesma defende, podem mudar de escola ou podem mudar a escola. Essa mudança pode ser feita de maneira consciente, na qual o professor identifica seus valores e vai atrás de um projeto pessoal que estimule a realização ou a implementação de seus valores ou pode promover na escola uma “crise” em que os valores são questionados e pensados.

Há ainda a possibilidade de que o professor saia da escola, em um processo doído, no qual fica preso ao seu passado, à ‘escola antiga’, a valores de uma determinada época e não se encontra mais em seu contexto real. O que poderá gerar uma fuga de si, uma impossibilidade de se narrar.

Isso gera a impossibilidade de dizer de si, de falar de si na primeira pessoa e é, com freqüência, um indício de fixação de lugares e papéis comunitários. (DUBAR, 2006, p. 146)

No entanto, o próprio autor afirma que esse risco de fuga de si e de encerramento comunitário implica também a possibilidade de desenvolvimento de novos laços sociais e pessoais. Pode então ocorrer o que se chama de alternation.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Dubar trabalha o conceito de 'Alternation' de Berger e Luckmann. Esse conceito descreve como se dá a conversão a uma outra cultura, outra religião, outra crença, outra escola, outra filosofia escolar e de vida; explicita um processo de transformação de si que se dá pela necessidade de desenvolver novas identificações (comunitárias ou estatutárias). Isso é muito saudável e esperançoso, pois a sociedade é rápida em suas mudanças e o sujeito, mesmo que mais lentamente, ou com certa rebeldia, pode refletir e avançar em seu processo identitário.

Qualquer mudança de configuração identitária passa por este tipo de crise que acompanha geralmente os momentos cruciais da existência, as mudanças de estatuto, os acontecimentos mais importantes da história pessoal. Eles implicam a reconstrução duma nova identidade pessoal, diferente da antiga, não só porque o estatuto muda objetivamente, mas também porque o indivíduo deve gerir subjetivamente novas relações com os outros e, talvez sobretudo, a continuidade com seu passado, o seu presente e o seu futuro. Mas, não é sempre assim, desde que nasce, ao longo da infância e na adolescência? Não serão também as teorias de desenvolvimento teorias da construção de identidade pessoal?(DUBAR, 2006, p. 148-149)

Na prática concreta, isso se dá por meio da experiência. Esta, de acordo com Dubar, (2006, p. 154) “é palavra-chave para pensar em conjunto a maturação biológica, o desenvolvimento psicológico e a transformação social”.

As pessoas, nessa visão de constituição identitária, buscam algumas permanências em si e no espaço em que atuam, mas projetam novas configurações e contextos, com a compreensão de que as experiências as modificarão.

A identidade pessoal, assim concebida, não é determinada pelas suas condições sociais, mas é construída a partir de recursos da trajetória social que é também uma história subjetiva. (Ibid., p. 168). Não há determinação, mas há influência nas experiências que são vividas por meio das relações que são

## Tornar-se professor em uma escola confessional

estabelecidas. Passa-se a vida buscando firmar e constituir a identidade, sabendo que a própria vida irá promover situações que geram configurações diferentes. No entanto, o que temos que permanece em nós independente das circunstâncias? Essa é a pergunta que o sujeito se faz, no processo de auto-identificação.

A identidade pessoal, assim como a identidade profissional,

...é a conquista permanente de uma identidade narrativa na e pela ação coletiva com outros eleitos. A identidade pessoal implica a interiorização de uma atitude reflexiva (Si próprio) através de e em relações significantes (...) que permitam a construção de sua própria história (Si) ao mesmo tempo que a inserção na História (nós).

A identidade pessoal dos sujeitos em aprendizagem não é adquirida tal qual à nascença. Ela constrói-se durante toda a vida. Mas (...) não se reduz a uma interiorização passiva e mecânica das identidades herdadas, do conjunto de características ligadas à nascença (a forma cultural do eu nominal), nem a papéis estatutários predefinidos (a identidade estatutária do eu socializado). Ao contrário, ela conquista-se frequentemente contra estas últimas, por distanciamento e rupturas que não excluem nem as continuidades nem as heranças. (DUBAR, 2006, p. 170)

O sujeito (que é social e pessoal) deve gerir essa dualidade. Pois,

A construção das identificações pessoais subjetivas e plurais não significa a ausência ou a abolição de todo o coletivo, mas a construção dum outro tipo de coletivo, diferente do precedente, mais societário, isto é, ao mesmo tempo escolhido livremente e regulado voluntariamente. (...) É de fato a crise que revela o sujeito a ele próprio, o obriga a refletir, a mudar, a lutar para a superar e a inventar-se a si próprio, com os outros. (Ibid., p.184-185)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Como já afirmado, para Dubar, (2006, p. 173) “as questões de identidade são fundamentalmente questões de linguagem”, ou seja, “identificar-se ou ser identificado não significa só projetar-se sobre ou assimilar-se a; é, antes de tudo o mais, dizer-se através de palavras(...)”. “A (...) linguagem é uma componente maior da subjetividade”. As palavras escolhidas (ou não) para se descrever os sentimentos e opiniões que são expostos, ao falarmos de uma música, de uma obra de arte ou de algo significativo, revelam a subjetividade da pessoa.

Entende-se que ‘identidade para mim’ é quando o sujeito é capaz de narrar-se; quando percebe seus movimentos, percebe as mudanças e as pertencas e não se abala, mas dimensiona e organiza esses processos. Sente-se com liberdade para decidir o que fazer com suas circunstâncias e sabe que sua liberdade está atrelada à responsabilidade pelo outro. As circunstâncias podem se alterar e podem até abalá-lo, mas o sujeito se mantém em seu eixo ou o retoma com certa facilidade.

Chama a atenção essa ligação entre identidade, linguagem e aprendizagem feita por Dubar. Parece que se deve dar uma grande ênfase à aprendizagem em serviço, a partir da reflexão sobre a prática e da narração da prática em grupo e individualmente. A formação trabalharia a capacidade reflexiva do professor para desvendar aquilo que lhe é atribuído e que ele não enxerga, para que possa escolher ou negar, ou incorporar ou negociar; para provocar crises, movimentos de crescimento e ajudá-lo a se narrar.

Se identidade narrativa implica na possibilidade de narrar um projeto de vida, mesmo que seja flexível, evidentemente, o sentido da vida está ligado à constituição identitária dos indivíduos. Os sistemas de valores que regem essas experiências são compartilhados e são geradores de sentido. Os sentidos são objetivados e processados e interagem com os sentidos subjetivos que fazem parte do projeto individual das pessoas.

Integrar seus sistemas de valores em uma sociedade plural, na qual não há mais um conjunto de valores comuns, é difícil, se não impossível, por isso vivemos uma crise de sentido, conseqüentemente, uma crise de identidade.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Se não for possível limitar a interação, causada pela pluralização, por “muros” de um outro tipo, o pluralismo se tornará plenamente atuante e, com isso, também uma de suas conseqüências: a crise ‘estrutural’ de sentido. (BERGER e LUCKMANN, 2004, P. 49).

“De fato, a mudança obsessiva e compulsiva (chamada de várias maneiras: ‘modernização’, ‘progresso’, ‘aperfeiçoamento’, ‘desenvolvimento’, ‘atualização’) é a essência do modo moderno de ser.” (BAUMAN, 2005, p. 90). Há uma insegurança gerada por essa pluralidade de opções que leva o sujeito a buscar em determinadas comunidades a proteção para essa sensação. Para esse movimento de atualização, falta o valor da confiança, da fé, que para Bauman, é encontrado no fundamentalismo (inclusive religioso). Esse fundamentalismo “transmite uma confortável sensação de segurança a ser ganha e saboreada dentro dos muros altos (...)que isolam o caos reinante lá fora.” (BAUMAN, 2005, p. 91)

Bauman ainda retrata essa situação com uma analogia sobre portos e marinheiros, deixando muito evidente que a busca por um porto seguro é um movimento do homem.

“Já que os grandes portos foram fechados ou privados dos quebra-mares que costumavam torná-los seguros, os infelizes marinheiros ficarão propensos a construir e cercar os pequenos refúgios onde podem ancorar e depositar as suas destituídas e frágeis identidades.” (2005, p. 53)

Essas comunidades, religiosas ou não, oferecem um ingrediente essencial para a vida digna do ser humano, um senso de propósito, um élan de vida, uma esperança, um sentido de vida.

Esse movimento de busca de construção de muros e cercas é gerado por excesso de opções de identidades, por uma pluralidade de valores, pela perda da separação entre o que é público e o que é privado, pela falta de valores universais.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Bauman nos alerta para o cuidado que se deve ter com esse movimento, pois, ao mesmo tempo em que é o movimento de busca de pertencimento, é também um movimento de isolamento e segregação.

Na instituição escolar, em relação ao processo de identificação da escola e do professor, esse movimento também ocorre. O professor e a escola poderão se isolar de outras instituições educacionais e deixar de avançar em seu processo identitário, fechando-se em seus muros. Há também o risco de um professor, buscando a segurança do pertencimento, deixar de contatar outras possibilidades de identificação e trazer paralisação para si e para a instituição.

Entende-se que o movimento de identificação, com seu paradoxo, com suas crises, é saudável para o processo de narração da pessoa, pois gera um auto-exame constante na busca de enxergar o que se está construindo e o que permanece desde o passado e se projeta para o futuro, independente das circunstâncias no entorno.

## CAPÍTULO 4

### O FIO - PROFESSOR

*O que se deseja é um educador que saiba o resultado almejado, antecipe seus resultados na mente, saiba que os resultados almejados e as ações necessárias aos mesmos são-lhe significativos e fazem parte de sua maneira de ver a educação, o homem e a sociedade e saiba, ainda, avaliar suas ações, em relação aos resultados esperados.*

*Vera Placco<sup>12</sup>*

Definir o professor é uma tarefa à qual muitos têm buscado realizar. Pesquisar a identidade profissional do professor é falar sobre o que é ser professor; ao mencionar as dimensões profissionais dele, está se definindo o que é ser professor. Só será possível tratar e planejar a formação de professores quando se souber que tipo de profissional se deseja formar. Esse trabalho não visa regular diretamente a formação do professor, mas faz-se necessário deixar claro como se enxerga o professor, que tipo de professor se

---

<sup>12</sup> Placco. 1994, p.25

## Tornar-se professor em uma escola confessional

deseja formar, lembrando que as experiências vividas na formação, tanto inicial como continuada, implicam na constituição identitária.

### 4.1 O que é ser professor?

Mellouki e Gauthier (2004) propõem que se olhe o professor como um intelectual, pois ele herda, interpreta, critica, produz e divulga cultura, papel esse de um intelectual na sociedade.

Quaisquer que sejam elas, as técnicas, na realidade, não são mais do que meios por intermédio dos quais o professor tenta colocar os conhecimentos gerais e disciplinares ao alcance dos alunos. Ao fazer isso, ele está agindo como um intérprete, um tradutor e um divulgador.

É nessa tarefa de mediação que se revela o papel de intelectual do professor, papel não só de portador, intérprete e crítico de uma cultura, mas também de produtor e de divulgador de conhecimentos, técnicas e procedimentos pedagógicos, e de agente de socialização, de intérprete e de guardião responsável pela consolidação das regras de conduta e daquelas maneiras de ser valorizadas pela sociedade e pela escola. (MELLOUKI E GAUTHIER, 2004, p. 545)

“Herdeiro, crítico e intérprete da cultura, é esse o papel fundamental que o professor desempenha.” (Ibid., p. 556)

Conforme os autores citados, cultura é o universo de símbolos que engloba a arte, a ciência e a religião. É o modo de ser, pensar e de se comportar, se alimentar, se vestir e se comunicar de uma comunidade qualquer.

Há ainda outro conceito de cultura que é mais clássico: o conjunto de conhecimentos de diversas áreas que formam o gosto e o senso crítico dos indivíduos.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Ambos os conceitos proporcionam um código de leitura e de compreensão “daquilo que eles são em interação com os outros, daquilo que o Outro é, se é semelhante ou diferente do Nós, do seu meio natural, social, cultural histórico”. (MELLOUKI E GAUTHIER, 2004, p. 540)

É neste sentido que se pode definir a cultura não apenas como produto, mas, ao mesmo tempo, como a matéria prima elaborada ao longo da história humana e indispensável à sua construção. (Ibid.p. 540)

O professor é um executor de cultura. Como educador, ele “recebeu o valor simbólico de moldar atitudes e percepções dos jovens”. Isso é papel do professor de maneira ampla para a continuação da sociedade e mais ainda na escola confessional, em que esses valores são explicitados em seu projeto pedagógico e em função da sua confessionalidade.

Nenhum grupo pode reinar sobre as mentes e os modos de vida sem colocar do seu lado os professores e os numerosos especialistas do trabalho escolar e do trabalho ideológico, do controle pedagógico e da gestão do capital humano. (Ibid., p. 553)

Mellouki afirma, ainda, que o professor não é apenas herdeiro de uma cultura imediata, mas tem uma grande responsabilidade de tornar o aluno consciente de sua herança.

Assim, o papel de mestre é tornar o aluno consciente de sua herança, colocando-o em contato com a obra humana passada e com as culturas de outros lugares, com o desenvolvimento das letras e das artes, das histórias das ciências e das ciências e tecnologias. Mas não para aí; o papel vai para além disso. É auxiliando o aluno a situar os conhecimentos, objetos culturais e modos de vida em seu contexto social e histórico que o mestre contribui para a formação cultural do aluno e o ajuda a tomar consciência dos pontos de junção e ruptura que marcam a história humana.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

O professor terá um papel decisivo em todas as suas ações na escola, moldando a mente dos jovens alunos.

Cada discurso, cada gesto, cada maneira de funcionar e de estar com os alunos exige decodificação, leitura, compreensão, explicação.

Quer queiram quer não, quer trabalhe apenas a sua disciplina, ou faça um trabalho medíocre, os professores realizam um trabalho de intelectuais...abrindo o espírito dos jovens para os diversos modos de viver, de pensar e de ser. Esta é a natureza e a finalidade de seu trabalho. (MELLOUKI E GAUTHIER, 2004, p. 559)

‘Moldar a mente do aluno’ é mais do que trabalhar a cognição do mesmo, é ensinar a cultura. É um termo forte esse de ‘moldar a mente do aluno’, contudo, o professor não é um agente neutro, e, ao trabalhar com a cultura, trabalha com determinados valores que são por ele escolhidos ou selecionados. É consequência natural que o aluno vá sendo moldado em determinados valores e visões. O professor é aquele que irá trabalhar com a personalidade do aluno, seus valores e atitudes. Isso é trabalhar princípios, é desenvolver o caráter do aluno.

Para poder fazer tudo isso, o professor precisará estar consciente desses aspectos em sua própria personalidade. Trazendo outra característica importante que descreve os professores, Gatti (2003, p. 4) ressalta que não devemos olhá-los essencialmente como intelectuais, mas como “seres sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações”. Além disso, ela destaca que se deve levar em consideração também os aspectos mais amplos em que o professor está inserido, tais como os ambientes cultural, econômico, político e social.

Mas, como trabalhar a formação continuada do professor de forma que este tenha clareza de seu papel de intelectual com essas características de herdeiro, intérprete e crítico? Essa é uma preocupação apontada por Melouki:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A questão é saber quais são as condições suscetíveis de contribuir para que tomem consciência da natureza e das implicações do seu papel como atores cuja a responsabilidade, por intermédio e para além das atividades habituais do ensino, é a de despertar nos jovens um interesse pelas culturas e civilizações e desenvolver neles a faculdade crítica que lhes permita serem consumidores conscientes da cultura. (MELLOUKI e GAUTHIER, 2004, p. 560-561)

A responsabilidade disso, contudo, não é apenas dos professores; é também da escola e dos pais. A escola fará isso por meio da explicitação do projeto pedagógico através da gestão dos professores e por meio do contato com as famílias. No entanto, como parte da gestão, e incluso em seu projeto pedagógico, a escola precisa propiciar momentos de reflexão e discussão, os quais envolvam sua filosofia e sua confessionalidade. Não existem neutralidades. Conforme já ressaltado, até mesmo as escolas públicas ou particulares laicas têm uma visão de mundo a declarar explicitamente ou veladamente, ou ainda inconscientemente, têm um determinado homem que almejam formar.

Cada pessoa tem uma forma de ver o mundo, uma ideologia na qual se embasa, e é a partir desta que agirá no mundo. Diante disso, a escola que propõe uma maneira de apresentar o mundo à criança fará isso com o trabalho dos seus professores e estes precisam ter explicitados e conscientes os seus papéis de herdeiros, intérpretes, críticos e divulgadores.

Essa reflexão do professor sobre seus papéis precisa ser constante, pois, mergulhado na cultura, ele se torna tão habituado à mesma que pode deixar de ter consciência de suas ações.

Ao valorizar o professor intelectual, intérprete e herdeiro da cultura, reconhece-se que ele está em contínuo movimento, nem sempre um movimento consciente, mas um movimento do cotidiano. Agnes Heller (1989) alerta para o movimento alienante do cotidiano. Pode acontecer que esse herdeiro da cultura esteja descolado da cultura, pode ser que esteja descolado

## Tornar-se professor em uma escola confessional

dos conhecimentos, que seja herdeiro da humanidade, mas descolado da humanidade de seus alunos. Portanto, faz-se necessário que ele esteja em permanente formação. Esse é um desafio colocado pela questão da constituição identitária.

### **4.2 As dimensões do professor**

Placco (1992) aponta, já há algum tempo, a importância de se levar em consideração a interação entre as várias dimensões do professor no processo de formação. Ela denomina essa interação de sincronicidade entre os componentes políticos, humano-interacionais e técnicos do educador.

Sincronicidade é o 'movimento' na ação do professor, movimento que engloba o compromisso dele com a educação, com os conhecimentos e saberes de sua área de competência e com sua relação com alunos e demais membros da comunidade educativa; é uma dinâmica existente na ação do professor, dinâmica em que ocorrem simultaneamente ações políticas, éticas, técnicas e outras ainda. Estas dimensões são ampliadas por Placco e Silva (2000) e, em 2006, por Placco. Elas são dimensões da formação técnica, humano-interacional, ético-política, dos saberes para ensinar, da formação continuada, crítico-reflexiva, estética e cultural.

Segundo Placco, estas dimensões são inerentes à ação do sujeito, estão presentes e interagem simultaneamente nele. A apresentação como dimensões separadas é uma medida meramente didática. Além do mais, outras dimensões poderão ser propostas, na medida em que melhor se compreenda como o professor interage com seu contexto social e histórico, com seus alunos e com o projeto pedagógico da escola.

Se esse aluno deve ser olhado em sua multiplicidade, também a formação do professor precisa desencadear seu desenvolvimento profissional em múltiplas dimensões, sincronicamente entrelaçadas no próprio indivíduo. (PLACCO, 2006, p.1)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Em seus estudos, Placco explica essas dimensões como sendo aspectos relevantes do trabalho do professor. Há momentos em que uma ou mais das dimensões do professor estarão em relevo na ação dele. Haverá momentos em que ele poderá distanciar-se de uma delas, privilegiando outras. Mas não deixam de estar todas sempre presentes em sua ação.

### **4.3 Consciência da sincronicidade nas dimensões do professor**

Para Placco (1994), trabalhar a consciência da sincronicidade é favorecer o questionamento sobre a prática de forma que possa ser redirecionada a percepção do professor sobre o aluno, sobre a realidade, sobre a escola, sobre si mesmo, sobre sua prática, sobre a cultura, os valores, etc. Mais uma vez, fica clara a necessidade de não se permitir que o cotidiano fique alienante, seja 'adormecido'.

O caminho para a consciência da sincronicidade passaria por um processo de reflexão crítica do educador sobre sua ação pedagógica e as relações desta com os fenômenos culturais, econômicos e políticos, reflexão que, por sua vez, deve levá-lo a uma mudança em seu posicionamento e desempenho, na direção da construção de um novo conhecimento. (Ibid., p. 27)

Ao elencar as dimensões do professor, Placco deixa uma abertura para que se possa reconhecer outras dimensões do trabalho dele. Nessa abertura, pode ser inserida a dimensão da espiritualidade. Viu-se, no capítulo 1 deste trabalho, que a espiritualidade é a dimensão que confere ao sujeito o sentido de sua existência e que o projeta para fora de si. Assim, entende-se que é uma dimensão de base, da qual as demais retiram valores para o trabalho. A sincronicidade dessas dimensões, assim, é, não apenas válida, mas também impossível de se tirar do processo. Todas as experiências que revelam e atribuem significado à vida trazem consigo valores que penetram em todas as esferas da mesma. Portanto, fazer refletir, sugerir narração sobre qualquer dimensão profissional ou pessoal do professor, remete-o a um exame dos

## Tornar-se professor em uma escola confessional

valores que sustentam sua existência e alteram as demais dimensões de sua vida.

Diante disso, entende-se que a dimensão espiritual é uma supra dimensão que dá corpo e sustentação às demais.

O alvo final de qualquer instituição de ensino é o sucesso da aprendizagem do aluno. A prática pedagógica bem sucedida é o objetivo final de qualquer trabalho de reflexão com os professores. Portanto, acionando a dimensão espiritual do professor, sua dimensão técnica, sua prática pedagógica, sua relação com aluno são diretamente afetadas, ganham uma relevância relacionada ao sentido que dão à vida e à profissão.

Se, conforme Placco, trabalhar a consciência da sincronicidade é favorecer o questionamento sobre a prática, um dos aspectos desta, a ser questionado, é o sentido da função do professor em sala de aula.

Trevisan (2004) critica uma visão coletiva da formação dos professores, na qual se pressupõem problemas e soluções iguais em todas as situações, e, ainda, que o conhecimento técnico, por si só, resolva as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem. A autora propõe que se trabalhe com o professor, levando em conta a sua identidade, sua individualidade, enfim, sua história.

Levando-se em conta a identidade do professor, conforme a autora propõe, necessariamente se está estimulando a reflexão e autonarração, pois a identidade, de acordo com o que se viu até o momento, é fortalecida e confirmada no processo de se narrar.

## CAPÍTULO 5

# TECENDO OS FIOS DA TESE

*As identidades sociais profissionais são (...) construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação.*

*Claude Dubar<sup>13</sup>*

Há muitos fios a serem tecidos para que possamos examinar a trama. Esses fios inter cruzam-se, sobrepõem-se, ora um, ora o outro, para dar as configurações das identidades profissionais de cada professor, bem como das instituições.

### **5.1 Identidades profissionais, Instituições escolares, escolas confessionais**

Pagnez (2007, p. 67, 68), em sua tese de doutoramento, afirma, a partir de seu estudo de Dubar, que

---

<sup>13</sup> 2005, p. 330

## Tornar-se professor em uma escola confessional

O trabalho constitui um espaço de negociações identitárias que darão origem a uma estrutura de identidade profissional. A identidade profissional resulta das relações e interações no trabalho, fundadas em representações coletivas distintas, construindo atores do sistema social e empresarial.

e,

No caso da identidade profissional do docente, são determinantes questões referentes ao ambiente institucional em que ele desempenha a função, às condições de relacionamento interpares, às condições de interação entre administração e docente, às discussões pedagógicas, e à existência de espaço para uma atuação autônoma do professor.

A escola confessional é o espaço no qual se interessa examinar esse movimento para se reconhecer as identidades de professores que nela atuam e para compreender como o ambiente da escola interfere nesse movimento.

Esse espaço da escola confessional é considerado, primeiramente, como um espaço em que o professor escolhe trabalhar, motivado por interesses racionais, de ordem instrumental (remuneração) ou por valores que tem em comum com seu projeto pessoal. Portanto, pode-se considerar essa uma adesão societária.

Contudo, a forma como o professor vier a lidar com as relações estabelecidas com a instituição, a maneira pela qual ele puder aprender, na prática e nas experiências, a ideologia da escola, distanciar-se da mesma e examiná-la, avaliar sua ação e tomar consciência da sincronicidade, ele engendrará formas que poderão levá-lo a se alienar ou a se posicionar, levá-lo a uma identificação cultural ou narrativa.

O professor da escola confessional se confronta com os valores e normas defendidos pela escola, os seus próprios e os dos alunos e suas

## Tornar-se professor em uma escola confessional

famílias, como também com toda a força que a mídia traz de contravalores<sup>14</sup>. Além disso, esse professor enfrenta outra crise, a econômica das escolas, da qual, nos últimos tempos, temos sido testemunhas, e que gera novas formas de relação empregatícia e de muita instabilidade.

As crises são experiências ricas de aprendizagem que, se bem mediadas em um processo de formação, promoverão movimento identitários.

Para a questão em estudo, a identidade profissional de professores de escolas confessionais, entende-se, conforme exposto por Dubar, que o professor construirá sua identidade profissional a partir da sua atuação e interação em determinados tipos de instituições e sociedades. É uma aprendizagem manifestada, amalgamada nos/pelos saberes e experiências vividas pelos professores. Trata-se, portanto, de um processo de formação identitária. (PLACCO; SOUZA et al, 2006)

As experiências que ele viver entrarão em interação com sua história de vida pessoal, contribuindo para sua configuração identitária. O profissional não terá sua profissionalidade determinada pela Instituição, mas ele, com certeza, será grandemente influenciado pela mesma, seja pela aceitação pura, pela rejeição ou pela negociação com a mesma.

Hoje em dia, como é que se podem pensar estas trajetórias da vida privada, profissional, político-religiosa cada vez mais diversas, mutáveis aleatórias? Como é que se podem unir estas diversas esferas de atividade para perceber o significado subjetivo das mutações precedentes? Como é que se podem interpretar as relações entre as mudanças sociais e as evoluções das subjetividades, e, logo, da identidade pessoal? (DUBAR, 2006, p. 165)

Importante ainda é ressaltar que o movimento existente entre as atribuições feitas pela instituição e a pertença do professor também define a instituição. Isso é muito significativo, uma vez que as instituições têm uma

---

<sup>14</sup> Considera-se contravalores: valorização da beleza física do corpo sobre o valor de homem integral; valorização do ter sobre o ser; desvalorização do saber...

## Tornar-se professor em uma escola confessional

missão e um embasamento filosófico muito definidos. Estes precisam ser ensinados ao professor para que ele os compreenda e exerça sua prática de maneira consciente. É o professor que revelará aos alunos a ideologia da instituição nas práticas e atividades educacionais e nas relações que estabelecer com seus alunos.

Estudando a identidade de professores, Scoz afirma que a identidade é produzida nas atividades.

A subjetividade-identidade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, são o resultado das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão. (SCOZ, 2004, p.10)

Entende-se que trabalhar a capacidade de reflexão sobre a vida, a narração de histórias pessoais, o questionamento sobre a prática na relação com a escola e com a formação, poderá ser, a partir da compreensão da teoria de Dubar, uma forma de provocar a reflexão do professor, colocando em questão a narração e a consciência dele sobre a Identidade da comunidade a que pertence e sobre sua própria constituição identitária.

### **5.2 Crise de sentido e identidades**

Evidentemente, uma reflexão crítica sobre seus valores, seu posicionamento diante da filosofia da escola, poderá gerar no professor uma crise, pois ele poderá não aceitar a identidade que a escola confessional lhe atribui. No entanto, não se deve temer essa crise, pois ela esclarecerá e fortalecerá tanto a identidade profissional do professor, ampliará a consciência da sua sincronidade, ampliará a sua capacidade de aprender, como também contribuirá para que o projeto político pedagógico da escola em si seja fortalecido. Fazem-se necessárias, na vida, as tomadas de posição, estas fazem parte do processo de constituição identitária e de acordo com Kolb que

## Tornar-se professor em uma escola confessional

estuda a aprendizagem do adulto, “o despertar da integridade vem com a aceitação da responsabilidade pelo curso da própria vida”. (KOLB, 1984, p. 230)

Concorda-se com Scoz (2004), quando ela afirma que o sujeito é pensante e que quando ele é autor de seus pensamentos há implicações para a escola, pois ao se tornar autônomo de pensamento, o professor desejará modificar as coisas, questionará formas. Contudo, a autora destaca que, por temer que o professor critique, discorde e modifique o que foi colocado, a sociedade e as instituições procuram formas de tirar a autonomia de seu pensamento, manipulando a participação dos sujeitos, impedindo-os de criarem novas opções. A autora destaca, assim, o forte enquadramento que ocorre na escola, tanto de alunos como de professores, na busca pela padronização. Quando a instituição for bem sucedida nesse intento, o professor será um repetidor de modelos.

Porém, deseja-se justamente demonstrar que o ato de não pensar, de não entrar em crise, prejudicará a constituição identitária do professor e, conseqüentemente, a do projeto pedagógico da escola. O professor necessita esquadriñar, conhecer e fazer a crítica dos pressupostos da escola para tomar consciência deles e torná-los em experiências vivenciadas de aprendizagem.

No caso de escolas confessionais, a certeza das coisas que creem deve ser tão forte que não possa haver temor aos questionamentos feitos, mas a segurança de que esses questionamentos promoverão movimentos de tomada de consciência e fortalecimento das identidades tanto da escola como do professor.

A autonomia do professor está muito ligada à sua forma narrativa. O professor precisa ter sua identidade profissional própria, mas esta necessita do apoio da instituição em que ele atua. A escola que tem uma ideologia declarada necessita de professores que trabalhem coerentemente com ela. A formação do professor buscará essa ‘identificação’ do professor com a instituição por meio de um processo de formação que favoreça a constituição identitária de ambos.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Nesse sentido, é importante destacar o princípio de escolha que o homem tem na dimensão da espiritualidade. Essa escolha precisará ser trabalhada e passada por uma experiência verdadeira de aprendizagem, de modo que o professor possa fazê-la conscientemente.

Ao ter consciência da ideologia da escola confessional em que atua, o professor poderá examinar e alterar várias dimensões de seu trabalho, exercendo um auto-exame e desenvolvendo seu autoconhecimento, sem com isso ser alguém sem uma identidade narrativa, pelo contrário, favorecendo o desenvolvimento da sua identidade.

### **5.3 Crise de sentido, educação, espiritualidade e identidade**

Como já afirmado, o homem vive em estado de inquietação com uma gama de opções de pensamentos e de ideologias diversas, todas convivendo em uma sociedade que não fornece bases únicas de valores. Isso interage com sua identificação pessoal e profissional.

Na educação, essa transição e entrada em uma sociedade dita pós-moderna acontecem de várias formas. Movimentos surgiram no sentido de olhar e educar o aluno de maneira integral. Considerar tanto a razão, como o corpo e a emoção tornou-se palavra de ordem. Até os currículos e planejamentos começaram a incluir conteúdos atitudinais, conceituais, factuais e procedimentais, deixando, contudo, de se preocupar com a formação da espiritualidade e das emoções. A espiritualidade ficaria a cargo de igrejas, e as emoções com o psicólogo.

Em uma direção ainda mais holística, alguns buscam o desenvolvimento entre o sagrado e o secular. Na realidade, isso nunca deixou de existir. Vê-se uma educação voltada para a formação de homens piedosos em Comenius; ou ainda uma visão mais integral do ser humano em Rousseau, em Stanislav Gorf, Gusdorf ou em Freinet, Montessori e Rogers, entre outros que não cabe mencionar aqui.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

No entanto, apesar da grande influência desses pedagogos na educação, esses movimentos tiveram pouca influência na organização da escola de maneira geral, sendo que esta ainda funciona a partir de uma racionalidade fragmentada.

A formação dos educadores é voltada para essa escola e é feita dessa maneira fragmentada sem que seja aprimorada com o professor a consciência da sincronicidade existente entre as dimensões do seu trabalho e da sua pessoa. Nessa formação, continua-se a trabalhar separadamente as diversas áreas de atuação profissional do professor (conhecimento técnico, conhecimento do desenvolvimento psicológico e cognitivo dos alunos, conhecimento de didática...), sem sequer trazer à discussão as interferências e interdependências dessas áreas, conforme já apontado em pesquisa por Placco (1992). Muito menos ainda, percebe-se a dimensão da espiritualidade do homem e sua relação com as demais dimensões.

Morin assinala que essa era da modernidade trouxe para a escola:

O enfraquecimento da percepção do global (que) conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos). (MORIN, 2000, p. 40-41)

De acordo com Gusdorf (1970, p. 50), "Um tal sistema é desumano porque ninguém, dentre os professores, preocupa-se ou tem a seu cargo uma educação da alma. Cada um tenta realizar a sua missão segundo sua consciência profissional".

É uma postura que apenas reforça a liquidez da sociedade, a pluralidade de opções, sem a reflexão sobre o benefício ou malefício disso para o homem.

Faz-se necessário olhar a dimensão da espiritualidade de maneira mais direta. Ver sua relação, influência e interdependência com as demais áreas da vida e perceber como ela se manifesta na constituição da identidade

## Tornar-se professor em uma escola confessional

profissional do professor. Essa é uma dimensão importante ao se estudar a identidade profissional do professor.

O reconhecimento das dimensões postuladas por Placco é de imensa importância para a compreensão e análise da identidade profissional dos professores. Entende-se que a dimensão da espiritualidade é aquela que confere sentido último à vida.

Esse aspecto ganha relevância especial na escola confessional, mas não é apenas o professor da escola confessional que lida e opera com a dimensão da espiritualidade. Conscientes ou não, todos, de acordo com a proposição de Frankl (1984, 1992), lidam com ela. Diante do fato de que é a dimensão que confere sentido às ações do professor, entende-se que ela poderia levar o professor a questionar e a entrar em contato com sua missão profissional, sua responsabilidade pelo outro. Não se intenciona com isso desprofissionalizar o professor, colocando-o como um missionário, mas oferecer-lhe espaço para refletir, narrar-se e ver-se como alguém que transcende a si mesmo e se torna responsável pelo outro, seu aluno, que também busca sentido para sua existência em uma sociedade complexa como a nossa.

O professor necessita esquadrihar, conhecer e fazer a crítica dos pressupostos da escola para tomar consciência deles e torná-los em experiências vivenciadas de aprendizagem.

Ao ter consciência da ideologia da escola em que atua, o professor poderá alterar várias dimensões de seu trabalho, exercendo um auto-exame e desenvolvendo seu autoconhecimento, sem com isso ser alguém sem uma identidade narrativa, pelo contrário, favorecendo o desenvolvimento da mesma.

À medida em que o professor entrar em contato com a razão de ser de sua existência, haverá influência direta sobre o desempenho de suas funções, sobre a busca de crescimento pessoal nas demais dimensões, humano-interacional, afetiva, ética, técnica e estética.

## **CAPÍTULO 6**

# **ESCOLHENDO O TEAR**

*O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Ela é apenas fraca se não vai até reconhecer isso.*

*Blaise Pascal<sup>15</sup>*

### **6.1 Metodologia**

#### **6.1.1 Sujeitos**

O trabalho de pesquisa foi realizado no Ensino Médio de uma instituição de confissão cristã reformada na cidade de São Paulo. A escola tem cerca de 2000 alunos e faz parte de uma instituição maior, que engloba uma

---

<sup>15</sup> 2005, p. 74

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Universidade. Tem cerca de 140 anos, e foi iniciada como escola básica, com classes mistas (meninos e meninas), algo inovador para a época.

São sujeitos dessa pesquisa:

- Uma coordenadora pedagógica – do Ensino Médio
- A diretora de escola
- Cinco professores do Ensino Médio, escolhidos, primeiramente, em função do tempo de serviço na escola – ingressantes e professores com mais de 20 anos, indicados pela coordenação após consulta do desejo deles de participar. Foi solicitado a ela que pelo menos um professor fosse de denominação religiosa não presbiteriana.

### 6.1.2 Procedimentos

Para atingir os objetivos desta pesquisa, organizaram-se várias ações de coleta, organização e análise de dados.

Inicialmente, conversou-se com a diretora que concedeu permissão para a realização da análise do projeto pedagógico e para as entrevistas com os cinco professores, coordenadora pedagógica e consigo mesma, assinando o termos de “Consentimento livre e esclarecido”

Procedeu-se a uma breve análise do Projeto Pedagógico da escola, com o objetivo de identificar a filosofia da escola e como ela expressa a sua confessionalidade e como atribui isso aos seus professores.

Realizaram-se **entrevistas semiestruturadas com a coordenação pedagógica do Ensino Médio e com a Diretora** da escola para, primeiro, verificar como elas entendem a concepção da escola quanto à dimensão da espiritualidade; segundo, como fazem para ‘garantir’ que os professores atuem de acordo com a dimensão proposta e defendida pela escola e, terceiro,

## Tornar-se professor em uma escola confessional

examinar se o que entendem como espiritualidade é coerente com o que é proposto pela instituição nos seus documentos oficiais.

Com esses dois movimentos de pesquisa, de certa forma, o olhar é direcionado para o **eixo da atribuição** que é feita para o professor, eixo esse que se considera como uma das categorias de análise.

Foram realizadas cinco **entrevistas semiestruturadas com professores** de Ensino Médio, de disciplinas diversas. Ao iniciar cada pesquisa, explicou-se para o professor os objetivos da pesquisa e deu-se a ele total liberdade de se abster de dá-la.

Nesse levantamento de dados, busca-se perceber como o professor lida com a dimensão da espiritualidade, como ele lida com as atribuições que a escola faz a ele (identificações ou pertença) e se, na opinião dele, essa dimensão tem reflexos em sua prática em sala de aula.

Nessas entrevistas, inserimos algumas imagens para serem analisadas e assim desencadear, nos professores, ideias e palavras que revelem valores, memórias e assuntos que estão mais internos aos sujeitos e que nem sempre surgem em uma entrevista mais explícita. Trevisan (1998) aponta que a arte é uma linguagem que favorece o desenvolvimento da consciência e permite o exercício da reflexão.

Como a espiritualidade e o sentido da vida e da profissão não são assuntos concretos, mas lidam com sentimentos e valores, compreende-se que a utilização de imagens poderá ajudar o professor a externar esse conteúdo.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### 6.1.3 Instrumentos

#### Entrevistas semiestruturadas

Nestas entrevistas, conversou-se com os sujeitos sobre a escola, identificando o que pensam sobre a confessionalidade dela e se entendem que a mesma tem alguma implicação para o trabalho que eles desempenham.

Com estas informações, buscou-se identificar o que a escola espera de seus professores e como faz para atingir esta expectativa.

A seguir, apresenta-se uma racionália do roteiro das entrevistas para identificar melhor cada área de pesquisa. Foram realizadas entrevistas, primeiramente, com pessoas que não fariam parte da pesquisa, mas que se identificam com a escola confessional. A partir dessa primeira aplicação, foram feitos os ajustes necessários para o objetivo da pesquisa.

Realizou-se o levantamento do perfil de cada profissional entrevistado para identificar o nível de comprometimento deles com a confissão da escola.

### Roteiro De Entrevistas

#### Perfil do coordenador/ Diretora

Cargo: \_\_\_\_\_ Exerce há quantos anos? \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Já trabalhou em outra escola? Era confessional? Se sim, existem diferenças?

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Transação Subjetiva/Objetiva

#### Coordenadora Pedagógica

Um dos objetivos desta entrevista é o de perceber que valores esse profissional atribui à sua profissão e ao local onde trabalha;

Assunto	Objetivo
1. Conte um pouco de sua história como aluna; onde estudou; de que professores mais gostava; em que disciplina ia melhor.	Quero saber por que escolheu ser educadora; que vínculo tem com escolas confessionais ou não; que tipo de relação estabelecia com a escola e com determinados professores. Sua vinculação com a escola interfere nas atribuições que faz ao professor.
2. Fale-me de suas experiências profissionais? Em que lugares já trabalhou? Como foi? Já atuou como professora? Como foi seu ingresso na Instituição? Como foi a seleção; por que desejou trabalhar no colégio?	Primeiramente, interessa saber que importância, que valor dá à função que exerce? Que valor dá à profissão do professor? Isso é agregado à sua identidade? Pode revelar o sentido que a profissão tem para ela. Interessa-me, também, perceber a importância que esta escola tem para ela. Quero perceber o valor que dá ao processo de seleção e se houve algum critério que permeou a seleção dela própria.
3. Fale um pouco de sua trajetória no colégio. Como chegou a essa função?	Acho importante perceber como se dá a mobilidade de carreira na escola. Essa mobilidade se reflete na identidade profissional dos que trabalham na instituição em relação à visão de futuro.
4. O que é inegociável para você em relação aos professores?	Desejo desvelar valores que sustentam sua prática. Esses revelam o que espera e atribui ao professor de maneira subjetiva.

**ATRIBUIÇÃO**  
**Coordenadora Pedagógica (em relação à função do professor com quem trabalha)**

Assunto	Objetivo
<p>5. Fale-me de sua função em relação ao trabalho com os professores. O que é esperado que você faça? E o que você acredita que deva ser essa função?</p> <p>O que você acrescentaria à função que exerce hoje, aqui? Ou tiraria alguma coisa?</p>	<p>Perceber se a coordenadora lida bem com as tarefas que a escola exige. Buscar identificar as funções de maneira objetiva e perceber qual o nível de aprofundamento da relação com o professor. Quero identificar se as atribuições ao professor partem dela ou da instituição, do PP da instituição.</p>
<p>6. Quem seleciona o professor? Como é isso para você? Como são os critérios de seleção? Você mudaria ou acrescentaria alguma coisa nesse processo?</p>	<p>Levantar os critérios de seleção que a escola tem e como isso é trabalhado em relação à visão de mundo do professor e da escola.</p>
<p>7. Os professores têm que tipo de relação com a coordenação? O que você acha que eles esperam de você?</p> <p>(deixar falar, incentivar com uma ou outra pergunta pertinente).</p>	<p>Perceber e levantar valores em relação ao trabalho e se há dificuldades em relação aos professores de modo geral ou específicos. Identificar possíveis conflitos no processo de relação entre professores e coordenadores. Identificar se o processo de atribuição e pertença ocorre em clima de negação ou de incorporação (crítica ou acríica).</p>
<p>8. Como os professores recebem as suas orientações e determinações? (como reagem a essas orientações / determinações)</p> <p>9. O que você mudaria nos professores em relação à prática deles na escola?</p>	<p>Confirmar ou não os dados falados até aqui. Identificar falas que revelem pontos de conflito, convencimento, imposição de valores.</p>
<p>10. Como você trabalha os processos da escola com os professores? Como trabalha o PP: Objetivos da escola/ princípios e história... Você acha que faz a formação desses professores? Acha que é sua função fazê-la?</p>	<p>Identificar como se dá a formação do professor na instituição; identificar se a formação inclui o trabalho com a identidade da escola em interação com a identidade do professor.</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

11. Como você percebe que os professores incorporam as informações e discussões de htp e à prática deles e à visão de educação que têm?	
12. O que é inegociável para você em um professor?	Identificar valores essenciais da coordenação e compará-los com a identidade da escola. Identificar o quanto os valores pessoais da coordenação são impostos ou trabalhados com o professor.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Transação subjetiva/objetiva

#### DIRETORA

Um dos objetivos desta entrevista é o de perceber os valores que esse profissional atribui à sua profissão e ao local onde trabalha; perceber como se enxerga na função.

Assunto	Objetivo
1. Conte um pouco de sua história como aluna; onde estudou; de que professores mais gostava; em que disciplina ia melhor.	Quero saber por que escolheu ser educadora; que vínculo tem com escolas confessionais ou não; que tipo de relação estabelecia com a escola e com determinados professores. Sua vinculação com a escola interfere nas atribuições que faz ao professor.
2. Fale sobre suas experiências profissionais? Que lugares você já trabalhou? Como foi? Como foi seu ingresso no Colégio? Como foi a seleção; por que desejou trabalhar no Colégio?	Interessa-me perceber a importância que esta escola tem para ela. Quero perceber o valor que dá ao processo de seleção e se houve algum critério que permeou a seleção dela própria. Importante também saber a importância que dá à profissão? Talvez o valor que dê não é à instituição, mas à função... um valor que se agrega à sua identidade.
3. Fale um pouco de sua trajetória no Colégio. Como chegou a essa função?	Acho importante perceber como se dá a mobilidade de carreira na escola. Essa mobilidade se reflete na identidade profissional dos que trabalham na instituição em relação à visão de futuro.
4. O que é inegociável para você em relação aos professores?	Desejo desvelar valores que sustentam sua prática. Esses revelam o que espera e atribui ao professor de maneira subjetiva.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### ATRIBUIÇÃO

**Diretora (em relação à função do professor com quem trabalha)**

<b>Assunto</b>	<b>Objetivo</b>
<p>5. Fale-me de sua função em relação ao trabalho com os professores. O que é esperado que você faça? E o que você acredita que deva ser essa função?</p> <p>6. O que você acrescentaria à função que exerce hoje, aqui? Ou tiraria alguma coisa?</p>	<p>Perceber se a diretora lida bem com as tarefas que a escola exige. Buscar identificar as funções de maneira objetiva e perceber qual o nível de aprofundamento da relação com o professor. Quero identificar se as atribuições ao professor partem dela ou da instituição, do PP da instituição.</p>
<p>7. Quem seleciona o professor? Como é isso para você? Como são os critérios de seleção? Você mudaria ou acrescentaria alguma coisa nesse processo?</p>	<p>Levantar os critérios de seleção que a escola tem e como isso é trabalhado em relação à visão de mundo do professor e da escola.</p>
<p>8. Os professores têm que tipo de relação com a direção? O que você acha que eles esperam de você? (deixar falar, incentivar com uma ou outra pergunta pertinente)</p>	<p>Perceber e levantar valores em relação ao trabalho e se há dificuldades em relação aos professores de modo geral ou específicos. Identificar possíveis conflitos no processo de relação entre professores e coordenadores e direção. Identificar se o processo de atribuição e pertença ocorre em clima de negação ou de incorporação (crítica ou acrítica).</p>
<p>9. Como os professores recebem as suas orientações e determinações? (como reagem a essas orientações / determinações)</p> <p>10. O que você mudaria nos professores em relação à prática deles na escola?</p>	<p>Confirmar ou não os dados falados até aqui. Identificar falas que revelem pontos de conflito, convencimento, imposição de valores.</p>
<p>11. Como você trabalha os processos da escola com os professores? Como trabalha o PP: Objetivos da escola/ princípios e história... Você acha que faz a formação desses professores? Acha que é sua</p>	<p>Identificar como se dá a formação do professor na instituição; identificar se a formação inclui o trabalho com a identidade da escola em interação com a identidade do professor.</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

<p>função fazê-la?</p> <p>12. Como você percebe que os professores incorporam as informações e discussões de htp à prática deles e à visão de educação que têm?</p>	
<p>13. O que é inegociável para você em um professor?</p>	<p>Confirmar critérios de seleção e trabalho com o professor. Identificar valores essenciais da Direção e compará-los com a identidade da escola. Identificar o quanto os valores pessoais da Direção são impostos ou trabalhados com o professor.</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Roteiro e entrevista semi-estruturada com professores**

Em relação aos professores, deseja-se perceber, por meio de entrevistas e entrevistas recorrentes, os movimentos de atribuição e pertença; deseja-se identificar como eles entendem a formação continuada da escola, como esta revela a confessionalidade da escola e, finalmente, intenciona-se investigar a dimensão da espiritualidade do professor como possível dimensão para o trabalho de formação em uma escola confessional, em sincronidade com as demais dimensões em movimento, na sua prática.

Perfil do professor:

Professor de: \_\_\_\_\_ Disciplina: \_\_\_\_\_

Há quantos anos atua como professor? Na escola: \_\_\_\_\_  
Religião: \_\_\_\_\_ Você trabalha/trabalhou em outra escola? Há diferenças delas com esta escola?

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSORES**

O objetivo final da entrevista é o de identificar o sentido da profissão para o professor dentro de uma escola confessional e como a confessionalidade dela participa de sua espiritualidade; saber como ele pensa sua profissão, como se pensa dentro dela e como pensa as relações que estabelece com os professores e gestores, dentro da escola.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### TRANSAÇÃO SUBJETIVA/OBJETIVA

#### PROFESSORES

<b>Assunto</b>	<b>Objetivo</b>
1. Conte um pouco de sua história como aluno; professores e disciplinas preferidas; onde estudou; foi aluno comportado/levado; do que mais gostava na escola; de que professores mais gostava; em que disciplina ia melhor.	Quero saber por que escolheu ser educador; que vínculo tem com escolas confessionais ou não; que tipo de relação estabelece com a escola e com determinados professores. O que significa escola para ele.
1. Fale-me de suas experiências profissionais? Em que lugares já trabalhou? Como foi? Como foi seu ingresso no Colégio? Como foi a seleção; por que desejou trabalhar no Colégio?	Primeiramente, interessa saber que importância, que valor dá à função que exerce? Que valor dá à profissão do professor? Isso é agregado à sua identidade. Pode revelar o sentido que a profissão tem para ela. Interessa-me, também, perceber a importância que esta escola tem para ele. Quero perceber o valor que dá ao processo de seleção e se houve algum critério que permeou a sua seleção dela própria.
2. Quem lhe apresentou a história do Colégio? Conte um pouco disso... O que você gostaria de saber ainda?	Perceber como é trabalhada a identidade da escola no processo de formação contínua e como é incorporada ou não pelo professor. A identidade da instituição é clara para eles? Trabalham conscientes dela ou é algo paralelo ao trabalho do dia-a-dia?
3. Futuramente, como se projeta aqui no Colégio? E de maneira geral dentro da profissão? Como você se vê daqui a dez anos?	Que perspectivas têm para si? Desvelar valores em relação à profissão; Perceber a relação com a instituição. A identidade profissional está presa à instituição, é independente, o que o liga à instituição?
4. O que é inegociável para você profissionalmente?	Desejo desvelar valores que sustentam sua prática. Identificar coerências ou incoerências com os valores da instituição.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### ATRIBUIÇÃO E PERTENÇA (em relação à função de professor)

Assunto	Objetivo
<p>1. Conte um pouco do seu dia-a-dia</p> <p>2. O que é esperado de você?</p>	<p>Perceber se lida bem com as tarefas que a escola exige. Levantar valores relacionados à prática cotidiana. Perceber aspectos sobre sua relação com a instituição e como lida com as atribuições que lhe são feitas.</p>
<p>3. Quem seleciona o professor? Como é isso para você? Como são os critérios de seleção? Você mudaria ou acrescentaria alguma coisa nesse processo?</p>	<p>Levantar os critérios de seleção da escola e como isso é trabalhado em relação à visão de mundo do professor e da escola.</p>
<p>4. Os professores têm que tipo de relação com a coordenação geral e pedagógica? E entre si? (deixar falar, incentivar com uma ou outra pergunta pertinente)</p>	<p>Perceber e levantar valores em relação ao trabalho e se há dificuldades em relação à direção e coordenação de modo geral ou específicos. Nas relações, se revelam os valores de cada um. A identidade tem relação direta com o sentido de vida, com os valores importantes de cada um. Esses são coerentes entre si? Em suas diferenças, são compatíveis e complementares? O que identifica o professor em relação à instituição?</p>
<p>5. Os professores sentem-se apoiados?</p> <p>6. O que você mudaria na coordenação? E na escola?</p> <p>7. O que você não mudaria?</p>	<p>Confirmar ou não os dados falados até aqui. Identificar falas que revelem pontos de conflito, convencimento, imposição de valores.</p>
<p>8. Como você toma conhecimento dos princípios e objetivos da escola?</p> <p>9. Como é feita a orientação na formulação de seu plano de ensino? Em que esses princípios e objetivos se relacionam ao seu plano de ensino e à sua sala de aula?</p>	<p>Perceber a formação do professor; identificar o trabalho com a identidade da escola em interação com a identidade do professor. A instituição é consciente e vive sua identidade? De que forma? Isso é desvelado ou velado? O professor é consciente dessa identidade e a incorpora ao seu dia-a-dia profissional? Pessoal?</p>
<p>10. O que é inegociável para um professor do Colégio?</p>	<p>Identificar valores essenciais do professor e compará-los com a identidade da escola. Levantar aspectos que revelam a forma como lida o processo de atribuição e pertença.</p>
<p>11. O que é ser (ateu, agnóstico, católico, batista...) em uma escola presbiteriana?</p>	<p>Identificar se há processos de imposição ou não dentro do processo de atribuição e pertença.</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS

Assunto	Objetivo <sup>16</sup>
Vou mostrar algumas imagens para você e gostaria que você as relacionasse com sua profissão e sua atuação profissional e conversasse a respeito delas nessa direção; Qual sentido pode lhes atribuir, em relação à sua profissão, à sua vida profissional?	Levantar valores relativos à espiritualidade e sentido de vida do profissional e a ligação disso com seu trabalho profissional.
A criação do homem (Ilustrações 1 e 2)	Há uma expectativa de que o profissional revele sua posição em relação a Deus, à espiritualidade de modo geral, como também em relação ao sentido que dá à profissão dentro de uma perspectiva espiritual ou não.
Janela aberta para o mar (Ilustração 3)	A janela lembra o estar “aberta”. Lembra vento e sopro. A “pneuma”... a espiritualidade do homem. O que dá o sopro da vida para esse profissional? O que confere à profissão dele sentido? Que perspectivas de vida tem? Que objetivos?
Luz refletida pela janela (Ilustração 4)	Essa imagem remete à “luz” que ilumina o caminho; que esclarece. Que luz é essa que penetra a vida cotidiana, o piso frio? Como isso pode aquecer e iluminar a profissão que muitas vezes é árida?

Os quadros 1 e 2 foram apresentados separadamente. No entanto, os professores os juntaram, ao falarem a respeito.

---

<sup>16</sup> São propostos objetivos decorrentes da interpretação pessoal do pesquisador. No entanto, na análise estaremos atentas à diversidade de posicionamentos que os professores podem apresentar nas suas leituras das imagens.

**Ilustração 1**



“A criação do homem”- Fragmento do teto da capela Cistina,Vaticano, pintado por Michelangelo

**Ilustração2**



“A criação do homem”- Fragmento do teto da capela Cistina,Vaticano, pintado por Michelangelo

**Ilustração 3**



Paisagem da Janela, de Denise Fernando

Ilustração 4



Gothic Oudekerk Window [www.imageafter.com](http://www.imageafter.com)

### 6.2 Preparando o tear – Análise

Após transcrever as fitas das entrevistas, partiu-se para uma leitura geral dos dados. Ao trabalhar com as falas dos professores no capítulo de análise, e tendo em vista que o trabalho não é o de análise de discurso e sim de busca de significações, foram feitas correções gramaticais e de vícios de fala para facilitar a leitura que será feita.

A análise dos dados foi feita, primeiramente, de forma individual, buscando identificar, em cada entrevistado, características mais marcantes e significativas relacionadas aos objetivos da pesquisa que pudessem vir a configurar as categorias de análise. Para os professores, estas categorias foram: **pertença profissional, atribuição à instituição, crises/conflitos, valores e sentido de vida.** (Anexo 1)

As atribuições que os professores fazem à escola parecem revelar suas pertencas. Quando falam da escola, parecem estar falando de aspectos de si que desejam que sejam vistos.

Ao longo da análise, há momentos em que se revela uma mescla entre o que o professor diz a respeito da instituição e o que ele deseja revelar sobre si mesmo. Isso reforça a teoria de Dubar de que há uma estreita relação entre as atribuições e a pertença. O que pode gerar uma identidade não refletida, estatutária ou até cultural, conforme nomenclatura de Dubar. Ou, ainda, pode revelar que o professor incorporou as atribuições feitas pela escola, encontrando o equilíbrio necessário para poder se posicionar pessoalmente com seu processo de constituição identitária.

Na realidade, é do equilíbrio entre a interiorização do “espírito” de grupo e o “eu” que precisa se afirmar no grupo que se constitui a identidade profissional. Portanto, essa categoria de análise muito contribuirá para se perceber essa relação nas identidades profissionais dos professores.

Ao se identificar **crises e conflitos**, tentou-se explicitar como os sujeitos pesquisados lidam com elas, pois, as crises são momentos importantes que

## Tornar-se professor em uma escola confessional

evidenciam a identidade, além de revelar como as pessoas lidam com as situações da vida, dando sentido a elas.

Com a análise das imagens, entendeu-se que, ao relatar aspectos de apreciação ou não de uma imagem, e com uma orientação de observação da mesma, o entrevistado revela seus valores e o sentido de vida, revelando a dimensão espiritual de sua vida.

Com o gestor, procedeu-se do mesmo modo: foram identificadas as categorias de **atribuição ao professor, relacionamento, filosofia da escola.** (Anexo 2)

Proseguiu-se a uma comparação entre as várias respostas dos professores em uma tentativa de identificar as semelhanças, o que se repete, o que se diferencia na fala e nos comportamentos relatados. (Anexo 3).

Procedeu-se a um confronto entre as respostas dos professores e as dos gestores, buscando as discrepâncias e semelhanças entre eles.

Quanto aos documentos, foram analisados em função da explicitação dos conceitos de confessionalidade e de espiritualidade específicos da instituição, de caracterização de professor e dos objetivos gerais para os alunos, além da declaração de como se trabalha a formação continuada dos professores. Com os dados, a instituição revela o como lida e expressa a sua confessionalidade.

Em todos os momentos, a análise foi cuidadosa, no sentido de não expor a instituição, pois objetiva-se observar o processo de constituição identitária e não avaliar a instituição.

## **CAPÍTULO 7**

### **TECENDO OS FIOS – PARTE 2**

*Ponto a ponto, paciente, tenta ela  
traçar no branco linho mais distinto  
a trama de um desenho tão suscito  
como a jornada humana se revela.*

*Adriano Spínola*

#### **7.1 A instituição e a confessionalidade**

Esta instituição existe na cidade de São Paulo há 139 anos:

“Fundado em 1870, por missionários presbiterianos convictos dos benefícios da educação na melhoria das condições sociais do povo, mantém a tradição. Acredita na educação como eficaz fator de transformações e de qualidade

## Tornar-se professor em uma escola confessional

de vida. Acredita e promove. Investe obstinadamente em expansão e renovação, justificando o lema: **Tradição e pioneirismo na educação.” (Planejamento estratégico da instituição)**

**Visão: (...)** dedica-se às ciências divinas e humanas; caracteriza-se pela busca contínua da excelência no ensino e na pesquisa; prima pela formação integral do ser humano, em ambiente de fé cristã evangélica reformada.

**Missão:...** Educar o ser humano criado à imagem de Deus, para o exercício consciente e crítico da cidadania e da dignidade, preparando-o para a vida, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do ser e da sociedade, por meio do ensino e das atividades científicas, culturais, esportivas, sociais, éticas e espirituais.

### **Valores e Princípios:**

- Na Conduta pessoal: dignidade, caráter, integridade (...).
- No relacionamento interpessoal: lealdade, respeito mútuo, compreensão, honestidade e humildade.
- No exercício da atividade profissional: ética, competência, criatividade, iniciativa, disciplina, dedicação e disposição para o trabalho voluntário.
- No processo de decisão: busca de consenso, justiça e verdade, igualdade de oportunidades, eficiência e eficácia.
- No processo de relacionamento entre órgãos colegiados, unidades e departamentos: cooperação, espírito de equipe, profissionalismo e comunicação adequada.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

- No relacionamento com outras instituições: responsabilidade, independência e transparência.
- E sempre, em todas as circunstâncias, "**o amor, que é o vínculo da perfeição**". (Projeto pedagógico da Instituição Escolar, 2009)

De acordo com a fala dos professores, coordenadora e diretora, a instituição tem passado por várias fases, ora se afastando de sua confessionalidade, ora se aproximando. Pelas falas, identificamos que, atualmente, a expressão da confessionalidade tem tomado força e sido mais explícita. Vejamos:

*Professor 1: Posso dizer que se acentuou a confessionalidade. Hoje há mais projetos de voluntariado e de participação em doações para creches, etc...*

*Professor 2: Aqui nessa instituição, eu percebo assim, que as coisas estão em processo. Estão em transformação nesse sentido(...). É concreto. Por exemplo, em algumas falas, de alguns professores e mesmo da coordenação, eu percebo que isso fica muito claro e em alguns momentos, uh, como posso colocar, em alguns momentos eu percebo que fazem questão de falar (...). Os professores de ética cristã também. Eu vejo que deixam muito clara a ideologia.(...) Não, não vejo mal-estar porque para eles também, para os professores que não são..não têm essa visão, eles têm noção de que trabalham num colégio confessional e que eles têm que seguir a filosofia da escola, mesmo que, muitas vezes, não concordando ou (...).E eu percebo que existe um respeito muito grande de todos os professores, com raríssimas exceções. Mas, respeitam MUITO.*

Em sua fala, ela se refere à confissão da instituição, à filosofia da mesma e deixa evidente que percebe uma transformação. Vale ressaltar que é uma professora que está na instituição há alguns meses apenas e percebe o movimento. Em momento algum, na fala de gestores ou professores,

## Tornar-se professor em uma escola confessional

explicitam-se momentos formais de trabalho com a cosmovisão. De certa forma, há um ambiente cotidiano que favorece essa clareza de filosofia.

*Professor 3: Eu acho que no EM, o 2º ano do EM, já é bem do conhecimento deles toda a filosofia da escola. E, na medida em que eu entro na sala de aula tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que, de certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores.*

A fala desse professor revela que a instituição se esforça para explicitar sua confessionalidade e vai além, os alunos identificam o professor cujos valores não combinam com os da instituição. A fala desse professor reforça a postura dele em sala de aula como maneira de identificação dele com a filosofia da instituição. Mais adiante se verá que a diretora e a coordenadora pedagógica também apontam uma formação voltada para a postura cristã do professor na sala de aula.

*Professor 4: Todo lugar que se frequenta nessa escola, sua história sempre vem à tona(..). No cursinho e em mais uma outra escola confessional católica, a confessionalidade dessa outra escola, ela não é muito acirrada(..). Então, de um tempo para cá ela influenciou, mas digamos assim de uma maneira democrática, justa, por exemplo, as questões ligadas à instituição. Hoje a instituição não tem vergonha de chegar e dizer que é uma instituição presbiteriana. Hoje, a instituição é criacionista. No livro de biologia, você não vai encontrar a posição criacionista, você vai encontrar apenas a visão evolucionista(..). Eu não vejo isso como uma interferência. Eu vejo como justo se eu trabalho, por exemplo, num local que é confessional e que tem esta filosofia; que tem esta visão das coisas.*

Esse professor também revela que a instituição tem uma expressão forte de sua confessionalidade e que isso tem se tornado mais forte recentemente. Ele usa várias vezes a palavra hoje. É um professor que está na instituição há

## Tornar-se professor em uma escola confessional

24 anos e não é da mesma religião (denominação) da escola. Vale ressaltar, contudo, que, em sua fala, a instituição não se isola do mundo, mas problematiza e evidencia as diferenças. A explicitação do que se acredita e o confronto que se possa gerar não devem isolar a instituição, mas colocá-la em foco de reflexão para o professor.

*Professor 4: Então, o colégio não proibiu de se dar a evolução. Ele pediu para que os professores de biologia e outras áreas mostrem para os alunos, também, que existe outra posição e que é essa a versão que a escola defende.*

Outro aspecto de sua fala que se sobressai é a comparação feita entre a outra instituição confessional em que trabalha e esta. De acordo com ele, a confessionalidade dessa escola é mais acirrada do que a da outra; a razão da existência da mesma é fortemente percebida.

*Professor 5: É. O que a escola pede mesmo é que se passe essas coisas mas não como a prioridade. Então, eu não monto uma aula pensando nisso. Isso vai surgindo à medida que o assunto permite e eu acho assim, a referência que o aluno precisa da postura do professor. Isso é uma coisa que ele tem que passar naturalmente. Então, a questão do respeito à questão da responsabilidade. Então, eu sempre cobro do meu aluno a questão da responsabilidade. Eu digo: olha pra mim. A questão da pontualidade, do compromisso. Então eu acho que posso exigir porque faço. Como diz... não é a priori... não é o foco prioritário mas vem paralelamente.*

Essa professora, apesar de não indicar que a escola explicita a confissão, ela deixa claro que a postura dela tem que perpassar os valores da escola, que em seguida ela explicita.

Nenhum dos professores deixou de mencionar a confessionalidade, os valores da instituição. Inclusive, dois, ao mencionarem a força da história da instituição, revelam perceber que esse é o sentido da existência da mesma,

## Tornar-se professor em uma escola confessional

pois todos que passam por ela, em todos os espaços dela, respiram sua história e os seus valores.

A coordenadora igualmente explicita a questão da confessionalidade como um dos novos fatores da escola. Revela também que a escola passa por uma transformação no que se refere à exigência de que se atinjam novos índices de aprovação em vestibulares e ENEM.

*Mudou bastante nesses últimos dois anos. Além disso, foi necessário mostrar para os professores que nós estávamos adicionando uma função a mais, porque a formação como cidadão tinha que continuar, então, não foi abandonada essa outra área. Pelo contrário, ela teve que se manter muito firme, mas se preocupar também com a área acadêmica.*

A diretora revela com igual força o novo direcionamento da escola, tanto para novos patamares de excelência acadêmica como para a questão da filosofia da escola, da confessionalidade mais explícita dela. Ao falar sobre o que considera inegociável em um professor, expressa isso com clareza e convicção:

*Essa escola foi criada como escola confessional, tem sua proposta baseada nos princípios bíblicos e cristãos e houve um tempo em que isso não estava muito claro. Quando eu assumi a direção o desafio era esse. Ter uma escola cristã, realmente cristã nos seus fundamentos, nos seus pressupostos e cristã no seu funcionamento. Escola cristã é a melhor, é a que tem os alunos mais bem preparados, que tem os professores mais competentes, ela tem que ser a melhor.*

É importante ressaltar na sua fala que a escola cristã seria a que tem alunos mais bem preparados, professores mais competentes. Isso está diretamente relacionado à expressão da própria confessionalidade da escola, uma vez que o cristão deve fazer tudo como se fosse para Deus, e isso significa o seu melhor.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Quando se observa que os índices de ENEM e resultados nos exames de vestibular nos últimos dois anos têm aumentado, há clareza de que esta é uma atribuição, conforme se demonstra a seguir, à qual os professores têm incorporado e à qual parecem ter satisfação em atender.

### 7.2 Análise das gestoras

Uma vez que a constituição da identidade profissional se dá no trabalho e envolve a negociação entre a trajetória pessoal de cada sujeito envolvido e as transações objetivas de reconhecimento e retribuição, faz-se necessária uma análise de todos os sujeitos envolvidos para se identificar como cada um se posiciona, no processo de negociação; que valores colocam em evidência. Nesse sentido, é fundamental voltar o olhar para a Diretora e a Coordenadora desses professores.

#### Diretora

##### *Perfil*

A diretora tem 26 anos de experiência profissional, trabalhou em outras escolas, desde públicas, rural, e até confessional. Estudou em escolas públicas, sempre, do ensino básico até a universidade.

Formou-se, primeiramente, em Letras e, depois, em Pedagogia. Lecionou por vários anos, atuou como coordenadora pedagógica e foi diretora em outra instituição. É evangélica praticante.

Está em sua segunda passagem pela instituição em questão. A primeira vez que esteve na escola foi como coordenadora pedagógica de Ensino Fundamental 2. Foi demitida e dois anos depois foi chamada de volta como diretora da escola.

##### **Pertença**

Para fins da pesquisa, buscou-se identificar sua pertença profissional, como se vê na sua atuação na escola.

*Outras coisas a gente pode conversar, buscar juntos, mas a ética e a competência acadêmica não.*

*(...) Tem que acompanhar o trabalho e a postura do professor e ver se o encaminhamento que está sendo usado em sala de aula é aquele que está sonhado, está projetado.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*(....) pelo retorno de pais de alunos, (...) você vai atendendo um pai aqui ou ali e ele vai dizendo:*

Sua fala indica uma tendência a ter uma postura muito ética e transparente e de diálogo constante com seus pares e com os professores.

Outro aspecto que se destaca em sua fala é a clareza que tem de sua função na escola:

*(...) eu entendo que, como diretora, é a de definidora, quem define o rumo da escola (...) o diretor planeja, sonha, monta um projeto de escola.*

*Eu planejo no outro dia e no outro acontece alguma coisa, e eu não vou, então,... a estrutura física e a quantidade impossibilitam que seja um contato direto, mas eu gosto de estar com eles, sempre que possível. No início de ano letivo eu estou com eles e no final de ano letivo eu estou com eles, durante o ano, gosto de participar de algumas reuniões de HTPE com eles e sempre que possível, no dia-a-dia, frequentar as unidades, conversar e, quando eles têm projetos interessantes, eu gosto de parabenizá-los .(...)*

Além de revelar suas funções e como vê suas atribuições, a diretora revela um relacionamento bastante tranquilo com os professores. Ela se mostra consciente das dificuldades em relação à quantidade de tempo que tem para seu diálogo com os professores, mas não perde de vista a necessidade de buscá-lo, cotidianamente. Sua relação com os professores, profissionalmente, é boa.

### **Atribuições ao professor**

Ao longo das falas apresentadas até o momento, identificam-se algumas atribuições feitas pela diretora aos professores.

Ela considera que devem ser éticos e ter excelência acadêmica. No entanto, o que ressalta mais em sua fala é a crença que tem neles como

## Tornar-se professor em uma escola confessional

peças com as quais se pode conversar e atuar nas diversas dimensões. É capaz de identificá-los, reconhecendo que as crises os molda.

Há, na opinião dela, algumas atribuições que são de responsabilidade dele de ir atrás (a competência acadêmica e a ética). Mas, não exclui o diálogo. Os valores é que dão a sustentação ao resto. O professor precisa saber o que dá sentido à vida e à profissão dele para poder interagir com as demais dimensões de sua profissão.

### **Crises**

Uma crise que há na escola, a qual se pode deduzir das várias falas da diretora, e que influencia sua maneira de trabalhar, é o próprio processo que a escola vive de busca de melhores resultados e de explicitação da confessionalidade. Essa é uma crise mobilizadora do processo identitário da instituição e dos sujeitos a ela ligados.

*(...) dar o encaminhamento cristão Esse foi o grande desafio. Quando eu assumi a direção, o desafio era esse.*

*(...) pelo resultado dos alunos nas provas, nos concursos, nos vestibulares, no ENEM, pelo comportamento dos alunos nos momentos de ajuntamento você vê a mudança.*

*(...) quando você comprova que, no vestibular do último ano, tivemos 50% de aprovação, isso prova que houve trabalho.*

### **Valores**

Podem se extrair, da fala da diretora, uma série de valores que apontam para uma postura ética e cristã em sua prática e na sua relação com os outros. O primeiro valor que ela revela e que dá sustentação aos demais é o de sua relação com Deus. Relatando sua trajetória profissional, ela revela que o direcionamento de Deus em sua vida é importante:

*Comecei logo depois de concluir o magistério. Comecei a trabalhar na zona rural, no interior do Paraná. As meninas*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*recém formadas começavam em escolas rurais, fiz o concurso da prefeitura fui aprovada e nomeada a trabalhar na zona rural. Foi uma experiência muito marcante em minha vida, aprendi muito e agradeço a Deus por ter ensinado tanto, ao ver pessoas tão carentes, tão necessitadas, e Deus ter tratado isso na minha vida, me ensinado que temos que ser humildes. Eu era professora, mas se eu quisesse dar aula numa sala limpa, tinha que lavar aquela sala. Deus trabalhou nesse sentido, que eu não era só professora, e que aluno, só aluno, existiam outros valores a serem ensinados, além do conteúdo que tinha que passar. (...) e a igreja resolveu tomar de volta, por causa dos princípios e dos valores que estavam sendo desvirtuados, e me convidou para, inicialmente, assumir a coordenação da educação infantil e fundamental 1 e, depois, em um segundo momento, assumir a escola toda. Foi um momento importante de reconstrução, é difícil você reconstruir, porque o grupo (que era dono da escola anteriormente) continuou na cidade com a escola deles, levando os melhores alunos, difamando o trabalho da gente. Foi um período muito complicado, mas me ensinou muito também. Deus tem me levado a desafios grandes.*

Em seguida, indica que valoriza uma postura ética e aponta que o cristão deve buscar excelência.

*É inegociável a competência acadêmica e a ética.*

*E o cristão tem que fazer o melhor, porque ele não faz para ele ou para algum grupo a quem ele segue, mas ele faz para Deus, e é isso que eu entendo.*

Nesse contexto, a relação com o outro é algo que valoriza:

*O relacionamento é muito bom,*

*Eu gosto de estar com eles sempre que possível,*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Eu gosto de dizer que estou acompanhando, então, eles sabem que, mesmo não tão próxima, praticamente eu acompanho o trabalho de cada um.*

O outro, seja Deus ou o seu próximo, seja este o aluno, como alvo final do processo educacional ou o professor, é o maior valor na sua atuação. Tudo que fizer técnica, afetiva, administrativa ou pedagogicamente, visa ao outro. Esse é o sentido de sua profissão.

Sua identidade profissional é constituída em meio a crises, dispensas e recompensas. No entanto, a diretora não perde o que é dela, seus valores, suas crenças. Dubar (2006, p. 53) afirma que “Estas crises põem à prova a gestão da identidade que os indivíduos devem fazer deles próprios e dos outros, em todos os aspectos da vida social e em todas as esferas da existência pessoal.”

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Coordenadora**

#### ***Perfil***

A coordenadora pedagógica tem 20 anos de experiência profissional como professora de Ensino Fundamental II e Médio. Como coordenadora pedagógica, atuou por dois anos na instituição dessa pesquisa. Trabalhou como professora em escolas não confessionais, sempre particulares.

Como estudante, frequentou sempre escolas públicas. Sua primeira formação foi em Pedagogia. Ao sentir que não poderia sustentar-se apenas com a Pedagogia, optou por fazer uma segunda faculdade, formando-se em Letras.

Na escola em questão, está há três anos, os dois últimos atuando na coordenação pedagógica e na sala de aula. Por sentir uma carga de trabalho maior do que desejava, atualmente, em 2009, está só com as salas de aula. (isto é, deixou a Coordenação Pedagógica um mês antes de termos marcada a entrevista. Manteve-se a entrevista com ela, pois o novo coordenador pedagógico tinha apenas um mês de escola.)

É evangélica praticante.

#### **Pertença**

A coordenadora pedagógica revela suas atribuições profissionais já indicando sua forma de enxergar a educação, sua pertença profissional. Ao mesmo tempo, enquanto fala de suas atribuições, ela as contrapõe às atribuições que faz aos professores. É importante registrar que o trabalho de uma coordenadora pedagógica é desenvolvido diretamente com o professor, o que justifica seu posicionamento.

Então, ela aponta que precisava trabalhar com eles o desenvolvimento de novas tecnologias, pois eles eram repetitivos em sala de aula.

*Olha, foi um desafio muito grande, a escola é grande, são 60 professores, são duas unidades, de ensino fundamental e*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*ensino médio, com realidades muito distintas. Eu peguei orientação pedagógica no período em que a escola precisava de uma visibilidade ativa, porque ela foi caindo em seu desempenho, então, foi um desafio imenso.*

*Trabalhava muito com eles a importância de variar a metodologia (...) porque muitos professores, eles têm uma metodologia constante, seja lousa, seja multimídia.*

Em seguida, afirma que lutou muito para conseguir mudanças. O fato de falar “lutei” revela certa dificuldade para desenvolver seu trabalho, confirmado pelo fato de que o tempo que tinha era pouco, na opinião dela.

*E eu lutei muito nesses dois anos para mudar essa prática, consegui com muitos, mas alguns foram resistentes, porque creem que o que importa não seja isso. Não estou querendo dizer que decorar não é necessário, para muitas disciplinas a decoreba faz parte, mas não é só isso.*

*Olha, eu tinha consciência de que eu precisava fazer muita coisa e não tinha muito tempo de fazer tudo que era pra fazer.*

Mas foi vitoriosa:

*Foi difícil no começo ganhar a confiança dos professores, mas em pouco tempo eles perceberam a seriedade e começaram a aceitar um pouco mais as orientações que a escola estava impondo a isso, e o resultado veio. Em pouco tempo, nós começamos a observar o crescimento dos alunos, o desempenho da escola, as estatísticas melhoraram consideravelmente.*

Descreve com clareza suas funções mais cotidianas para fazer o trabalho acontecer:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Em primeiro lugar, era de organizar o trabalho deles com eles em cada etapa<sup>17</sup>. Certo? A escola tem uma série de exigências de ações que eles têm que tomar e não há pessoa acima organizando isso para eles, eles se perdem. A minha primeira ação era essa: organizar como eles atuavam ali, durante aquela etapa, num cronograma, tudo o que eles precisavam fazer, o que precisavam entregar, tudo certinho para eles não se perderem.*

*Em segundo lugar, eu trabalhava muito com eles no sentido de avaliar a atividade que eles davam para os alunos, as provas que eram ministradas.*

### **Atribuições ao professor**

A coordenadora, semelhantemente à diretora, atribui aos professores a necessidade de serem competentes academicamente e éticos. Mas sua fala revela que também faz atribuições que apontam para uma interpretação dela de que eles têm dificuldades. Usa o verbo no passado por duas razões: não está mais na função; há um professor que foi dispensado.

*E muitos professores não têm a capacidade de fazer o aluno ler a matéria dele, pensar sobre a matéria dele.*

*Consegui com muitos, mas alguns foram resistentes,*

*Mas alguns eram resistentes, tinham em mente “eu sempre fiz assim, porque alguém quer mudar?” Muitos, quase todos, mesmo não gostando, obedeciam, mas havia dois ou três que eram resistentes, até mesmo à questão da obediência.*

### **Crises**

Suas crises se apontam em várias falas. Diante do fato de que não continuou na função, tendo decidido no final do ano de 2008 que ficaria apenas com sala de aula, em 2009, revela que houve um rompimento com a identidade de coordenação causado pelas crises que relata.

---

<sup>17</sup> Cada trimestre é chamado de etapa nessa escola.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Ao mencionar o que tiraria ou acrescentaria à sua função, revela:

*Eu tiraria porque eu acho que não são funções de orientadora, como, por exemplo, alimentar página quando as atividades são propostas. Acho que a minha função era fazer a coisa acontecer, mas, acontecida, outra pessoa tinha que publicar para divulgar. Eu incluiria assistir mais aulas com meus professores, porque quando você assiste à aula, você tem condição de atuar um pouco mais.*

Outra crise que parece perturbá-la é o trabalho com a cosmovisão.

*É difícil a relação de manter uma escola confessional com uma professora que não tenha a mesma visão que a da escola.*

Aponta também uma dificuldade para lidar com uma característica da função:

*É uma tarefa muito complicada, porque você dirige e, ao mesmo tempo, não tem (não completa a frase). O orientador pedagógico está sob várias autoridades e ao mesmo tempo ele tem que dirigir os professores e é complicado.*

Quando fala do relacionamento dos professores consigo mesma e com a administração da escola, revela uma inquietação e atribui isso à questão hierárquica.

*Com a direção, a relação é muito distante eu posso quase dizer que não tem relação.*

*E, muitas vezes, eles vinham à orientação pedagógica com suas angústias e eu não podia fazer nada, porque aquela não era a minha função, mas, ao mesmo tempo, aquilo me angustiava, porque aquilo atrapalhava o pedagógico. É uma relação difícil.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A segunda fala confirma a crise que vive em relação à função, pois embora não sendo apenas professora junto com seus colegas, também não se vê como parte da equipe administrativa. Há uma crise hierárquica.

### Valores

Essa coordenadora pedagógica transparece, ao longo de todas as falas, valores fortes ligados à organização e produção no trabalho. Dedicar-se a ver os resultados do trabalho nos alunos e nos professores. O reconhecimento desse trabalho é algo que ela aponta como um grande valor:

*Eu recebi muitos professores em minha sala, agradecendo, falando que o trabalho havia sido muito produtivo e que muitas vezes, quando eles estão passando pelo processo; são como alunos em relação ao professor que eles tinham; eles brigam, mas quando passa, eles veem que foi produtivo, que cresceram. Eu recebi muitos professores na minha sala com esse discurso, falando esse agradecimento.*

*Semana passada eu recebi e-mails de dois professores dizendo que estavam felizes com o resultado dos alunos no vestibular e que eles reconheciam que o crescimento só ocorreu porque nos últimos dois anos a orientação pedagógica criou um clima para isso. Isso é gratificante para o trabalho,*

*Mas eu creio que a forma como realmente a gente vê a mudança é quando você vê a prática do professor mudar, quando você vê o professor... Ele pode não saber aquilo que você está pedindo, mas ele está buscando chegar aonde você quer chegar. Eu creio, firmemente, que a prática dos professores ali pode não ter sido transformada totalmente, mas uma semente foi lançada.*

Parece que a identidade da professora tende a ser mais estatutária. Ou seja, ela busca o reconhecimento na instituição, visando um status diferenciado. De acordo com Dubar (2006, p.51), “É uma identidade que

## Tornar-se professor em uma escola confessional

implica um 'eu socializado' pelo desempenho de papéis." Isso é muito forte na entrevista com a coordenadora.

### 7.3 Atribuições da instituição para os professores

Evidencia-se, nas próximas transcrições, as atribuições que são feitas aos professores, tanto pela coordenação quanto pela direção. Essas atribuições são embasadas na filosofia da escola bem como são fruto da interação com direção e coordenação pedagógica.

Tanto a diretora quanto a coordenadora pedagógica atribuem ao professor a necessidade de ser competente, ter excelência acadêmica:

*Diretora: É inegociável a competência acadêmica e a ética. Não dá pra abrir mão disso.*

*Coordenadora pedagógica: Então, esses três itens para mim são inegociáveis, o conteúdo a ser transmitido, a postura dele como professor, pois ele está formando indivíduos, e a postura dele em cumprir regras.*

O aspecto da excelência é traduzido por elas no que se refere ao modo de trabalhar com o aluno e aos índices de aprovação no vestibular. Há, portanto, uma exigência acadêmica forte para o professor e uma exigência ética, de postura correta e de necessidade de ser modelo para o aluno.

*Diretora: (...), mas o trabalho é sempre no sentido de fazer o aluno pensar, dar a ele todos os instrumentos necessários para que ele aprenda exigir dele o máximo e ser modelo. Cumprir as suas obrigações e os prazos, ser gentil, educado, respeitar o aluno. (...) Na postura do professor mais do que no versículo bíblico ou no culto que possa fazer, é a postura do professor com o aluno que vai mostrar que é uma escola séria, comprometida com a formação do ser humano.*

*Coordenadora pedagógica: Não adianta o professor ser exigente na prova se não foi exigente na sala de aula. Além disso, trabalhava muito com eles a importância de variar a metodologia,*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Em relação a como atribuem a questão da cosmovisão - da filosofia da escola - ao professor, a diretora afirma que não é fácil, mas que ocorre no processo, trabalhando a postura dele em sala de aula. Diversas vezes ela usa a palavra 'acompanhamento':

*Diretora: Primeiro que a gente sabe que não é simples e às vezes não tem acontecido. (...) dizer que estou acompanhando, então, eles sabem que mesmo não tão próxima, praticamente eu acompanho o trabalho de cada um. (...) Na postura do professor mais do que no versículo bíblico ou no culto que possa fazer, é a postura do professor com o aluno que vai mostrar que é uma escola séria, comprometida com a formação do ser humano.*

Já a coordenadora pedagógica revela maior dificuldade em lidar com a questão da postura do professor em relação à confessionalidade, pois, em sua leitura, interpreta que alguns professores sentem-se bloqueados no trabalho pedagógico em função da confessionalidade da escola. Aponta que eles têm medo da perda do emprego e por isso não revelam a dificuldade de lidar em sala de aula com a cosmovisão. No entanto, sua fala não é confirmada pelos professores entrevistados, que revelam a mesma crença de que a cosmovisão - a filosofia da escola - deve perpassar a postura do professor e que isso eles fazem com tranquilidade por concordarem com a mesma. Sua própria fala revela que há possibilidade de o professor compreender e expor sua dificuldade de trabalhar dentro de uma filosofia cristã, como fez uma professora por ela mesma mencionada.

*Coordenadora: Eles têm em mente mais o que não pode do que o que deve, certo? Então, eles chegavam pra mim com um livro paradidático e falavam (...): esse livro pode?" Então, a ideia é muito mais tomar cuidado com o não pode.*

*(...)Bloqueados, eles morrem de medo de perder o emprego, então (...) Ano passado aconteceu uma coisa interessante. Após a semana pedagógica em que a Diretora fez uma palestra, depois o doutor (...) falou. Nós tínhamos uma*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*professora de português que escreveu uma carta para a coordenação e direção e passou uma cópia também pra mim falando da angústia dela; talvez, não fosse o caso dela sair da escola, mas ela não cria naquilo. Ela foi de uma ética extraordinária, nós percebemos que muitos aceitam para não perder o emprego. (...)*

*Na área de ciências, era muito complicado para eles a cosmovisão, porque eles têm que ensinar todas as teorias e ao mesmo tempo também ensinar o criacionismo, mas muitos deles não crêem nisso. Entendeu? Aqueles professores que trabalham numa escola confessional e que não são evangélicos, têm um conflito.*

Outro aspecto que gera perplexidade em relação a essa afirmação da coordenadora é o fato de que os professores que estão na instituição há mais de vinte anos não são professores que professam a mesma fé; revelam posicionamentos ideológicos até diferentes em relação a algumas questões ligadas ao conteúdo que lecionam; contudo, estão presentes todos esses anos na escola e revelam, nas entrevistas, conforme se assinalará a seguir, posturas muito semelhantes às atribuídas pela instituição.

Pode-se interpretar esse conflito de posição entre a coordenadora e a diretora, em função da primeira ter uma relação de menos autoridade com os professores, uma relação mais próxima no cotidiano.

Confirmando a tese de Dubar, o conflito e a crise põem em questão as atribuições e as pertencas dos sujeitos envolvidos. Esse movimento é o que gera um processo de constituição identitária. A pessoa tem que parar e avaliar o sentido de suas ações e posições. Ela passa a ter que gerir sua identidade.

Quanto à cosmovisão, não aparece como exigência da escola que o professor seja cristão ou evangélico, mas que conheça os valores para poder praticá-los em sua postura. A própria diretora afirma que não é conhecimento de versículos que se deseja, e sim, a postura ética e a competência profissional. Posição essa assumida também pela coordenadora.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Enfim, pode-se concluir que a escola espera um professor comprometido com a excelência acadêmica, que diversifique sua aula, que seja exigente com os resultados dos alunos, colocando a escola em posição de equivalência com os índices desejáveis de resultados, nas avaliações nacionais, que seja modelo ético e comportamental para o aluno.

A partir das falas nas entrevistas de ambas, percebe-se que a escola não só trabalha essas atribuições que faz ao professor em algumas palestras de início de ano, mas, principalmente, no contato cotidiano com o professor. Não há, como já explicitado, processos formais de formação, nessa direção.

## 7.4 Análise de cada professor

### Professor 1

#### ***Perfil***

Professor de física, com 25 anos de magistério. Nessa mesma instituição tem 20 anos como professor. Foi aluno da instituição desde o Ensino Médio. É católico, não afirma ser praticante. Estudou praticamente toda a escolaridade em escola particular católica, ingressando nessa escola nos dois últimos anos do EM. Fez a opção pela área de física, por ter se identificado com um professor de física. Considera-se como tendo sido um aluno levado, mas sempre muito respeitoso com os seus professores (característica que atribui à época da juventude dele e que não existe mais).

#### ***Pertença***

Ao falar sobre o porquê se tornou professor, apesar de apontar uma identificação com um professor, também transparece que foi algo natural, que “aconteceu”:

*O que me levou a trabalhar aqui foi um convite desse professor (o de física)(...)Entrei no laboratório de física(..).daí para dar aula foi um passo...Eu era aluno e passei para o outro lado, a ser funcionário e de funcionário passei a ser professor (...).Tinha todas as visões da escola.*

Durante a entrevista, mostrou-se participativo e tranquilo; fez questão de deixar evidente que os alunos gostam muito das aulas dele, mas que ele é tradicional e exigente.

O professor apresenta uma imagem de si aparentemente positiva; afirma ter o reconhecimento dos alunos. Quando questionado sobre o que é inegociável para ele, essa foi a resposta. Talvez dependa desse reconhecimento para constituir sua identidade profissional.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Deixar meu cargo de professor é inegociável para mim(..).Eu amo a sala de aula. (...)Sou bem rigoroso nas minhas aulas. Minha classe de estudos avançados é a mais lotada.(...) Isso é reconhecimento(...)é gostoso. Isso ninguém paga.*

Para Dubar, o reconhecimento ou o não-reconhecimento do outro, a transação objetiva se articula com a transação subjetiva (sua história pessoal, o que diz de si) no processo de constituição identitária. Essa articulação se dá em termos de **continuidade**, quando há reconhecimento e o profissional se projeta para o futuro na instituição, ou pela **ruptura**, quando o profissional percebe que seu perfil não atende mais à instituição e busca outro espaço ou, ainda, quando o profissional busca se **transformar** para atender às atribuições que lhe estão sendo feitas.

No entanto, ao comentar sua projeção futura, o professor não admite deixar o “cargo” de professor. Sua mobilidade na escola foi de “funcionário de laboratório de física” para o de professor. Estaria ele no alvo final de sua atuação na escola? Estaria sentindo que não atende mais às atribuições da instituição? Diante das falas que apresenta a seguir, não parece romper com sua pertença. Mesmo sem ter certeza do reconhecimento da escola, ele se mantém em um processo de continuidade.

Retoma uma descrição tradicional de si, fala muito positivamente de si. Deixa claro que sua visão da profissão está diretamente ligada à questão disciplinar, à tradição do ensino propriamente entendido, como de uma pessoa que deve explicar, *passar* o conteúdo:

*Sou disciplinador, cobro, minha formação é antiga. Gosto de disciplina. Claro que tudo tem que ser flexível.*

Sua interpretação da cosmovisão da escola está relacionada ao ato de falar sobre a mesma, falar sobre ética, mostrar interdisciplinaridade. Aqui já se pode perceber uma discrepância com o que a diretora e a coordenadora mencionam sobre o que é trabalhar com a cosmovisão ou com a confessionalidade da escola.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Não encontro dificuldade para conciliar minha disciplina com a cosmovisão da escola. Eu consigo facilmente... a gente ensina(...) explica, mostra a interdisciplinaridade, falo sobre ética, falo sobre cosmovisão, falo da minha matéria sem nenhum problema. É espontâneo da minha parte.*

Quanto aos superiores, relata que

*Sinto que confiam em mim. Querem que eu resolva determinadas situações. Sempre pedem e procuram e perguntam e eu me sinto valorizado nesse aspecto. A direção sempre me atende...e me ouvem (...) contam comigo e sempre poderão contar.*

Sente-se como alguém que é confiável, que atende a instituição nas exigências que faz a ele e nas características que exige dele.

Quando questionado sobre as projeções que faz de si, e do que lhe é inegociável, percebe-se que há certa dificuldade de se desprender do presente, podendo ter também essa dificuldade em relação ao passado. Revela uma contradição em relação a continuar na sala de aula ou a pegar outro cargo. Essa fala coloca em questão as demais falas sobre seu prazer na sala de aula e o reconhecimento dos alunos e da gestão.

*Bom, (risos) daqui a alguns anos eu me aposento. Eu tenho que viver o resto de minha vida. Não, mas, se eu puder participar ainda, eu espero contribuir. Porque eu vejo assim, todos nós temos prazo de validade e vencimento, precisamos dar oportunidade para os que estão vindo, mas nunca menosprezando os que estão aí. Porque a gente passa experiência. Então, de certa maneira, eu espero perguntar, ajudar e de alguma maneira participar. Eu não sei (pausa)...se for convidado para algum outro cargo, aceitaria normalmente e ajudaria com o maior prazer.*

*Deixar meu cargo de professor é inegociável para mim. Podem me tirar tudo, mas tirar as minhas aulas (...) é o que eu*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*mais amo fazer. Eu não aceito nada em troca da sala de aula.  
Eu amo a sala de aula.*

No processo de constituição identitária discutido por Dubar (2006), a projeção de si, a capacidade de falar de si, daquilo que permanece do passado e que se projeta para o futuro, revela uma identidade narrativa, na qual o sujeito põe em questão as atribuições que lhe são feitas e reflete sobre as mesmas; vindo as crises, o sujeito não perde a noção de si. Parece que ele tem dificuldade de se imaginar sem a instituição.

Essa posição do professor parece indicativa de um perfil “cultural”, de acordo com Dubar (2005). Pois, a forma identitária cultural se dá quando a pessoa se traduz pelo seu nome, sobrenome e designa a pertença a um grupo étnico. É a forma mais antiga na sociedade e perdurará enquanto perdurar a supremacia do Nós, (biográfica pelo/para outro). Percebe-se que não é necessariamente como o outro o enxerga, mas como o indivíduo se enxerga na instituição. Há uma “mistura” entre o que ele é e o que *ele acha* que a instituição quer que ele seja do ponto de vista dele.

As crises são momentos propícios para o processo de identificação. Apesar de não ser o aspecto em análise, neste momento, fato revelador dessa forma de identificação é que esse professor não relata crise alguma.

Isso levanta alguns questionamentos em relação ao que se tem apontado sobre o processo de identidade profissional. Interessa à escola um professor que se misture com ela a ponto de não se projetar profissionalmente independente da instituição? Seria isso um profissional crítico e intelectual desejado para a projeção da instituição?

De acordo com Dubar (2005), a identidade é algo que exige constante vigilância para que se possa manter um equilíbrio entre o que se deseja manter e o que se deseja lançar fora. Bauman (2005, p. 19) também afirma que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar alerta para defender as primeiras em relação às últimas”.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Atribuições**

*Na entrevista que eu fiz, a primeira pergunta foi sobre minha religião. Foi marcante, e ele me explicou o motivo e me orientou. Passei a conhecer e me aprofundar na história da instituição... Posso dizer que se acentuou a confessionalidade. Hoje há mais projetos de voluntariado e de participação em doações para creches, etc...*

Nessa resposta, o professor 1 está lembrando o que lhe foi perguntado quando foi selecionado para trabalhar. Ressalta-se que esse professor declarou-se católico (denominação cristã diferente da instituição). Para ele, a confessionalidade da instituição se manifesta nos projetos sociais.

Ainda sobre a instituição, ele afirma:

*Essa escola tem carisma... ela marca a pessoa.*

Mas, ele mais tarde dá entender que a instituição perdeu sua força ao se referir à questão disciplinar:

*Antigamente, o nome dessa instituição era mais forte na comunidade.*

Há outros momentos em que esse professor revela aspectos fortes do passado, de quando entrou na instituição. São informações ligadas à história pessoal dele. Mas, quando fala da escola hoje, não revela fortemente o sentimento de grandeza da instituição. Parece que isso ficou no passado. Essa é uma característica apontada por Dubar sobre alguns processos de identificação. Algumas situações mudaram na escola ao longo dos vinte anos em que esse professor nela atua, mas ele não enxerga essas mudanças como positivas. O professor parece revelar uma identidade presa a pertencas do passado, parece que não se narra com as mudanças.

No relato do professor, pode-se compreender que, para ele, há uma coincidência entre a atribuição da escola e a pertença dele. Na realidade, ele não apresenta, em nenhuma fala, atribuições que a escola faz a ele, apenas o

## Tornar-se professor em uma escola confessional

que ele é e, segundo a percepção dele, o que a escola espera que ele seja; e isso seria o que ele é. Mas, não há uma atribuição clara que seja feita pela escola. Parece não haver separação entre essas duas entidades (ele e a instituição) Mas, novamente, uma pergunta volta a chamar atenção: Se as identidades da instituição e profissional do professor se constituem mutuamente, um professor que não faz projeções para si e parece preso a uma pertença de atribuições do passado estaria em um processo saudável de constituição identitária? Estaria atendendo às atribuições da escola de ser e formar cidadão crítico?

A escola varia historicamente; e o professor?

Mellouki (2004) afirma que o professor tem a responsabilidade de tornar o aluno consciente da cultura em que está e da cultura que herda. Como fará isso, se ele mesmo não é capaz de olhar para a cultura e separar o que é do outro e o que é seu?

### **Crises**

É imprescindível notar que esse professor não revela de forma clara qualquer crise que tenha vivido nesse período todo na escola. As crises são momentos importantes para o processo de constituição identitária.

Bauman (2005) aponta que, a partir do momento que se percebe que a pertença não é eterna, instala-se uma crise. A questão da identidade só é colocada em causa quando esta é ameaçada ou abalada de alguma maneira. Dubar (2005) reforça que são as crises as mobilizadoras do processo identitário. De acordo com ele, diante da crise, o sujeito pode se fechar no seu passado, “fuga de si”. Parece-nos que algo semelhante pode ter havido no caso em questão, pois, o professor se prende a questões do passado, não se projeta para o futuro, não revela crises, nem pessoais, nem institucionais.

Contudo, o próprio fato de que ele não faça projeções de si, já seja para ele perturbador. A proximidade com a aposentadoria já o põe em questão em relação às projeções futuras. Este professor talvez esteja, ainda

## Tornar-se professor em uma escola confessional

inconscientemente, vivendo uma crise que o lançará, em breve, à necessidade de gerir sua identidade.

### **Valores e sentido da profissão**

Identificou-se, na fala desse professor, ao longo de toda a entrevista, algumas situações às quais ele atribui grande valor. Aponta uma grande valorização de hábitos e situações do passado. Coisas que hoje, para ele, se perderam: gosta do rigor, da disciplina. Isso apareceu por diversas vezes em sua entrevista. Ele também revela que a instituição no passado era mais forte, mais reconhecida do que hoje, devido ao rigor e à disciplina.

Ele enfatiza estes valores: o reconhecimento, o rigor e a disciplina, mas pouco fala de valores cristãos e, quando aborda questões de relação com o aluno ou com a equipe técnica, enfatiza que cumpre, que atende expectativas. Mas não revela relacionamentos mais aprofundados: transparece a necessidade de reconhecimento.

*Minha classe de estudos avançados é a mais lotada...  
Isso é reconhecimento... é gostoso. Isso ninguém paga.*

*Sou bem rigoroso nas minhas aulas.*

*Sou disciplinador, cobro, minha formação é antiga.  
Gosto de disciplina. Claro que tudo tem que ser flexível.*

A valorização da relação com o outro, em especial com o aluno, como fator importante para a vida e para a profissão, apareceu em todos os professores.

O reconhecimento de seus alunos, (com classes opcionais cheias), é também para ele um valor forte. Ele repete várias vezes que seus alunos gostam dele, que enchem a sala dele.

A análise das ilustrações reforça esses valores e aponta o sentido de sua profissão com mais clareza.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Ilustrações 1 e 2**

Em relação às ilustrações 1 e 2, ele demonstra sensibilidade, falando de amor, de colaboração, de solidariedade, mas sem abrir mão da sua postura mais transmissiva, de algo bom que passa para as novas gerações:

*A imagem, de certa forma, mostra o professor e seu aluno. Nós, tentando transmitir nossos conhecimentos, mesmo com o contato que temos no nosso dia a dia. Estou associando meu trabalho, não querendo ser Deus, de forma alguma estou dizendo isso. Mas, é a relação mesmo, né? É o amor, o carinho. Eu vejo tudo isso, porque eles gostam da gente e nós gostamos deles. Transmite isso.*

### **Ilustração 3:**

Outro aspecto que se extrai de sua análise da imagem 3 é a abertura para o outro. De certa forma, mesmo do seu jeito mais tradicional, esse professor enxerga em sua profissão a necessidade de abrir o mundo para o outro; revela sentir responsabilidade pelo outro.

*Essa é muito boa. Novos horizontes. A coisa é bem maior lá fora. O que nós temos que passar para os nossos alunos. Que não é só isso. Aqui é uma janela. Nós estamos abrindo a janela para eles. O mar, a sabedoria infinita. É bem interessante mesmo, né.*

### **Ilustração 4:**

Entende-se que, a partir da análise feita das imagens, o sentido que ele atribui à vida, na relação com o aluno, é que vê o amor, o carinho e afirma que deve passar-lhes paz, sensação de grandeza, de pensamento. Mesmo quando sua fala revela que enxerga na profissão uma oportunidade de ajudar o aluno a abrir-se para o mundo, continua com postura de transmissor. Nessa análise feita aqui da fala do professor, levanta-se a questão da dimensão espiritual dele; não é uma dimensão muito trabalhada ou refletida por ele. Não aparenta haver interação entre sua atuação e um significado maior de vida.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*A luz. A luz é bastante interessante. Tem bastante luz na minha área também, (risos), a física. Aqui a sensação é de paz, de reflexão, de pensamento, grandeza, exatamente o que temos que passar nas nossas aulas. A sensação de paz. Que nós não estamos guerreando. Que a escola é grande e tem que ser respeitada.*

Dubar (2006, p. 51) afirma que “A forma de identidade (...) do tipo comunitária é aquela que provém da inscrição dos indivíduos numa linhagem de gerações (...). Ela designa a pertença a um grupo local e à sua cultura herdada.” Este professor, em alguns momentos, revela uma forte tendência a prender-se à denominação de escola forte do passado. Há outros momentos em que parece estar em uma forma mais reflexiva de identificação, em que se coloca com um grupo de pares que buscam o mesmo projeto que ele. Deseja ver-se reconhecido pelos outros significativos de sua comunidade.

Não há, aparentemente, nenhum efeito nele de uma interação entre a confessionalidade da escola e sua espiritualidade, ao mesmo tempo, não há, por parte dele, inovações no que diz respeito às suas técnicas pedagógicas.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Professor 2**

#### ***Perfil***

A professora leciona Geografia. Conta com 20 anos de magistério, sendo quatro meses na instituição em questão. Já leciona em escola confessional evangélica há 18 anos, apesar de ser de outra instituição. Lecionou em escola da prefeitura. Sua formação básica foi em uma escola confessional evangélica, na qual lecionou por 18 anos. Como aluna, descreve-se como tendo sido sempre muito aplicada, criteriosa e estudiosa. Considerava-se tímida. Tinha paixão (na fala dela) pela sua professora de Língua Portuguesa que era muito rígida, mas competente. A professora afirma: “Ela reconhecia meu esforço.”

É Batista na sua prática religiosa.

#### ***Pertença***

A professora declara que escolheu mandar seu currículo para a escola e que havia muita vontade de trabalhar lá.

*Eu tinha vontade de trabalhar aqui.*

Várias vezes ela relata que a escola parece ter o mesmo jeito dela. Como já havia lecionado em escola confessional evangélica, já tinha conhecimento de determinadas características dessas escolas e das prováveis atribuições que fazem aos seus professores. De certa forma, a partir da teoria de Dubar, pode-se afirmar que a professora já modelou sua identidade profissional de acordo com os traços culturais. Ele chama essa forma de identidade societária, por implicar escolhas, por parte do indivíduo, no que se refere ao que ele assimila como parte de sua identidade, em contraposição a uma assimilação inconsciente. Há, portanto, uma coincidência entre a pertença do profissional na sua busca de sucesso e a atribuição que a instituição faz, da qual depende do sucesso do profissional.

*Eu acho que o que me atraiu era a questão da confessionalidade. Eu já estava acostumada e pensei em*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*encontrar um ambiente, uma atmosfera parecida. Eu achava legal, porque como eu já trabalhei em escolas não confessionais, então, você sente a diferença.*

.A professora fala de si, revela o que é inegociável para ela e sua projeção para o futuro. Fala de seus planos de estudo. Não está presa à instituição, mas, ao mesmo tempo, sabe que a possibilidade desses projetos está ligada à instituição. Parece revelar uma forma estatutária, a qual pode ser uma variação dentro da identidade societária. A forma estatutária de identificação tem uma relação estreita com os papéis que assume na comunidade, visando crescimento e recompensas de alguma forma. No entanto, não está presa nesta forma de identificação, mas com vistas a uma forma mais reflexiva de identidade, tendo um projeto pessoal a perseguir.

*Eu estou trabalhando nessa primeira etapa. Preparando meu curso ainda. Estou descobrindo como é que as coisas acontecem. Eu gosto de trabalhar com muito critério. Mas, eu não tive tempo ainda para isso. (...)*

*Futuramente? Eu pretendo, eu estava pensando em alguns cursos que são legais para expandir a minha carreira. Penso nessas coisas, assim, cursos de línguas que eu quero muito fazer. Mas, tudo para o ano que vem, também.*

*Eu amo a sala de aula. (...). Inegociável?... Eu... Eu acho que é... a minha missão dentro da sala de aula.*

Ao falar do que é inegociável para si, revela que é sua própria missão, ligada à sua profissão. Deixa claro que a escola a escolheu devido às suas pertencas se relacionarem ao que a escola atribui a um profissional.

*Eu acho que foi o tempo que eu já tinha de magistério, também o fato de que, eu senti isso, o fato de o colégio de onde eu vinha ser confessional, o fato de eu trabalhar e concordar com essa linha. Isso pesou também. (...) Eu concordo, porque eu acho que a escola, ela tem que estabelecer uma linha de pensamento entre os profissionais*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*que ela trabalha, dos profissionais com quem ela trabalha e a clientela, porque se não, vai ser uma guerra o tempo todo. Então, eu acho que é legal, sim. Aí é claro que isso também, (...) tem consequências.*

Bastante diferente do professor 1, essa professora revela, já em sua fala, projeções de si, clareza de sua missão, mesmo que havendo coincidência com a instituição. Ela se narra, aponta em si características que também enxerga na escola, fala de desejos de estudo, apesar do amor pela sala de aula, deseja perseguir mais profissionalmente; tem clareza de sua função, missão na sala de aula.

A constituição identitária do professor e da instituição se influenciam mutuamente. Ao fazer suas próprias atribuições à instituição, o professor fortalece ou nega o que a instituição se propõe a fazer; fortalece ou nega o que a instituição atribui a ele. Esse processo é o que Dubar (2005) denomina de transação objetiva. É a relação que o indivíduo estabelece com seu espaço de trabalho e com a retribuição concreta da contribuição que dá com seu trabalho para o ambiente social. Vejamos:

*Mas é de uma organização tão grande. (...) estava tudo prontinho sabe, (...) A coordenadora muito preocupada em deixar tudo claro.*

E, ainda:

*Postura séria da escola". O trabalho sério que é feito.*

Mescla atribuição e pertença. Do ponto de vista de Dubar, percebe-se que a professora 2, de maneira muito lógica faz suas atribuições fundamentadas em suas pertenças; no entanto, suas pertenças não são ligadas à escola em si, mas a seus valores, com os quais se identifica na escola (organização, responsabilidade, seriedade). Sua relação identitária com a escola passa por um processo mais societário, de escolha.

Ela percebe o que é sua pertença, a questão da confessionalidade, da fé, do ambiente que ela já conhecia de outros espaços. Não se restringe a falar

## Tornar-se professor em uma escola confessional

só de si, ou só da escola em que está. A professora é evangélica, de denominação diferente da escola.

*...Eu percebi que havia uma linha muito próxima à que eu acredito. Uma linha de trabalho muito próxima àquela que eu acredito.*

*Eu gosto de trabalhar com muito critério, né? Mas, eu não tive tempo ainda para isso.*

*Mas, eu me sentia assim: é a minha casa, a gente quer a mesma coisa. Eu vejo assim, não está ligado à minha denominação, mas eu me sinto como se fosse algo que é nosso.*

Isso confirmaria a tese de Dubar (2006) e de Scoz (2004) que aponta com clareza a interferência da instituição na identidade pessoal do professor e vice-versa. Dessa forma, igualmente aponta que a escolha que o professor faz da escola em que irá lecionar também tem relação com a identidade que ele já vem constituindo ao longo de sua existência e de sua experiência profissional.

Por sua vez, a escola seleciona o professor que apresenta uma identidade que se intercambia com a filosofia da escola.

### **Atribuições**

É possível perceber, ainda, que ela tem clareza das atribuições que a escola faz aos professores, em geral, e parece concordar com as mesmas, percebendo, de maneira consciente, a coincidência entre a sua pertença e as atribuições feitas pela escola. Mais uma vez, as falas que trazem a pertença da professora também revelam as atribuições da escola, mas isso não é feito sem que a professora revele consciência de uma e de outra. A escola deseja um profissional que trabalhe seriamente, com critério e busque bons resultados.

*Uma postura séria é (...professora muda o foco) não é aquela brincadeira que faz de conta que eu estou ensinando e você faz de conta que está aprendendo. É uma postura séria. É*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*o que é. Isso é uma coisa que eu fico admirada de ver. O trabalho sério que é feito.*

### **Crises**

A crise vivida e esclarecida por ela ajuda no esclarecimento dessa visão. A instituição em que trabalhou quase 20 anos e em que estudou começou a ter problemas financeiros sérios:

*Eu percebi que o tempo estava passando, eu me dei conta disso. Em alguns momentos eu me decepcionei. Aí eu mandei meu currículo para cá e para outras escolas.*

A crise a leva a buscar outra escola e favorece a ela uma avaliação de seu jeito de ser, seus critérios, sua missão.

Isso revela sua capacidade de se narrar e de tomar sua vida em suas mãos. É capaz de compreender que os valores da escola podem ser seus e outras situações que possam surgir não os tirarão de si. Busca outro lugar em que pode agir com seus valores.

### **Valores**

A partir das falas relatadas, percebe-se que a professora valoriza o trabalho organizado e criterioso. Valoriza a seriedade e o compromisso com o que se fala. Ao mesmo tempo, demonstra valorizar as pessoas, o contato humano e os valores cristãos que a levam a cumprir sua missão pessoal.

Valoriza seu trabalho como instrumento de realização de sua missão por meio da relação que estabelece entre o conteúdo e vida. Esses valores dão para ela o sentido de sua profissão:

*A minha missão... assim, por eu ter uma formação evangélica.. Então, a minha idéia é ... eu penso num país melhor... eu acho que essa é a minha “porção” dentro da minha profissão. Isso é inegociável.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Sentido da profissão**

Essa mesma fala, que revela seu grande valor, revela o sentido de sua profissão. Sua dimensão espiritual é clara para ela e influi em sua atuação profissional. Está aberta para o outro, para o mundo e percebe sua função social como primordial na profissão.

*Eu procuro sempre; eu acho uma brecha, eu acho... porque eu penso assim... eu penso que perde o sentido, perde o sentido. Quer dizer, você ao entrar na sala de aula, dar a sua matéria, seu conteúdo e ir embora... não ficou completo. Então, eu tenho que relacionar sempre o meu conteúdo com a missão que eu escolhi.*

*Tentar trabalhar a linguagem da geografia como ela é no vestibular, para ele já estar se adequando a essa linguagem. Porque é uma linguagem muito específica. Por outro lado, tem essa vertente, uma vertente ideológica. Não deixa de ser.*

*O que é que eu faço? Ao mesmo tempo que eu faço esse trabalho, que é importantíssimo no EM, eu trago algo para a vida deles, cotidiana. Então, a gente discute porque aquilo é importante, de que maneira eu posso interagir com esse conteúdo na minha vida. Eu faço questão de fazer isso, de relacionar com o país que a gente vive, com a realidade que a gente vive, com o mundo. Em geografia isso é muito bom de fazer.*

Há muita clareza de que não há separação entre sua dimensão espiritual e o sentido de sua profissão. Confirmando o que é proposto por Viktor Frankl, a profissão é para ela o meio pelo qual expressa sua espiritualidade; entra em contato e relação com o outro e expressa sua relação com Deus.

As descrições que a professora faz das ilustrações revelam os mesmos valores e reforçam o sentido da profissão que identificamos em sua fala.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Ilustração 1 e 2

O contato com as pessoas como forma de cumprir sua missão e realizar o sentido de sua profissão.

*Essa imagem me remete ao contato com as pessoas. Ao contato com o aluno que eu acho que é super importante e é uma habilidade muito grande. Então, essa imagem é fantástica. Ela fala exatamente daquilo que eu acredito. Que é você estabelecer uma relação com o aluno, com essa pessoa enquanto ser humano mesmo. Mostrar pra ele que o teu objetivo ali não é meramente profissional. Você tem algo a oferecer para ele.*

### Ilustração 3

A abertura para o outro como expressão da espiritualidade é fortemente expresso pela análise que a professora faz da imagem. Ser responsável pelo outro, conforme Frankl aponta em sua tese. Além disso, a sua dimensão política da vida se revela ao se posicionar diante do mundo e reconhecer que precisa ajudar o aluno a se posicionar. O posicionamento político está intimamente ligado ao sentido que ela atribui à vida.

*Essa imagem, para mim, ela me remete, em sala de aula, para o seguinte: eu procuro mostrar-lhes que o conhecimento abre os horizontes para ele. E que através daquele conhecimento ele pode ampliar uma série de coisas na vida dele. Então, não é o conhecimento pelo conhecimento. (...) Eu acho que como profissional eu procuro ajudar meu aluno a abrir essa janela. Eu acho que muitas vezes ele pergunta assim, Ah, para que eu estou aprendendo isso? Aí eu tenho a oportunidade de falar para ele a janela que ele pode abrir a partir daquele conhecimento que ele está vendo. E perceber que é um universo, quando você abre essa janela, é um universo que se abre para você; tem várias possibilidades.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Ilustração 4

Mais uma vez, evidencia-se, na fala dessa professora, a tese de Dubar de que há um movimento de negociação e a busca de equilíbrio entre as atribuições feitas a uma pessoa pelo ambiente externo e a maneira de ela se posicionar no mundo, o que é visto na análise que ela faz da última imagem. Não há como uma pessoa se isolar das influências que o ambiente externo, inclusive de socialização primária, faz no seu processo de identificação. Contudo, é possível a pessoa buscar autenticidade. “É a continuação de um ethos que dá um sentido a toda a existência (...) Não existe identidade sem alteridade, isto é, sem relações entre o si próprio e o outro.” (Dubar, 2006, p. 52) Essa professora expressa com clareza o outro e a escolha que faz para si mesma.

*Essa é forte. Aqui estou vendo uma igreja bem antiga, com vitrais muito bonitos, colunas muito firmes, muito sólidas, um sol entrando pelos vitrais. É uma sensação muito boa. Eu acho que a minha profissão ela se mistura com a minha religião. Porque, muitas vezes, a minha profissão fica acima de muitas coisas para mim. Pela minha profissão, eu já sacrifiquei muita coisa na minha vida, mas não me arrependo. Eu acredito no que faço, acredito no trabalho e não consigo dissociar o que eu acredito como crença, como religião, do meu trabalho. Não consigo dissociar de minha vida. Não que essa religião tenha um nome, por ser batista, não, É a minha relação com Deus. Eu não consigo dissociar de nada. Então, a minha profissão, ela também é passada pela minha crença, pelo que vivo diariamente. Minha relação com Deus, que eu considero uma coisa que faz parte, não tem como separar. A imagem me remete a isso. Para essa relação com Deus.*

A professora tem claros para si seus valores, os quais decididamente se revelam no sentido que dá à profissão. Sua identidade profissional está vinculada a esses valores, mas não está estacionada em relação a um projeto de vida. A professora se narra, com todas as suas crises e com seu passado, mas aponta um futuro que envolve não apenas a instituição, mas seu próprio

## Tornar-se professor em uma escola confessional

desenvolvimento profissional. Pode-se tentar afirmar que sua espiritualidade, reforçada pela confessionalidade da escola, tem influência nas demais dimensões de seu trabalho: na sua relação com o aluno, na significação que dá aos conteúdos, no seu desejo de aperfeiçoamento profissional, na sua ética e na sua dimensão política, confirmando o fato de que a espiritualidade é uma dimensão que atravessa as demais dimensões do sujeito.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Professor 3**

#### ***Perfil***

Professor de Biologia, com 22 anos de magistério. Trabalha há dois anos na instituição em questão.

É católico de formação, mas não é praticante. Lecionou em escola confessional católica de grande porte e ainda leciona em um cursinho. Sua própria escolaridade básica foi sempre em escola pública (EM noturno). Iniciou trabalho cedo. Seu primeiro trabalho foi como técnico em hospital; trabalhou como educador ambiental no início da carreira em biologia; começou a lecionar ainda enquanto estudante na faculdade. Sua primeira experiência como professor foi em escola técnica noturna. Só depois de terminar a faculdade, começou a lecionar em escolas particulares. A área de saúde sempre foi a grande tendência, mas logo no início já ficou vinculado ao ensino.

Como aluno, já gostava de ensinar e de preparar seminários. Gostava de lecionar. Considera-se como tendo sido bom aluno, respeitador e feliz, bagunçava “saudavelmente”.

#### ***Pertença***

O professor 3 também tem muita clareza, ao narrar-se, de que suas pertencas vêm contribuir e somar com a escola. Fala de sua formação e do fato de que ser professor/ educador é algo que faz parte dele.

*Eu tinha feito um curso técnico na área de saúde e isso começou a me levar para área da biologia.*

*Eu gostava de dar aula. Como aluno, eu gostava de preparar seminários e apresentar... de certa forma, eu era elogiado quando apresentava seminários.*

Ao narrar sua trajetória profissional, apresenta bastante de sua pertença profissional. É professor e gosta de liderar debates, de ensinar, de falar, de relatar.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Eu gostava de ajudar, ensinar, eu facilmente comandava uma discussão, né. Então, eu acabei me voltando para essa área.*

*Quando eu trabalhei como biólogo, eu trabalhei como educador ambiental... fiquei dois anos sem dar aula propriamente, mas trabalhei como educador ambiental. É, meu lado de biólogo sempre foi voltado para a educação.*

Afirma que foi convidado em função de apresentar um perfil semelhante ao da escola. Ao falar do professor que o convidou a mandar um currículo para a instituição, revela clareza de que suas características e seus valores combinam com o que a escola atribui aos professores.

*(...) Ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo do perfil de professores daqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo.*

Apesar de ser católico não praticante, afirma que se relaciona com a escola em função de seus valores combinarem com os da escola. Os valores também revelam uma pertença em sua fala. Na realidade, a ligação entre valores, identidade e espiritualidade se revela, na maior parte das falas. Os valores oferecem o sustentáculo necessário para a construção da identidade.

*Aqui tem sido muito tranquilo. Eu entro, eles respeitam muito. Eu peço para eles pararem de conversar, prestarem atenção, ficarem em silêncio. Eu consigo passar o que preciso passar para eles. Consigo colocar pontos de reflexão. Eu gosto de uma aula dialogada. Não só passando informação e eles aceitando. Eu gosto que minhas aulas sejam reflexivas. Eles participam de minha aula de maneira que eu gosto.*

Falando sobre suas aulas na escola, revela pertenças que se mesclam com as atribuições que faz para a mesma, fala da postura que revela os valores dele e da escola:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Pelo tempo que tenho aqui, eu entendo que... vou ser coerente com o que eu disse anteriormente, uma vez que os meus valores e os valores da instituição vão ao encontro, coincidem,*

A escola corresponde ao que ele tem como pertença, ser professor.

*Aqui eu sinto dando aula com alunos que respeitam o professor..*

Ainda revela em sua fala a relação existente entre a atribuição dele à escola e a sua pertença:

*Eles sabem o que nós esperamos deles e nós sabemos o que esperam de nós. Acho que existe aí um conjunto de perspectivas que vão ao encontro, em comum.*

Esse mesmo professor, que, apesar de ter 20 anos de experiência, tem apenas dois na instituição, revela que a filosofia da escola e o processo identitário do professor estão interligados e interferem mutuamente um no outro:

*De acordo com a tua prática em sala de aula, não tem muito que discursar ou apresentar aos alunos uma carta de princípios.*

Ao falar de sua projeção futura, revela segurança em relação ao fato de que sua postura combina com o que a escola espera dele, mesmo sem se confundir culturalmente com a mesma:

*Pelo andar da carruagem, creio que estarei aqui, sim. Eu fiquei 15 anos dando aula na outra escola. Eu não sou de ficar trocando muito de escola. Gosto de criar raiz. Esta é uma instituição tradicional e antiga, não quer dizer que não seja moderna. Eu me vejo daqui dez anos aqui tranquilamente.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Atribuições**

O professor revela, assim como a professora 2, que as atribuições da escola combinam com a sua pertença. Vai além, pois, se sua postura de vida não combinasse, os próprios alunos indicariam a ele e à instituição.

Nessa fala a seguir, o professor confirma a atribuição feita pela direção sobre o fato de a postura do professor revelar mais a confessionalidade da escola do que se ele falasse versículos bíblicos ou falasse sobre a escola.

*E, à medida que eu entro em sala de aula, eu tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que de certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores, **eles percebem isso naturalmente**... A postura é uma carta de princípios ativa.*

Semelhantemente à professora 2, esse professor também viveu uma crise na escola em que lecionava. A crise o levou a sair da escola. Um colega o convida a enviar o currículo para a escola em que ele trabalha. O professor o faz e se vê bem sucedido em uma escola com a qual se identifica:

*Eu dava aula em outra escola (confessional católica de grande porte na Zona Sul de São Paulo), mas estava saindo dela em função de uma reciclagem de professores e da política educacional que essa escola estava tendo. Em função dessa mudança de política, alguns professores saíram por livre e espontânea vontade, outros foram convidados a se retirar. Exatamente nessa época, o professor XXX (colega da escola atual) trabalhava comigo em cursinho, damos aulas juntos e, então, ele sabe meu jeito de dar aula, ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo do perfil de professores aqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo, fazer uma entrevista e participar do processo de seleção. Então, eu vim aqui indicado por ele e outras pessoas também foram indicadas e passaram pelo mesmo processo e eu acabei sendo escolhido.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Essa última frase transmite segurança em relação à “escolha”. Sente que a escola enxerga nele os atributos que deseja em um professor. Nesse momento, o professor demonstra estar em um momento identitário mais próximo de uma forma narrativa, pois, é consciente das escolhas que faz, do que lhe é atribuído e de sua pertença. A constituição identitária se dá em determinados espaços-tempo. Esse professor tem já vinte e dois anos de profissão, sua vivência e sua trajetória profissional e pessoal permitem que faça essa reflexão e essa narração.

### **Valores**

Revela seus valores quando perguntado sobre como foi introduzido à filosofia da escola e quando fala sobre seus alunos. Ele valoriza a relação com o outro; relacionamento com os alunos; respeito mútuo.

Um aspecto que se apresenta pra o professor como algo de muito significado é a relação com o outro e com o aluno. Isso surgiu diversas vezes em sua fala. Destaca-se uma delas:

*Em parte foi o professor xxx, sobre a filosofia da escola, sobre a relação professor alunos aqui e a relação entre os professores, entre os professores e a coordenação. Então, a parte mais prática mesmo foi ele. E ao chegar na escola, acabei conhecendo mais, em contato com os professores.*

Ao ser perguntado sobre o que é inegociável, revela uma série de valores, inclusive a forma como esses valores são constituídos, até no âmbito profissional:

*Eu acho que é o princípio que a gente tem, os valores que a gente tem como professor. Eu acho que ter que negar os valores que nós temos, e, nomear esse conjunto de valores que a gente tem é um pouco complicado. **Porque esse conjunto de valores você foi obtendo ao longo de sua vida e profissão.** Acho que é mais ou menos **uma coisa parecida com amizade. É difícil duas pessoas continuarem amigas se não tiverem o mínimo de valores em comum,***

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*perspectivas em comum... Então, à medida que essas perspectivas não vão mais ao encontro... acho que tem coisas que não dá para negociar. Se tiver que mudar realmente, e tiver que tomar atitudes contrárias aos meus valores, em função de minha vida pessoal e profissional... aí não dá para negociar.*

Liberdade e confiança são valores que o professor revela como importantes ao comentar que seus valores e princípios são inegociáveis para ele:

*É inegociável. Por exemplo, se eu tiver que negar os meus valores e princípios, isso é inegociável. Então, um dos princípios que eu tenho é dar o conteúdo de uma forma questionadora, reflexiva.*

### **Sentido da profissão**

Quando questionado sobre como é trabalhar em uma escola presbiteriana, revela valores e sentido de vida:

*Ateu eu diria que não. Mas, não sigo, não vou à missa, não participo de nenhum culto religioso. Estou aberto à existência de Deus. Eu acho que na época de estudante, eu até me dizia às vezes ateu. Mas eu não gosto muito de seguir algumas regras, a não ser que me pareçam coerentes. Então, eu acho que, se eu consigo pautar minha vida tendo as minhas regras de acordo,...a partir do momento que elas batem, que elas vão ao encontro de, pode ser até outras regras que chegam ao mesmo ponto, eu penso que eu estou seguindo uma regra minha que eu acho que é interessante. Eu acho que é mais ou menos por aí. Inclusive eu acho,(...) uma coisa que me disseram quando eu entrei aqui (...) ‘você tem uma filosofia cristã?’ ‘Sim, eu acho que eu tenho uma filosofia cristã.’ Os meus valores batem com os valores cristãos e eu tenho uma postura que é uma postura cristã. Eu não preciso*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*necessariamente ser religioso e seguir uma religião, acho que a gente tem que ter esse conjunto de valores em comum.*

Ao falar sobre o que lhe é inegociável, revela um posicionamento político em relação à sociedade, uma postura crítica, como aponta também alguns supra-valores que direcionam para o sentido de vida profissional:

*A gente tem que preparar o aluno para o mundo que tá aí fora. A gente tem que preparar o aluno para participar de uma sociedade, questionando-a e tentando melhorá-la. Isso pra mim é inegociável.*

Frankl afirma que o trabalho é onde se cria algo para o outro:

(...) Ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. E, com base em sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida que se esquece de si próprio. (FRANKL,1992, p.77-78)

É justamente no processo de criar algo para o outro que o professor expressa sua espiritualidade, expressa seu sentido de vida. A seguir, expressa esse sentido e esses valores na sua leitura de imagens.

### **Ilustração 1 e 2**

*Primeiramente, nessa imagem, as mãos estão próximas, mas não se tocando. Há uma intenção de se aproximar, mas não necessariamente de se tocar. Para mim, a imagem mostra a possibilidade de eu me oferecer, oferecer apoio, ajuda e conhecimento.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Voltar-se para o outro é o valor que se apresenta em sua fala

### **Ilustração 3**

*Essa imagem me faz pensar que a gente tem que ter uma postura e uma filosofia aberta e não fechada. Temos que ser uma pessoa aberta a receber novas informações. A realidade e o mundo estão sempre apresentando novas coisas que a gente tem que aprender. Tem que estar aberto pra aprender novas coisas. Pra ensinar, a gente tem que estar aberto pra aprender. Temos que ter uma mente e postura abertas.*

Novamente, abertura para o outro.

### **Ilustração 4**

*Essa imagem me lembra de certa maneira um lugar tranquilo que tem uma luz natural, aproveita a luz da natureza e do dia. É a imagem de um lugar e de um local que entramos e, uma vez que ele é arejado e indiretamente recebe a luz do dia, nos leva a ter uma certa serenidade. Necessariamente não parece ser um local fechado. Ele tem algo de, não sei se é fechado, ele tem uma estrutura, ele tem uma janela aberta, mesmo que os vidros estejam fechados, ele tem uma janela que permite ver lá fora.*

Mais uma vez, abertura para o mundo, para o outro. Esse é o valor principal que dá sentido à sua profissão. A expressão de sua espiritualidade está no ato de ensinar e contatar o aluno.

A identidade desse professor é uma identidade narrativa. Dubar (2006, p.52) afirma que a identidade narrativa é um indício de uma busca de autenticidade. Um processo em que o sujeito se percebe e se narra em meio às crises, projetando-se sempre com suas pertencas.

O que permite esse processo são os valores sobre os quais constrói sua vida. São os valores que dão solidez ao sentido de sua existência. Isso

## Tornar-se professor em uma escola confessional

permeia sua relação com os colegas, com seus alunos, com o significado que atribui ao conteúdo, à sua prática pedagógica e ao seu posicionamento político no mundo, de estar em sintonia e aberto às inovações. Não é uma abertura ao mundo para qualquer coisa, mas para aquilo que não fere seus valores.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Professor 4

#### **Perfil**

Professor de Biologia, com 24 anos de magistério. Desses, 24 anos na instituição pesquisada, um ano em escola do Estado. Leciona em outra escola confessional de outra denominação – católica, com a qual faz uma série de comparações. Leciona em cursinho.

É católico praticante. Fez faculdade na instituição em que hoje leciona, na escola pesquisada.

Entende-se como pessoa curiosa; sempre foi aluno curioso. Não se considerava quietinho, mas respeitava o professor.

Foi chamado para lecionar nessa escola por um colega que cursava biologia com ele e que ainda leciona na escola.

Ao lecionar nos seminários como aluno universitário, destacou-se e foi chamado para dar algumas aulas.

*Eu acho que o (...) observou que eu tinha um certo jeito, não é, e sabia que eu já lecionava no estado, mesmo não estando formado ainda. Ele já lecionava no ensino fundamental e ele me convidou. Para mim foi uma grata surpresa. Tinha muito medo de decepcioná-lo, afinal ele arriscou e **confiou** em mim, e eu não tinha nada de experiência. E estou aqui até hoje.*

#### **Pertença**

*.Meu pai (...) sempre falava muito bem dessa escola. Um local no qual poucos teriam possibilidade de ingressar.*

Revela com essa fala que é um vencedor? Aparentemente uma pertença de batalhador e de sucesso. Seria já um enfrentamento de crise que o auxilia no posicionamento de seu processo identitário? Não se pode responder a essa pergunta com precisão neste momento da vida, mas chama atenção o destaque à questão.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Ao ser perguntado sobre como se vê no futuro, na instituição, não revela nenhuma projeção imediata. Já seria uma indicação de uma identidade quase cultural com a instituição? Sua projeção pode não ter ligação com a escola.

*Se eu tiver a honra de ainda estar aqui, se eles não se cansarem de mim, porque eu estou aqui há muito tempo, (...), sinceramente, eu não me vi ainda.*

Parece uma área com a qual ainda não fez muito contato:

*Eu leciono em outros lugares, né? Eu acho que daqui a dez anos eu tenho que largar um pouco mais a sala de aula. Eu não posso, (...) daqui a dez anos, estar no mesmo ritmo que eu estou agora. Então, eu tenho que (...) você vai me perguntar, então, você já tem algum projeto, algum plano? Não, eu não tenho. Só que eu preciso largar um pouco mais a sala de aula e buscar outros projetos. Não largar de vez, pendurar o giz, não. Mas eu preciso ceder, diminuir um pouquinho a atividade e buscar outra atividade.*

Ao iniciar uma fala sobre o foco no vestibular que a outra instituição tem, aponta que essa também tem, mas sem abrir mão de valores. Revela na fala pertença e atribuição, revela também que tanto a escola como os professores têm que ser fiéis àquilo que acreditam e professam. Suas respostas a várias questões colocadas revelam que seus valores combinam com os da escola. Mesmo em meio a crises, reconhece os valores da escola que são dele também:

*Tem que ser por aí também. Mas eu não acho que a escola tem que mudar o seu perfil, ou mudar a sua tradição em função de atender a um determinado aspecto do mercado apenas. Por exemplo, no meu dia-a-dia aqui no (...) eu entro no assunto de biologia, por outro lado, eu também tenho a oportunidade de conversar com eles sobre a vida. Aqui eu também sou educador.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Na outra escola, coloca-se também como educador, sendo fiel à sua fala anterior. Essa é uma pertença sua independente do lugar em que lecionar:

*Eu também sou educador lá, mas sou muito mais educador aqui. Lá eles ... São desafios, a gente cresce. Lá na outra escola, eu tenho que sempre estar me informando sobre os vários vestibulares...Isso é bom porque te recicla também, sabe? O pai que coloca um aluno naquela escola, ele procura isso também.*

...Ainda reforçando essa fala:

*Lógico, certo. Porque, por exemplo, até seu jeito de tratar o aluno, seu jeito de corrigir a prova, até seu jeito de incentivar o aluno, aquilo, você acaba, querendo ou não, passando um pouco de você para ele. Você acaba sendo modelo para ele. E o aluno lá da outra escola, que está acostumado com esse jeito meio "paulera", Ele é muito carente, ele precisa disso, se não, não agüenta..*

Quando questionado sobre o que mudaria na instituição, nos superiores, sua resposta revela uma pertença muito forte:

*Eu acho que o colégio está no caminho certo. Eu trabalho num lugar, outro colégio confessional, que é (fala o lugar no ranking que está entre os primeiro dez) do ENEM. Essa instituição, aqui, também se preocupa com isso e está no caminho certo. Mas eu acho também que essa escola não tem que se descaracterizar. E hoje, tem muitos pais falando isso também.*

Ao ser deparado com o fato de ser católico praticante em escola presbiteriana, afirmou que não há dificuldades. Revela pertença firme e clareza da atribuição.

*Então, essa coisa que tem no presbiterianismo, isso me atrai. Agora, por outro lado, eu sou... a minha família... todos somos católicos. Toda a minha família ali é católica. Católica*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*de frequentar igreja. Eu também. Então, se você pegar, por exemplo, o culto de um e o culto do outro, é diferente. Mas a mensagem é igual. Sabe, quer dizer, são duas formas de passar a mensagem de modos diferentes. Mas o conteúdo, o valor cristão, as questões relevantes são as mesmas. Então, eu não tenho muito conflito. Agora, o que eu notei também... é assim, eu tenho aspectos assim (...) às vezes, o jeito de um e de outro é um pouco diferente. Então, está na cara, assim, que eu não sou presbiteriano. Mas, olha, eu me sinto super respeitado aqui dentro. Nunca ninguém chegou e me corrigiu, sabe. Por exemplo, 'você não pode gostar de Beatles'... coisa assim... Nunca teve aquele conflito.*

Perguntado sobre como trabalha os conteúdos em harmonia com a filosofia da escola, responde que procura fazer isso, respeitando o aluno e ajudando-o a tomar suas próprias posições, examinando tudo. Afirma que essa é uma postura cristã. Ser capaz de oferecer ao aluno as várias posições, teorias e deixar que ele as compare, avalie e se coloque no mundo.

*Então, antes de mais nada, primeiro você tem que respeitar o lugar em que você trabalha. Segundo, eu nunca coloco os meus valores como sendo os valores... O aluno pergunta : 'professor, e você? O que acha das células-tronco embrionárias? Qual é a sua opinião? Que partido é o seu?' 'Você é Criacionista ou Evolucionista?' E, eu não respondo esse tipo de pergunta. Eu falo assim: 'obviamente que eu tenho as minhas opiniões, né? Mas, minha opinião agora não é importante.' O que eu faço é assim: 'existe célula-tronco embrionária, existe célula-tronco adulta, célula-tronco... agora, quem tem que escolher se está certo ou se está errado é você.' Então, não me sinto autorizado a dar minha opinião pessoal... Então, você pode passar valor, religiosidade sem falar para eles de que religião você é....*

A identidade da instituição, a imagem que ela passa para a comunidade, configura-se à medida que o professor revela a postura que acaba de relatar. A

## Tornar-se professor em uma escola confessional

confessionalidade é conhecida e afeta a postura dele externando-se com o respeito que demonstra aos alunos e às suas posturas e curiosidades.

A fala do professor 4 confirma as falas de todos os professores analisados até o momento, mas acrescenta alguns aspectos reveladores de pontos que fazem parte dos pressupostos levantados no início da pesquisa, ou seja, de que a identidade profissional se constitui nas relações de trabalho e que a instituição, com sua cultura e sua história, participa intensamente desse processo.

Primeiramente, afirma ser uma escola reconhecidamente forte:

*Então, quando eu passei no vestibular e meu pai me ajudou a pagar a faculdade aí eu comecei a entrar mais em contato com os detalhes da história dessa instituição. Por exemplo, com a confessionalidade, com o fato de que não é uma instituição católica. Trabalhando, já como professor, aí sim eu fui me inteirar muito mais da história da escola.*

Em seguida, ao falar sobre a história da instituição, continua afirmando o fato de ser uma escola forte e de tradição. Revela que a identidade da instituição pulsa forte nas pessoas dentro dela. O próprio fato de revelar que foi convidado por alguém que já lecionava na escola e que continua a lecionar ainda hoje é revelador de vínculos fortes que são construídos na escola.

*Todo lugar que se frequenta nessa escola, sua história sempre vem à tona. Então, por exemplo, eu fiz curso de pós-graduação aqui, então, os professores nos cursos de pós-graduação, dentro da escola, ou até outros professores convidados, eles sempre falavam e tocavam no assunto da história do colégio.*

*Nas várias e várias reuniões que eu tive com a direção aqui, os diretores sempre falavam da história do colégio. Então, você vai pegando um pouquinho aqui outro pouquinho ali, você vai absorvendo. Alguns professores, principalmente no EF, estão a vida inteira aqui, estudaram aqui. Então, eles também*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*comentavam. É uma instituição que faz parte da história do estado. Ou pelo menos da cidade de São Paulo. Então, eu sempre tive contato com a história da instituição. Mesmo sem querer, sabe, vem à tona.*

*Tinha um senhor aqui quando eu estudava, e ele andava pelo campus e toda hora gritava: 'Viva o(...)'. Então, sempre teve um clima aqui dentro de que o ...é um lugar diferente. Isso começa a penetrar, fazer parte da história da gente.*

Ao ser perguntado sobre se é professor universitário também, explica que não e já inicia uma fala comparando as duas escolas confessionais em que trabalha fazendo, nessa fala, várias atribuições à escola em questão:

*Não é cursinho; é mais uma outra escola confessional católica. Só que a confessionalidade dessa outra escola, ela não é muito acirrada. Ela é um colégio que, apesar de sua confessionalidade, realmente, o foco lá, principal, não é assim, digamos **a formação moral** do aluno ou **a formação espiritual** do aluno. Não é uma escola que deixa muito claro que é **importante resgatar ou preservar alguns valores cristãos**.  
(Grifo nosso)*

Nessas falas, o professor fez várias atribuições à escola. São falas que revelam o que ele pensa da escola, como ele enxerga a mesma. Por sua vez, elas apontam que as atribuições que faz também revelam a pertença dele à mesma. São, igualmente, falas que revelam a consciência de que a vida do aluno envolve cognição, afeto, moral e espírito. Isso só é possível a quem vive todas as dimensões do humano.

### **Atribuições**

As atribuições que percebe que a escola lhe faz estão de acordo com suas pertenças. Admite que, quando não concorda, tem espaço para negociar com a instituição. Isso pode ser destacado na fala que responde sobre o que é inegociável para ele:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Eu acho que é inegociável, não pode ter é uma intromissão no trabalho do professor dentro da sala de aula. A instituição tem que dar crédito ao professor. Em princípio, o professor não pode ficar muito preso a um determinado script. Ele tem que ter a liberdade de improviso, de conduzir a aula do jeito que ele achar melhor. Então, acho que isso é inegociável.*

*O professor, quando entra na sala de aula, tem que ter a liberdade de dar sua aula como achar melhor. Ele tem que ter uma credencial para poder desenvolver o conteúdo do jeito que achar melhor.*

Ele, assim como o professor 3, encontra na escola a liberdade para ser quem quer e isso corresponde ao que a escola quer.

### **Crises**

Apesar de ter o mesmo tempo na instituição que o professor 1, este professor relata momentos de crise na instituição. Ele é capaz de enumerar as crises e os problemas e manter, na narração, a sua identificação com a instituição. O que o professor 1 não fez.

Relata momento de crise da instituição em paralelo com modificações na política educacional brasileira. Coloca a escola dentro da sociedade, dentro das situações educacionais que o país vive e relata o processo dela no enfrentamento dessas situações. Ao mesmo tempo, relata seus sentimentos e suas posições pedagógicas e posicionamentos políticos, os quais não foram sempre de acordo com os da escola.

*No passado, teve um rompimento no finalzinho da década de 90. A escola era de uma linha bem tradicional, sabe. Aí veio um pessoal novo com ideias novas e implantaram o construtivismo. Obviamente, teve um choque para todos. Até o professor de uma linha mais tradicional queria acertar. 'Eu quero também estar nessa do construtivismo porque agora é a moda.' Mas aí, o que eu notei foi o seguinte, o que eu notei é que não só o professor, mas também a equipe técnica da*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*época, não sabia o que era o construtivismo. Então, aquilo acabou gerando alguns probleminhas. Ninguém sabia como se fazia avaliação, ninguém sabia até que ponto do conteúdo deveria ser abordado ou não, pontos de vistas muito diferentes. Então, naquela época, finalzinho dos anos noventa, realmente eu vi, assim, a equipe técnica daquela época muito confusa. Aí a escola parece que viu que não deu certo. Resgatou algumas coisas do tradicional, manteve algumas coisas também daquela época, porque também é impossível não se aproveitar alguma coisa, né? E aí eu já peguei a época dessa diretora, que, na realidade, essa é a segunda passagem dela aqui. Na primeira passagem, eu estava extremamente desanimado, eu peguei uma época em que eu cheguei a pensar em sair dessa escola. Eu não estava legal, tinha indisciplina na sala de aula, ninguém ligava mais para conteúdo, eu não me sentia mais útil. Essa diretora, ela resgatou, trouxe novamente a importância do professor dentro da sala de aula. Daí ela saiu novamente e vieram outras gestões. E agora ela retornou de 2005 para cá. Digamos que de 2001 para cá, o calor de querer dar aula nessa instituição já voltou. Houve uma época maravilhosa de 87 a 96; depois teve uma época desastrosa de 96 até 2000; e de 2001 até agora está ótimo.*

Ainda sobre esse assunto:

*Eu fiquei traumatizado com essa época. Eu entrava na sala de aula e não sabia mais o que fazer... o que eu devo fazer?*

Essas falas, além de revelarem a crise identitária, revelam que a instituição é parte importante no processo de configuração identitária do profissional. O professor, em meio a uma crise institucional, tem opções: ele pode negá-la e viver seu mundo (caso do professor 1), pode enfrentá-la e romper com ela (professores que não estariam na escola nesse momento) e pode negociar e até lutar com ela, o que afetará a ele e à instituição (Caso do professor 4). Nesse último caso, ele se torna mais capaz de se narrar diante de

## Tornar-se professor em uma escola confessional

qualquer situação, desenvolvendo a consciência de sua identidade profissional e fortalecendo a escola em sua filosofia.

### **Valores**

Muito semelhantemente ao professor 3, o professor 4 revela valores próprios que combinam com os valores e postura da escola (mescla de atribuição e pertença). Mas se diferencia socialmente da escola, o que dá a ele um grande valor, ter conseguido entrar nela como aluno e como professor.

*Eu vim de uma família bem humilde. A gente tinha uma noção de que essa escola tinha um ensino muito elitizado. Um local no qual poucos teriam possibilidade de ingressar.*

Ao longo de toda a fala desse professor, foram identificados valores importantes para a profissão dele e para a confirmação da confessionalidade da escola.

*Então, eu vejo dessa forma. Mesmo dentro de casa, apesar de eu ser católico, eu não obrigo meus filhos a irem à igreja. Na igreja católica, tem lá a primeira comunhão. Eu chego e pergunto 'você quer fazer? É assim, é assado (...).' Então, eu tenho essa postura também dentro da sala de aula. Eu não coloco minha opinião, mas eu provo o aluno. E eu acho que isso é religiosidade também. O jeito que você trata o aluno, o jeito que você dá aula em si, o jeito que você explica, ser solidário. Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. E isso é cristianismo.*

Ele percebe a confiança e lealdade que a escola tem em relação ao seu trabalho e revela ter igual confiança e lealdade em relação à escola.

*Os jeitos são diferentes, mas eu nunca me senti desrespeitado, sabe assim, o pessoal sabe que não sou presbiteriano, o pessoal sabe até que meu jeito de falar, meu jeito é meio hippie, né? Então, nunca me senti desrespeitado.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Nessa atual gestão, porque eu já passei por várias gestões, só tenho a agradecer. Porque confiam no meu trabalho, sempre me incentivaram.*

O valor de ter liberdade, de trabalhar de acordo com o que se acha correto é importante para ele, como também perceber a confiança que a escola tem nele.

*Se eu trabalho, por exemplo, num local que é confessional e que tem esta filosofia; que tem esta visão das coisas, o profissional que vem aqui trabalhar, ele tem que respeitar essa visão. E eu acho que é justo o aluno saber as várias vertentes. Por exemplo, na semana passada, teve aqui um simpósio sobre Darwinismo, sobre Design Inteligente e sobre o Criacionismo. Então, eu acho que isso é uma discussão democrática. Antes, isso não tinha muito, sabe. Antes, ninguém se importava na verdade, né. Era assim meio, tanto faz. Hoje não, hoje a escola quer mostrar para o público qual é a sua cara. Então, eu vejo isso com naturalidade.*

*Eu acho que é aquilo que te falei: não ficar engessado. O professor, quando entra na sala de aula, tem que ter a liberdade de dar sua aula como achar melhor. Ele tem que ter uma credencial para poder desenvolver o conteúdo do jeito que achar melhor.*

Outro valor que surge na fala do professor, como nos demais professores também, é o do contato e dos relacionamentos que estabelece com colegas e com seus alunos, em especial, como forma de cumprir sua missão.

*...eu entro no assunto de biologia, por outro lado, eu também tenho a oportunidade de conversar com eles sobre a vida.*

*O que é que eu faço? Ao mesmo tempo em que eu faço esse trabalho, que é importantíssimo no Ensino Médio, eu trago algo para a vida deles, cotidiana.*

# Tornar-se professor em uma escola confessional

## **Sentido da profissão**

*Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. E isso é cristianismo.*

A profissão, para ele, ganha sentido pelo fato de poder servir ao outro. De acordo com Viktor Frankl, o homem encontra sentido quando assume a responsabilidade pela vida e pelo outro.

Encontra a possibilidade de expressar sua espiritualidade na profissão.

## **Ilustração 1 e 2**

*Eu vejo assim, várias coisas... Por exemplo, a procura de ajuda, parceria, a ideia de que você não consegue fazer as coisas sozinho, que você vai precisar de ajuda, vai precisar de conforto. O homem não foi feito para ser um organismo isolado. Ele precisa sempre de ter fé.*

O professor projeta-se continuamente nessa relação com o outro. É nisso que encontra sentido profissional, sentido de existência. Até a disciplina que leciona é colocada de maneira que revela o valor que a interdependência entre os homens tem para ele.

Voltar-se para o outro; transcender: é um valor que se apresenta na sua fala e revela o sentido de sua atuação profissional.

## **Ilustração 3**

*Também, a mesma coisa. Eu acho que é assim, né? Eu penso que às vezes a gente passa por dias difíceis, chuvosos, mas se você se esforçar, vai encontrar janelas e portas abertas para algo melhor. Sempre vem alguma coisa boa depois da tempestade.*

Abertura para o novo, para o outro. Atitude positiva em relação a crises.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Nessa dinâmica que ele estabelece com as pessoas, coloca-se em questão, em contato com a alteridade, constante e tranquilamente. Aparentemente lida bem com as negociações identitárias que estabelece nas relações profissionais. Isso revela certa facilidade de se envolver em contínuas reorganizações de sua identidade subjetiva, sem submissão, mas sendo ativo no processo de identificação, e, para tanto, se narrando.

### **Ilustração 4**

*Tranquilidade, paz, bem-estar.*

Analisando essa fala dele em conjunto com as demais, percebe-se que não é necessário, para ele, se esconder ou fugir das crises para encontrar a paz e o bem estar.

Narrar-se como ele o fez, ao longo de toda a entrevista, apontando crises, identificando conflitos com a instituição em determinados momentos e terminar com essa frase aponta um momento de constituição identitária que é capaz de se projetar em meio às sucessivas crises, sem perder seu “eu” subjetivo.

Como o professor 3, este professor encontra-se em um período de profissão em que as experiências vividas e aprendidas fortalecem seu eu, a história que conta de si.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### **Professora 5**

#### ***Perfil***

Professora de Biologia, com 20 anos de magistério, sendo 17 anos de experiência com outra escola confessional evangélica, mas de outra denominação. Trabalha há 8 anos na escola pesquisada. Já atuou no ensino universitário. Sempre foi uma aluna dedicada, estudiosa.

Afirma que sua socialização foi a partir de seu rendimento. Não era boa em esportes; queria se destacar nos estudos. Tinha como meta estar entre as melhores.

*O pessoal sempre sentava perto de mim para pegar uma carona no meu conhecimento. Ensino Fundamental 2 e no Ensino Médio, (que eu não era evangélica) o pessoal me pedia pra passar cola mesmo.*

*Eu tinha sempre a meta de estar entre os melhores. Era uma coisa que me trazia satisfação de estar entre os melhores.*

*Identifiquei-me muito com a professora de ciências (...) o que consolidou minha inclinação para a biologia.*

#### ***Pertença***

A professora fala bastante sobre si e sobre a escola, fornecendo informações valiosas. Sua pertença, sua trajetória subjetiva é evidente em suas falas, e as crises também vão apontando em diversas falas. Fazer a categorização da construção do seu discurso foi trabalhoso e poderá se tornar repetitivo.

Por diversas vezes, sua fala revela certa frustração com a profissão. Sua projeção profissional era outra. Era a de lecionar, mas em outro nível de ensino; provavelmente o universitário. Porém a vida a levou por outros caminhos. A análise do eixo de pertença dessa professora revela algumas

## Tornar-se professor em uma escola confessional

diferenças. Primeiramente, a profissão não se relaciona com sua pertença inicial, da qual ela não se desprende ainda.

*Na verdade, a princípio, eu não tinha planejado ficar só no ensino porque eu gostava da área de pesquisa também.*

Dar aula foi o que acabou fazendo enquanto não iniciava carreira de pesquisa:

*Então, acabando a faculdade, eu já tinha orientador pro mestrado e tudo, mas eu tive que parar e estudar um pouco pra fazer um exame. Porque na época era assim, se você não dominava (língua estrangeira), você não passava. E foi nessa que eu comecei a trabalhar e dar aula como professora; então, como eu comecei a trabalhar, ...e aos poucos, eu fui perdendo...porque eu continuei no estagio de aperfeiçoamento mesmo depois que eu conclui a faculdade, aí eu fui dar aula em uma universidade, só que aos pouquinhos eu fui me desligando da universidade e me desligando da pesquisa e acabei ficando só com a educação básica mesmo.*

Mas, revela perfil para ensinar:

*Da minha turma na universidade, com certeza eu era uma que ia acabar dando aula porque eu era, era nítido isso no meu perfil de ensinar, sentar e explicar para os meus colegas na faculdade que tinham mais dificuldade.*

*Mas eu tinha um sonho de ficar na universidade também, no sentido de que você pode conciliar a pesquisa com o ensino. Mas, acabei voltando só pra educação básica... e agora, o retorno para uma pós-graduação fica sempre mais difícil.*

Parece haver certa frustração nesse aspecto. Talvez a identificação com o ensino básico não tenha tido um início positivo.

Sua fala leva à pergunta sobre seu sonho para o futuro:

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Antes de aposentar, voltar ao mestrado...*

*Mas, minha pretensão é daqui a dez anos também continuar ensinando no ensino básico, talvez algumas aulas na universidade também, mas eu não penso em romper com a educação básica. **Eu gosto de trabalhar.** E, prefiro os adolescentes até um pouquinho os mais velhos, eu diria de 13 anos em diante.*

Revela que não se vê apenas no Ensino Básico a vida toda. Há desejo de outra carreira de ensino, em outro status, talvez.

De acordo com Dubar, há uma projeção de futuro paralela à instituição (ou talvez nem tanto, uma vez que a instituição é também ligada à universidade). No entanto, ainda se prende ao desejo subjetivo da professora, que não está tomando nenhuma ação nessa direção. Esse dado parece apontar para uma identidade mais reflexiva. Lembrando que as identidades postuladas por Dubar não são estruturas fixas, mas móveis, umas geradoras e impulsionadoras das outras.

Quanto aos valores que tem, que expressa como pertença, combinam com a escola em questão; ela mesma escolheu mandar seu currículo para lá, assim como a professora 2, devido à identificação filosófica (é evangélica). A primeira escola para a qual mandou o currículo após a conclusão da graduação foi, também, uma escola confessional.

*De todas as escolas que eu mandei o currículo, eu tinha consciência que eu preferia essa (2ª escola) por ser confessional*

### **Atribuição**

Mistura atribuição e pertença:

*Então, eu entreguei o currículo nas escolas particulares da região, que tinha o perfil de escola que eu estava acostumada a trabalhar, mas eu gostaria que fosse nessa*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*escola que eu estou por ser uma escola confessional... A que me chamou foi justamente esta daqui. Então, isso pra mim foi importante.*

Mais uma vez atribuição e pertença misturam-se:

*Mas eu me sentia assim: 'é a minha casa, a gente quer a mesma coisa.' Eu vejo assim, não está ligado à minha denominação, mas eu me sinto como se fosse algo que é nosso.*

Considerando os relatos vistos em relação a essa categoria da pertença, pode-se confirmar a teoria de Dubar (2006) e uma declaração de Bauman (2005, p. 17) “Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (...)‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios’.”

Destacam-se, ainda, dois aspectos importantes e que coincidem com os demais professores em relação a essa mescla da atribuição e da pertença. São eles o fato de essa ser uma escola confessional (fala isso e aponta logo o fato de que, por isso, exigem determinada postura do professor, mais uma vez, não sendo possível separar a atribuição que o sujeito faz à escola de sua pertença) e que é uma escola que respeita seus professores:

*Ela disse, eu fico de mãos atadas nessa situação. Eu já nem estava bem, as lágrimas começaram a escorrer. Ela foi muito gentil e delicada. A gente estava conversando baixinho,*

*Em nenhum momento, mesmo quando ela falou, 'você me deixa de mãos atadas', ela foi indelicada. Então, a minha experiência é de um tratamento muito respeitoso, considerando se está tudo bem com você. Eu vejo assim, todas as experiências que eu tenho tido com aluno, por uma dificuldade minha, há uma tolerância e um apoio muito grande. Problemas pessoais etc. meu pai ficou muito doente, eu tinha assim uma acolhida muito boa das coordenações e das orientações.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Apesar de confirmar a expressão crescente da confessionalidade, conforme já foi apontado em item anterior, revela que esta não é diretamente trabalhada na orientação de planejamento dos professores e perde em relação ao conteúdo:

*Houve um relatório de avaliação das funções todas (coordenação, orientação...) e havia um item que falava em relação à confessionalidade da escola e eu coloquei que isso não é trabalhado, isso fica muito nas entrelinhas, então, ninguém acompanha como isso é trabalhado nos nossos conteúdos, ninguém dá uma orientação para isso. Por isso que eu falo que na prática, a gente não aborda o quanto poderia esse assunto.*

Realmente, a fala aponta uma falta de trabalho sistematizado nesse sentido, por um lado, confirma o que outros professores afirmaram: a postura e a prática dos professores são os pontos que revelam a filosofia da escola.

### **Crises**

A crise se inicia cedo em sua carreira. Buscando a profissão de pesquisadora e professora universitária, conquista apenas a sala de aula do ensino básico. É uma crise com a qual lida ainda hoje, conforme apontará ao mencionar seu projeto futuro.

*Só que eu preciso de um espaço pra ir atrás. Vou ter que voltar a estudar uma língua estrangeira..., não sei se eu chegaria assim a um doutorado ou a uma livre docência, mas eu quero ensinar no ensino superior e também me envolver mais com a pesquisa.*

Outra crise que viveu se deu há 8 anos, quando da saída da outra escola. Foi difícil; sofreu pelo vínculo afetivo que havia desenvolvido com a equipe e com os colegas de lá. A crise parece interferir na maneira como descreve essa escola, em relação à confessionalidade da mesma. Parece que lá as coisas eram “melhores”, quando compara com a atual. A narração da professora sobre esse episódio não flui. Ela se prende às atribuições de

## Tornar-se professor em uma escola confessional

confessionalidade feitas pela outra instituição e não se insere na forma de ser confessional desta outra instituição.

*Na outra escola, por exemplo, era muito comum quando uma pessoa estava em dificuldade, pedir oração; isso não acontece aqui no grupo, como grupo.*

De acordo com a teoria de Dubar, ainda se prende às identificações que construiu com a escola anterior, mas isso não bloqueia o processo de continuar a constituição de sua trajetória profissional. Pelo contrário, isso pode ser mobilizador de sua constituição identitária profissional. Talvez seja mais doído o processo para a professora. Sua transação ainda não se completou de maneira a conseguir equilibrar o que é seu e o que é de ambas as instituições...Mais uma vez, há indícios de uma configuração identitária do tipo reflexiva.

### **Valores**

O lugar da fé em sua vida é um valor que se aponta durante toda a entrevista como algo muito significativo para ela.

*Porque a minha área é muito frustrante você ter que apresentar um conteúdo que exclui Deus de todo o processo e não ter a oportunidade de citar que existe outra possibilidade de interpretação. E, em uma escola que não seja confessional, isso é praticamente vetado para o professor. Inclusive os alunos, eles sempre perguntam e você tem oportunidade de colocar o que você crê, o que você pensa sem pensar que você está indo contra a regra da escola.*

Ao falar sobre suas aulas, revela outros valores que são importantes para ela:

*Eu sou aquela professora um tanto quanto 'conteudista'. (risos). Então, a gente soca um monte de conteúdos, sacode um pouco e soca mais um pouquinho.. Eu não sou uma pessoa*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*extremamente criativa, então, minha aula ela segue mais ou menos um padrão.*

*Alguns laboratórios, práticas, que geralmente os alunos gostam muito. Agora, como a nossa carga horária geralmente é muito resumida (...). A gente acaba não dando conta do conteúdo... sabe, a gente nunca vai conseguir dar mesmo todo o conteúdo, mas a gente é sempre inquirido nesse aspecto (...). O aluno que vai prestar para alguma área biológica cobra os conteúdos do vestibular ou programa de algum concurso que ele vai prestar (...). Então, existe uma pressão... Então, aqueles conteúdos que a gente sabe que seriam mais interessantes para a vida deles, nem sempre são os mais importantes para o vestibular. A gente sabe que ele vai avaliar a gente, no final das contas, o próprio aluno, pelo resultado lá na frente.*

Essa segunda fala apresenta outro valor que pode ser encarado também como uma crise. Primeiro: ela não quer ser avaliada como não tendo conseguido; o sucesso é importante para ela. Em segundo lugar, seu critério de honestidade a leva a sentir que tem que cumprir ao máximo tudo o que se apresenta para o aluno e pai.

Revela necessidade de reconhecimento, o que se apresentou em vários momentos na suas falas, expressando ser este um grande valor para ela. Outro valor é o da honestidade:

*Eu tenho alguns valores que... para mim, é muito importante não quebrar esses valores.*

*Não, eu prefiro o prejuízo a mexer nos meus valores. Então, nesse aspecto, algumas coisas para mim são muito fortes. Especialmente nessa questão financeira, de honestidade, mas algumas coisas também, eu percebo que ir contra um valor meu me machuca muito.*

Apresenta, também, o valor que dá ao acolhimento e o respeito que há entre as pessoas da escola.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Então a minha experiência é de um tratamento muito respeitoso, considerando se está tudo bem com você. Eu vejo assim, todas as experiências que eu tenho tido com aluno, por uma dificuldade minha, há uma tolerância e um apoio muito grande. Problemas pessoais etc. Meu pai ficou muito doente, eu tinha assim uma acolhida muito boa das coordenações e das orientações.*

A professora faz diferença entre uma fé mais ligada à prática religiosa de oração e uma fé ligada à prática de vida com valores cristãos (solidariedade, acolhimento das dificuldades dos outros...). Ao ter identificado a crise que ela vive em relação à comparação que faz entre as duas escolas, afirma que a outra escola expressava mais a confessionalidade porque orava mais. O valor central do cristianismo é a relação com Deus que se desdobra na relação com o outro. Os demais valores: a honestidade, a excelência no trabalho, a pureza, entre outros, são fruto da relação do indivíduo com Deus e se externalizam na relação com o outro. De certa forma, essa postura da professora é contraditória com o próprio cristianismo, pois, a postura do cristão, que é o foco dessa escola, é o da amizade, do amor, do acolhimento e da solidariedade e não apenas o de repetir rituais da vida religiosa. Esse fato, inclusive, é conferido nas várias entrevistas dos professores, e na atribuição feita pelas coordenadora e diretora. E essa contradição se evidencia em sua fala quando ela mesma aponta o acolhimento como um valor importante para ela.

Estaria a professora colocando em questão seus próprios valores?

Pode-se atribuir essa contradição ao seu processo de constituição identitária, que é paradoxal. Afinal, ela aparentemente ainda vive uma crise por ter saído da outra escola e a forma como lida com isso é apontando as diferenças.

*Às vezes, alguns colegas individualmente sabem que você tem a mesma fé e acabam pedindo oração. Mas, isso é no pessoal, isso não acontece no grupo. Não existe esse lado de se pontuar... oh, gente, vamos orar por essa situação... isso não existe no grupo.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### ***Sentido da profissão***

Volta-se para o que entende como sucesso do aluno. Sua preocupação com o outro se revela no que ela entende ser o sucesso do outro. No exemplo abaixo, fica clara a valorização que atribui aos conteúdos, ao vestibular. Assim, não se trata do sucesso do aluno como pessoa, mas do sucesso dele em relação ao que a sociedade reconhece como bom. Há uma estreita relação aqui entre sua pertença de sucesso e as atribuições que faz aos outros. Por isso, encontra sentido na sua profissão quando atinge o objetivo de o aluno ter as melhores notas e colocações.

*Porque a gente está tentando fazer esses alunos dominarem aqueles conteúdos com que vão se defrontar no vestibular.*

Os valores que expressa e o sentido de sua profissão são confirmados na escolha das palavras que usa para descrever as imagens.

### **Ilustração 1 e 2**

*Eu sempre tenho uma leitura dessa imagem. Parece-me que Deus está se esforçando muito mais, está numa posição de muito mais alongamento para tentar tocar o homem. O homem está numa posição muito mais relaxada, até se inclina na direção, mas sem muito esforço. Acho que, na prática, é mais ou menos isso mesmo, nosso esforço é muito menor do que o de Deus para nos alcançar.*

Essa fala revela sua autoexigência forte. Ela continua exigindo muito de si. É impossível atingir a perfeição. Mas o que a move ou o que a paralisa e bloqueia é essa busca pela perfeição. Atribuição que incorporou como pertença em algum momento de sua existência e que, tendo bloqueado, não lhe possibilita avançar e inverter esse processo para romper e constituir-se de uma nova maneira.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Ilustração 3

*Para mim essa imagem não me passa a idéia do vento, do sopro. Primeiro, pra mim, ela está um pouco fora de foco. Eu me imagino olhando para fora dessa janela sem óculos, é exatamente assim que eu vejo sem óculos. É uma paisagem muita fora do meu contexto do dia-a-dia. É muito mais férias em um lugar paradisíaco. Realmente, a gente trabalha, trabalha, trabalha, esperando as férias. Mas na realidade, as férias só têm valor porque eu tenho um lugar bom de trabalhar.*

O trabalho é revelado como uma tarefa na qual ela precisa se superar, precisa alcançar sucesso e perfeição. O sentido de atuação profissional está preso ao peso do trabalho. Se não fosse sacrificial, teria sentido? O valor que revela é o do “sacrifício” do trabalho. Essas são as suas pertencas e a forma com a qual ela lida com as situações da vida.

### Ilustração 4

*A luz que... a gente trabalha com o conhecimento trazendo luz para as pessoas. Apesar de, em alguns momentos, a gente não dar muito valor para essa luz. A ausência dela é que dá mais significado pra ela. Apesar de ser um ambiente sombrio, uma construção mais antiga, a janela tem vitrais que já filtram um pouco a luz, essa janela de destaque que entra muito mais luz. Então, o que permite que se perceba toda essa estrutura é justamente a luz. Você só consegue discernir a partir da luz. A gente só tem discernimento quando a gente tem conhecimento. Então, apesar de muitas vezes os alunos questionarem: “porque que eu tenho que saber essas coisas”, na verdade, a gente só discerne quando a gente tem conhecimento, mesmo que pequeno; é ele que me permite perceber e entender as coisas. Quanto menos eles tiverem de conhecimento, menos percepção e discernimento eles vão ter.*

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Conhecimento é importante para ela e ela se volta para os alunos dessa maneira. Fica evidente isso nas falas dela. É nesse aspecto, o de colocar luz (luz como sinônimo de conhecimento) para o outro, que ela vê o sentido da vida dela. Creio que isso evidencia, também, o seu desejo de avançar na pesquisa, no conhecimento mais concreto das coisas e revela sua preocupação com a transmissão de conteúdo para os alunos.

A identidade reflexiva é aquela em que o sujeito “põe em marcha o compromisso em um projeto que tem significado subjetivo e que implica associação a pares que partilham o mesmo projeto (Dubar, 2006, p. 51).” Essa professora tem um projeto que é pessoal, e não o perde de vista, apesar dos papéis que precisa assumir. Aparentemente, envolve-se com os valores professados pela escola, mas apresenta um movimento de questionamento. É um posicionamento crítico que a impede de assimilar cegamente as atribuições que lhe são feitas. Ao mesmo tempo, escolhe associar-se à escola, negociando com os valores dela. O sentido de sua profissão está intimamente relacionado ao seu sentido pessoal de sucesso. Por isso, se dá para seus alunos oferecendo a exigência de sucesso que ela mesma tem consigo.

### 7.5 Alinhavando a análise

Fica evidente que esses professores comparam escolas, fazem escolhas, reconsideram-nas e até conciliam posições contraditórias, para poderem se declarar, para poderem se constituir profissionalmente.

A exceção vista foi em relação ao professor 1. Esse está, aparentemente, apresentando uma identificação chamada de cultural por Dubar (2005). Ele se prendeu a atribuições do passado, em relação às atribuições que a escola fazia naquele contexto, naquela época. Diferentemente dos demais, ele não diferencia a fala de si da fala da escola. Não aparenta haver uma mescla entre atribuição e pertença. O que se percebe é apenas uma pertença forte dele mesmo. Ele não traz narrações em que se coloca, em que discorda ou concorda. Ele apenas fala das coisas que considera importantes.

Já a professora 2, e os professores 3, 4 e 5 parecem apresentar-se subjetivamente com facilidade, podendo narrar-se, independentemente das situações em que estão. Seus projetos de vida são independentes da instituição.

Acreditam e assumem a pertença como uma identidade pessoal que condiciona as formas com que se identificam aos diversos grupos (familiares, profissionais, religiosos e políticos), considerados como resultantes de **escolhas pessoais** e não como atribuições herdadas.

Estas dimensões – relacionais e biográficas - de identificação conjugam-se para definir o que eu chamo formas identitárias, formas sociais de identificação dos indivíduos na relação com os outros e ao longo de uma vida. Utilizarei a expressão – configuração de identidade – para designar um agenciamento típico de formas de identificação. O que eu aqui chamo de formas sociais corresponde, pois, a configurações típicas de formas identitárias. ((DUBAR, 2006, p.11)

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Ao olhar para a análise feita de cada um desses professores, aponta-se a transação subjetiva deles com o ambiente que os cerca, no processo de negociação identitária, que é constante na vida de qualquer sujeito dentro de uma instituição. Conforme já apontado, a transação subjetiva apresenta a relação que o sujeito estabelece de maneira temporal com a profissão, com as projeções que realiza para si e com a identidade construída ao longo de sua vida a partir dos contextos sociais e dos valores de sua família.

Identifica-se, em todos esses professores, o reconhecimento da confessionalidade da escola como diferencial entre outras escolas confessionais. Eles a reconhecem como fazendo diferença em suas posturas na sala de aula, e como uma escola que respeita e dá liberdade de pensamento e ação a seus professores.

Diante do que se observou na análise até agora, pode-se afirmar que os professores atribuem à escola muito do que já assumiram como pertença própria. Será porque já sabem o que se espera deles e, portanto, oferecem a resposta “certa”? Ou, pode-se realmente afirmar que há identificação entre eles e a escola?

Identificar pertencas comuns não é tarefa possível, uma vez que cada um assume suas pertencas de acordo com sua própria trajetória de vida. Contudo, há movimentos de atribuição e pertença que se revelam semelhantes nos 4 professores. Pode-se afirmar que são: ter ética e honestidade, dialogar, educar o aluno de maneira integral para posicionamentos e questionamentos na sociedade, relacionar-se com o outro, estar aberto ao mundo e ao outro, ter projetos de vida; não se violar, não se permitir ser violado, ter liberdade para atuar profissionalmente, ter liberdade para escolher seus posicionamentos.

Tende-se a levantar a hipótese de que estariam apenas respondendo o que se espera que respondam. Mas, os cinco professores? É importante lembrar que dois deles (professores 2 e 3) têm 6 meses e dois anos, respectivamente, de tempo na escola.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Entende-se que, ao falar da escola, fazer atribuições a ela, o professor está também revelando a sua pertença. O processo identitário profissional implica na negociação que o sujeito faz entre o que lhe é atribuído e o que incorpora como pertença. Contudo, a instituição não existe sem esses sujeitos. Sua identidade institucional também se constitui nas relações que se estabelecem entre seus atores. Portanto, as atribuições feitas aos professores e por eles assumidas voltam-se para a instituição como atribuições do professor à mesma. É o professor que faz a tradução da cultura da instituição.

Nos relatos, com exceção do professor 1, todos manifestam momentos de crise, provável razão pela qual dão conta de constituírem formas identitárias saudáveis, negociáveis, mesmo mantendo sua essência, os valores em que se sustentam.

Para Dubar, o que aciona o movimento das formas de constituição identitária são as crises. Para ele, crise seria como uma fase difícil, uma ruptura de equilíbrio entre os diversos componentes do grupo.

A cada crise, há um processo de avaliação e reconsideração: O que dá suporte a esse processo de avaliação e de reconsideração, em última análise, o próprio processo de negociação identitária, são os valores que a pessoa constituiu ao longo de sua trajetória de vida.

Os professores revelam seus valores ao longo de seus relatos e, inclusive, na análise que fazem das imagens. O uso de imagens tem como objetivo, precisamente, perceber os valores e o sentido de vida deles enquanto as descreviam. A imagem facilita o desprendimento do professor do discurso linear e pedagógico. O uso das imagens para que os professores discorressem sobre elas facilitou a expressão de valores mais aprofundados, sem a nomeação direta deles. Permitiu uma visão mais subjetiva do sentido que dão à profissão. Por permitir um desprendimento, pensa-se que é uma abordagem que precisa ser mais bem aprendida por pessoas que lidam com a formação de adultos.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

São vários os valores que se mostram comuns a todos os professores pesquisados, os quais dão direção e apoio ao sentido da profissão que revelam.

Um dos valores que se revelou importante para eles todos foi o da liberdade de posicionar-se na sala de aula, de revelar-se na escola e de falar o que pensa. Os professores afirmam que, se não pudessem se expressar, se houvesse interferência em sua sala de aula, teriam dificuldade de agir. Nesse aspecto, também revelam que, se os valores da escola infringissem seus valores, teriam que se posicionar, mas enquanto isso não ocorre, têm condições de prosseguir em seu trabalho. Revelam estar em alerta. É raro uma pessoa abrir mão daquilo em que acredita apenas pela troca material sem adoecer. Isso pode ocorrer em alguns momentos da vida, mas não ao longo de 20 anos de trabalho, trabalho relacionado diretamente ao outro.

Além disso, ter uma profissão que abre o mundo para os alunos é um valor que todos indicaram de uma maneira ou outra. Parece ser um supra-valor. Tudo que fazem visa esse fim: tocar as vidas dos alunos; abrir o mundo para eles; mostrar as opções de vida que têm. Mesmo quando focam a questão do conteúdo, não abrem mão de afirmar que fazem isso por estarem comprometidos com os alunos.

Já se apontou que a busca pela espiritualidade está intimamente ligada à crise de sentido e de valores da sociedade, pois o sentido é a consciência de que existe relação entre as experiências, e, atualmente, em nossa sociedade, com a pluralidade de opção de valores e de ideologias, existe certa dificuldade e até medo de se prender a um único sentido; pode surgir a sensação de estar perdendo algo.

A relação entre as experiências é estabelecida no agir diário dos professores, tendo os valores como pano de fundo. É nesse processo que vão estabelecendo relações que dão sentido às mesmas. O agir dos professores se mostra um agir social, direcionado a pessoas, presentes ou ausentes, alunos, colegas e superiores; É neste agir que o indivíduo constitui sua identidade.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Berger e Luckmann (2004) apontam que, na sociedade em que vivemos (plural e moderna), a vida, a identidade e a razão da existência são constantemente colocadas em questionamento. Isso gera, na maioria das pessoas, certa insegurança e a sensação de que se vive em um mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação. Não existe nada que seja absoluto; em cada comunidade de vida, as regras e os valores são questionados e passam por adaptações para atender os indivíduos e seus desejos e valores individuais. Os supra-sentidos perdem seu “lugar”.

No entanto, vemos que esses professores encontram na escola um sentido de existência e um conjunto de valores que lhes oferecem uma base para darem significado às suas ações. A filosofia da escola, assumida e expressa com clareza para a comunidade permite que os professores se apoiem em uma comunidade de valores que subsidiam a construção de sentidos para suas ações e experiências.

Entende-se que espiritualidade é justamente essa preocupação com a finitude da vida, com seus limites, com o sentido da existência e essa preocupação afeta o outro, a sociedade e transforma as relações e as pessoas.

Frankl afirma que:

(...)Ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. E, com base em sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida que se esquece de si próprio. (FRANKL, 1992, p.77-78)

É justamente isso que se observa ao longo de toda a fala dos professores.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A seguir, observar-se-á a relação entre atribuição e pertença que existe no processo de transação objetiva, na relação de reconhecimento e recompensa entre os professores e a instituição. Focar-se-á no que a instituição atribui a eles e em como reagem e negociam, assimilando a pertença ou refutando com algum tipo de negociação.

### **7.6 Cruzando os fios da atribuição e da pertença**

A configuração identitária se dá na relação entre as atribuições que são lançadas aos indivíduos e as suas pertenças, suas maneiras de identificar-se, considerando seu passado e suas projeções futuras.

Antecipando algumas considerações, parece se evidenciar que a escola e os professores estão em sintonia de objetivos.

Os professores, de modo geral, apresentam uma postura que se enquadra nas atribuições da direção e da coordenação. Afirmam e revelam que seus valores combinam com os da escola, mesmo quando não professam a mesma religião, a mesma fé que a escola.

Uma das atribuições feitas pela gestão da escola aos professores é a de que estes precisam ser competentes academicamente. Essa atribuição é assimilada pelos professores e se manifesta na melhora dos resultados, nos últimos anos, conforme eles apontam.

A coordenadora pedagógica faz, ela apenas, uma atribuição a eles de que sejam obedientes, mas esta atribuição os professores assimilam de forma obnubilada. Mesmo a coordenadora tendo afirmado que quase todos eles obedecem, a fala dos professores denota que com essa atribuição eles negociam. De fato, a fala deles quanto à liberdade de ação não combina com obediência e, sim, com o respeito mútuo. Pode-se ir além, na interpretação de algumas falas. Pois, a própria diretora afirma que a única situação que é inegociável é a competência e a ética, o resto, nas palavras dela, “a gente pode conversar”, o que indica um espaço de diálogo confortável.

Outra atribuição evidente que a escola faz aos professores é a da postura ética que devem ter. É uma atribuição bem específica da diretora e é também uma posição filosófica da escola, permeada pela ética cristã. A essa atribuição os professores assimilam e a retornam com atribuição deles à escola, também.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

A atribuição ética se desdobra em uma atribuição de agir conforme a confessionalidade da escola. Nesse processo de atribuição e pertença, há uma negociação forte que ocorre tanto para os professores, como para a instituição. Nenhuma das partes abre mão de suas crenças e seus valores. No entanto, a escola abre espaço para ouvir o professor e trabalhar com ele até o determinado ponto em que a ética não seja ferida; e os professores avaliam e se posicionam em relação ao que entendem ser uma postura cristã em sala de aula.

A entrevista do professor 3 é bastante reveladora desse processo, pois é um professor que tem vasta experiência profissional, mas na instituição só tem dois anos. Ele demonstra avaliar os valores que a escola defende e afirma que seus próprios valores são iguais aos valores cristãos, ou seja, aos da escola.

Já as professoras 2 e 5, que são cristãs professas e evangélicas, escolheram trabalhar na escola por essa ser cristã. A atribuição da escola já faz parte da pertença que trazem em si. Ao virem, avaliam o como a escola expressa sua cosmovisão e contribuem com suas visões, às vezes diferentes das da escola.

Ao longo da pesquisa, apontou-se a revelação da coordenadora pedagógica que, em determinado momento, diz perceber que o professor “faz de conta” que está atuando de acordo com a filosofia da escola, porque tem medo de perder o emprego. No entanto, esses professores, que anunciam liberdade e não interferência em suas aulas como um valor significativo, não parecem ser do tipo que finge para não perderem seus empregos. A instituição, por sua vez, com 139 anos de existência, não seria ingênua de não perceber as contradições existentes entre discurso de professores e prática pedagógica. Afinal, a diretora ouve os pais e tem recebido confirmação de mudanças e crescimento no trabalho dos alunos. Ela mesma declara que percebe as mudanças de posturas dos professores nas posturas dos alunos, nos momentos de ajuntamento. Isso não é fingimento.

Em seus diversos conflitos, os professores se posicionam, revelando valores próprios, que são os valores cristãos professados pela escola, e

## Tornar-se professor em uma escola confessional

revelam um valor que demonstra a liberdade que têm para lidar com o processo de atribuição e pertença: o valor da liberdade, a não interferência na sala de aula. O que se conclui, a partir desses dados, é que existe um processo de negociação que favorece a constituição identitária narrativa dos professores e fortalece a escola na sua confessionalidade, em sua filosofia.

## **CAPÍTULO 8**

# **EXAMINANDO A TRAMA E FAZENDO CONSIDERAÇÕES**

*O aspecto trágico da vida está precisamente nessa lei que o homem é forçado a obedecer, a lei que o obriga a ser um. Cada qual pode ser um, nenhum, cem mil, mas a escolha é um imperativo necessário.*

*Luigi Pirandello (2001, p. 213)*

Para se proceder às considerações finais, faz-se necessário retomar as perguntas que essa pesquisa se propôs a responder, a fim de resolver o problema postulado, cuja proposição é compreender como se dá o processo de constituição da identidade profissional de professores de uma escola confessional, na perspectiva da dimensão da espiritualidade. Para tanto, proceder-se-á de maneira didática e sistemática à exposição das considerações por pergunta ou por um conjunto de perguntas.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*A escola revela preocupação com a filosofia que professa? Como ela tem feito para formar o professor dentro de sua confessionalidade?*

A escola de onde foram extraídos os dados para a presente pesquisa tem se proposto, nos últimos quatro anos, a fortalecer a expressão de sua confessionalidade. Para tanto, explicita-a em seu Projeto Pedagógico e se propõe a trabalhar a postura ética dos professores, a partir da filosofia cristã da vida, que se traduz em uma forte ênfase ao reconhecimento da existência de um Deus que confere significado à existência do homem. Isso resultando em amor a Ele e ao próximo, acolhimento do outro, excelência na produção do trabalho, busca de aperfeiçoamento, responsabilidade, honestidade, abertura para o conhecer, para o outro e para o mundo.

São momentos históricos que, por si, revelam os valores de uma instituição de maneira prática, revelam a expressão da confessionalidade. Nos relatos dos professores, essa história da escola é algo que pulsa na instituição, na própria fala deles. Ela acaba interagindo com a história do próprio professor.

Uma das maneiras que essa escola trabalha os seus valores (indiretamente em um processo de formação continuada) é divulgando e aprofundando a sua história; como era quando teve seu início, que dificuldades viveu e como as venceu.

O trabalho de formação continuada não é direcionado sistematicamente à confessionalidade, isto é, não necessariamente verbalizando que há uma filosofia de vida cristã a ser implementada. Ele se configura por meio da postura que atribui aos professores, pelo diálogo que estabelece com eles à medida que as situações ocorrem e necessitam de interferência, como também por uma relação que prioriza os valores cristãos,<sup>18</sup> implementando um clima de

---

<sup>18</sup> Não se está afirmando que a escola não tenha reuniões pedagógicas formais com os professores. A escola tem formalmente, a cada semana, encontros com os professores, mas a cada encontro, trabalha-se planejamento, didática de sala de aula, organização de eventos, etc. O que não tem é uma proposição formal de formação dentro da confessionalidade.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

honestidade e de diálogo entre as diferentes esferas (professor-coordenação-direção) mesmo com as dificuldades existentes; enfim, relacionando-se com os professores com os mesmos valores que se deseja que eles usem para se relacionarem com os alunos. Isso permite, de uma maneira indireta, mas eficaz, que a cultura da escola seja alvo de identificação – ou pertença – dos professores.

Pode-se constatar, portanto, que essa escola revela uma preocupação, não formal ou sistematizada, com a formação do professor e que trabalha com ele nos últimos anos considerando e ressaltando sua filosofia cristã, expressando sua confessionalidade e atribuindo aos professores posturas que afirmem sua confessionalidade.

Isso leva à próxima pergunta que se propõe.

*O professor identifica os valores da escola?*

Constatou-se que os professores identificam os valores da escola e se identificam com eles. Reconhecem a existência de Deus, revelam valores de respeito e amor ao próximo, acolhem uns aos outros, apontam uma forte preocupação em desenvolver o aluno com um pensamento crítico, mas aberto ao mundo, buscam aperfeiçoamento, valorizam a liberdade de escolha. Os professores se direcionam a um pensamento que busca organizar sua prática pedagógica a partir de um conjunto de valores expressos e vividos.

Portanto, ao adotar uma postura expressamente na direção de uma espiritualidade cristã, essa escola oferece ao professor um pano de fundo, por meio do qual ele poderá tecer sua prática pedagógica e constituir sua identidade profissional de maneira a conferir sentido à sua atuação no mundo e, conseqüentemente, conferir sentido à sua existência.

Esta instituição, convicta de sua confessionalidade e fazendo atribuições aos professores de forma a sustentar a sua filosofia, interage com a dimensão da espiritualidade deles, acionando o processo de constituição identitária.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Isso leva às seguintes perguntas:

*Como o professor negocia com as atribuições que a escola faz? Como ele negocia com as atribuições que ela faz no sentido de sustentar a filosofia da mesma? Há concordância entre as atribuições da escola e a pertença que os professores assumem?*

O processo de constituição identitária do professor, de acordo com a proposição de Dubar (2005), está na relação entre a dinâmica de atribuição e a dinâmica de pertença.

No ambiente escolar, a atribuição é feita pelos representantes da instituição, normalmente a equipe técnico-pedagógica e a direção, e é percebida pelo professor, que negocia com ela e a assume ou não, como pertença.

Nesta instituição, os professores assumem as atribuições e negociam com as que não concordam, de acordo com os valores que eles consideram também como seus. As pertenças que revelam são fruto, não só das atribuições que a escola lhes faz, mas, também, das escolhas que fizeram de atribuições que lhes foram sendo feitas ao longo da vida. Há constante interação entre suas pertenças e as atribuições feitas pela escola. Entram em acordo com a escola e parecem professar a mesma filosofia de vida, sem abrirem mão de suas pertenças subjetivas.

Por isso, pode-se confirmar, de acordo com Dubar (2006), que esse processo de negociação identitária é um processo dinâmico, que evolui ao longo das configurações históricas e culturais de cada momento.

Pode-se, então, afirmar que a maneira de pensar a vida, a visão de mundo de cada um, estabelece uma relação direta com a forma de encarar os objetivos do projeto da escola. Portanto, a identidade da instituição é dialeticamente produzida pelos professores como também os produz.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

*Como o processo de constituição identitária do professor reforça ou nega a identidade da escola?*

Constatamos que os professores não assumem, cegamente, as atribuições que a escola lhes faz. Eles prezam a liberdade de atuação e a possibilidade de diálogo. Isso favorece o processo de constituição identitária deles levando-os em uma direção de busca de autenticidade, como também favorece à escola o espaço para colocar seus valores “sobre a mesa”, para serem examinados e avaliados.

Comprova-se que o processo de negociação identitária que ocorre entre os professores e a escola tem fortalecido a imagem que esta deseja transmitir. Os professores revelaram que a escola exige deles excelência acadêmica e ética. Os pais, no relato da diretora e do professor 4, confirmam o trabalho com a confessionalidade; a diretora afirma que os alunos têm revelado comportamentos desejáveis nos ajuntamentos (momentos em que se juntam os alunos por séries, ou por cursos para festividades ou solenidades específicas da confessionalidade ou para algumas palestras, etc); e os índices nacionais de avaliação dessa escola também revelam um crescimento, de acordo com os relatos, tanto da diretora, como da coordenadora e do professor 3.

Enfim, afirma-se que a constituição identitária do professor tem reflexos na identidade da instituição. Há relação direta entre a filosofia expressa da escola e o processo de constituição identitária dos professores. Em contrapartida, a escola é também formada constantemente pelos professores que nela atuam. Isso coloca, para as escolas que têm uma filosofia específica, uma responsabilidade em relação aos professores que nela atuam - responsabilidade de formação. Por isso, devem abrir espaços de diálogos transparentes e construtivos.

Confirma-se, portanto, o pressuposto de que a identidade profissional se constitui nas relações de trabalho, que a instituição, por meio de sua cultura, de sua história, de sua filosofia, interage com o professor e participa da

## Tornar-se professor em uma escola confessional

constituição de sua identidade profissional e que o professor interpreta e traduz essa cultura para o aluno.

Diante das respostas consideradas, retoma-se outro aspecto dessa pesquisa que se pretende defender. A dimensão da espiritualidade é uma dimensão central ao ser humano e, por isso, ao atuar sobre ela com os professores, as demais dimensões profissionais dele seriam acionadas e em contrapartida, fortaleceriam a identidade filosófica da escola.

Explicitou-se que a espiritualidade é a dimensão que revela o sentido de vida de uma pessoa, conferindo significado a tudo que o indivíduo produz; é a dimensão que projeta o indivíduo para fora de si, que o faz transcender a si mesmo, conferindo-lhe uma missão, uma responsabilidade por sua atuação no mundo; o coloca em relação com o outro, tornando-o responsável pelo outro.

Nas entrevistas analisadas, há indicações de que o professor tem suas dimensões profissionais afetadas pelo fato significativo de que sua espiritualidade é focada quando é levado a refletir, mesmo sem imposição, sobre o sentido de sua existência.

Sua dimensão crítico-reflexiva e política é acionada quando ele considera que deve abrir o mundo para seu aluno, que é responsável por desenvolver no aluno uma atitude de abertura e de crítica em relação ao mundo; sua dimensão ética e relacional é acionada quando ele exige honestidade e respeito e oferece isso para seus alunos e para seus superiores, e sua dimensão técnica e acadêmica (dos conteúdos) é acionada quando indica sua preocupação com os conteúdos que o aluno deve aprender, com os resultados dos alunos e da escola em avaliações nacionais; seu compromisso com a dimensão da formação continuada aparece quando ele indica preocupação com estudos futuros, com sua excelência acadêmica e pedagógica, bem como com a do seu aluno.

Enfim, há indicações de que, pelo trabalho sobre a cosmovisão da escola e seus valores, a dimensão da espiritualidade do professor, nos termos de Frankl (1992, 2003), aciona as demais dimensões pessoais e profissionais.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

O trabalho é onde se cria algo para outro, de acordo com Frankl (2003) e é uma das maneiras, colocada por ele, em que o humano pode expressar sua espiritualidade, pode encontrar o sentido de sua existência. A profissão do professor, na fala desses professores, é o espaço no qual abrem o mundo para seus alunos. Eles indicam que o sentido da profissão que acolheram é abrir o mundo para o outro. Assim, estes professores desenvolvem um trabalho que, em essência, chama para o desenvolvimento da dimensão da espiritualidade deles.

Evidenciou-se que a confessionalidade (expressão da dimensão espiritual da instituição) é central na cultura desta. Sendo a dimensão da espiritualidade (dimensão do ser humano) também central para a atuação do professor, entende-se que é uma dimensão pela qual a escola pode atuar em sua vida e em sua formação profissional e, conseqüentemente, atingir o alvo final da educação, que é a formação integral do aluno.

Portanto, à medida que o professor fizer contato com sua espiritualidade, examinando e avaliando sua relação com o mundo e com seu aluno, terá que rever ou examinar suas posturas pedagógicas e políticas, tornar-se-á mais responsável por seu próprio aperfeiçoamento, buscará maior excelência em sua técnica, buscará aperfeiçoar seu relacionamento com seus alunos e com seus colegas.

A espiritualidade configura-se, assim, como uma supra-dimensão que oferece a tela sobre a qual o professor irá tecer sua atuação no mundo, sua identidade pessoal e profissional de maneira coerente e saudável.

## **CAPÍTULO 9**

# **DESAFIOS ÀS ESCOLAS E À FORMAÇÃO CONTINUADA.**

*Nos 'pequenos mundos da vida' os diversos sentidos oferecidos pelas entidades que os intermedeiam não são simplesmente consumidos, mas são objeto de uma apropriação comunicativa e processados de forma seletiva até transformarem-se em elementos da comunhão de sentido das comunidades de vida.*

*Berger e Luckmann (2004, p.83)*

É pertinente lembrar que Berger e Luckmann (2004), bem como Bauman (2005), anunciam uma sociedade em que há falta de valores comuns, de comunidades de ideias que deem sustentação aos projetos de vida das pessoas. Desse modo, os professores que vivem em uma sociedade assim, sofrem a influência da mesma.

Inegavelmente, em uma sociedade como a anunciada por esses autores, trabalhar reforçando a confessionalidade (especialmente se for por

## Tornar-se professor em uma escola confessional

meio de exemplos e posturas e não por discursos) traz influência na dimensão espiritual do professor e, portanto, nas várias áreas da vida dele. Isso ocorre porque esse trabalho se dá em relação a dinâmicas relacionais, em que a escola busca apontar modos de ser professor, atribuir aos professores determinadas características e anunciar determinados valores, oferecendo a eles esse espaço chamado por Berger e Luckmann de comunidade de ideias. A escola passa a ser um oásis de valores em uma sociedade árida deles.

Quando Placco propõe que se trabalhe com os professores tendo em conta as suas várias dimensões, ela revela essa preocupação com a dinâmica da própria vida. Dependendo da situação que se vive na escola (crise econômica, crise de posicionamento acadêmico no mercado, crise moral...), a configuração do trabalho que vier a ser feito pela instituição com os professores influenciará as demais dimensões dele.

O próprio professor, integrante dessa sociedade, com sua biografia e seu modo individual de pensar, depara-se com as atribuições feitas pela escola, as avalia e decide quais farão parte ou não de seu modo de ser.

Eles articulam valores de seu passado, da criação que tiveram e dos valores que desenvolveram ao longo de suas experiências como filhos, alunos e profissionais e incorporam ao papel profissional a postura filosófica, conforme o trabalho feito pela instituição.

É válido a escola preocupar-se com esse processo de constituição identitária do professor e de si mesma, pois mesmo tendo uma ideologia própria definida em seu projeto pedagógico, em sua Visão, Missão e fundamentação filosófica, a prática da sala de aula, a postura do professor no cotidiano com os alunos é o que configura a identidade da instituição, e revela mais até do que o próprio projeto pedagógico escrito.<sup>19</sup>

O que se propõe é que a escola dê vida a seu projeto pedagógico por meio da reflexão sobre o que é afirmado nele. Isso poderá ser feito no dia-a-

---

<sup>19</sup> Com isso, não se está dispensando esse último, pois ele é responsável pela organização e sistematização da filosofia que a escola quer expressar.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

dia, como também em momentos formais de HTPE<sup>20</sup> ou palestras específicas. O que se considera essencial nesse processo de formação é que a escola leve os seus professores a uma dinâmica de reflexão sobre seus próprios valores e sobre os valores da escola, de forma que eles possam pensar sobre os princípios que sustentam a eles mesmos como pessoas e à escola como instituição.

A partir de um trabalho com a filosofia da escola de modo a levar o professor a refletir sobre o significado da mesma para sua atuação profissional, para sua vida e para a de seu aluno, esse professor poderá examinar e alterar várias dimensões de seu trabalho. Assim, como já apontado especificamente com os professores desta instituição, professores estarão exercendo um autoexame e desenvolvendo seu autoconhecimento, fortalecendo seu processo de constituição identitária, o qual se dá sobre valores de vida, os quais se mantêm independentemente das crises.

A identidade profissional se constitui dentro do exercício da profissão. O professor exerce sua profissão em um ambiente coletivo. Ele é intérprete e herdeiro da cultura da sociedade, mas faz essa interpretação com base em valores que a escola professa. Assim, a escola deve se preocupar com a constituição identitária de seus professores.

Enfim, em uma sociedade plural e líquida, a instituição pode favorecer o alicerce do indivíduo no processo de constituição da identidade profissional. Ao entrar em contato com a razão de ser de sua existência, (esta é a essência da dimensão da espiritualidade), na medida em que vier a avaliar suas relações com os outros, sua responsabilidade com a vida do outro, em especial a do seu aluno; o professor estará atuando na maneira como desempenha suas funções profissionais, no próprio crescimento pessoal e nas demais dimensões, humano-interacional, afetiva, ética, técnica e estética.

Isso poderá favorecer seu fortalecimento. Pois, pelo questionamento e pela reflexão que eles fazem da filosofia da instituição, estão se examinando,

---

<sup>20</sup> Horário de trabalho pedagógico

## Tornar-se professor em uma escola confessional

mas também revelam à instituição modos de fazer diferentes, direcionamentos que poderão ser tomados e posturas que poderão ser revistas.

Ao fazer isso, a escola ganha, pois o trabalho desenvolvido pelo professor, em sala de aula e fora dela, ganha outro significado, um significado que tem relação com o sentido de sua existência, por isso sentido profissional e é este trabalho que dá expressão à identidade da instituição.

Assim, afirma-se que a formação continuada de professores precisa atentar para essa “identificação” dele com a instituição por meio de um processo de negociação e interação que irá favorecer a constituição identitária de ambos, tanto da escola como do professor.

A escola que tem uma filosofia explícita, seja evangélica, franciscana, inaciana, ou outra, necessita de professores que trabalhem, coerentemente, com ela. Pois, o professor é quem interpreta a cultura da escola para o aluno.

Coloca-se como um desafio para as escolas, sejam confessionais ou não, examinar e direcionar momentos de reflexão do professor sobre sua espiritualidade, sobre os fins de sua existência e sobre sua responsabilidade no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª Ed., 2000.
- ALMEIDA, Laurinda. A Dimensão Relacional no Processo de Formação Docente. In: BRUNO, Eliane, ALMEIDA, Laurinda, CHRISTOV, Luiza. **O Coordenador Pedagógico e a Formação Docente**. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANDRÉ, Marli Elisa de Alfonso. et al. Pesquisas sobre formação de professores: uma análise das racionalidades. In: MOSTRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 4., 2006, São Paulo. **Anais**. São Paulo: PUC-SP, 2006. 1 CD-ROM.
- ARCHILLES, Gonçalves, COELHO, Jr.; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. **Psicologia**. USP, São Paulo, v. 12, nº2, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 11/09/2007.
- ARAÚJO, Alan Ricardo de Sousa. **Complexidade, espiritualidade e educação: por uma educabilidade do espírito humano**. Tese de doutorado em Educação. São Bernardo, UMESP, 2005.
- BARROS, Luiz Ferri. **As dificuldades científicas do entendimento da espiritualidade**. Disponível em: <HTTP://www.hottopos.com/rih6/ferri.htm>
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

- BENKO, M. A. ; SILVA, M.J.P.. Pensando a espiritualidade no ensino da graduação. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, Vol 4, Nº1, p. 71-85, janeiro, 1996.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. São Paulo:Vozes, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho para a transformação**. Rios de Janeiro: Sextante, 2006.
- BERTOLDO, Edna. Formação e profissionalização do professor: uma abordagem histórico-cultural. In: MAGALHÃES, Belmira, BERTOLDO, Edna. **Trabalho, educação e formação humana**. Maceió: EDUFAL/PPGE/CEDU, 2005.
- BOAVENTURA, Elias. **Confessionalidade na Instituição Metodista de Ensino**. Revista COGEIME, vol.7, nº 1, 2000. Pp. 169-179.
- \_\_\_\_\_. **Evolução Histórica do Conceito de Confessionalidade no Metodismo**. Revista do Cogeime. Nº 18, São Paulo, Junho, 2001.
- BORGES, Inez Augusto. **Educação e personalidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002
- \_\_\_\_\_. **ENSINO SUPERIOR E CONFSSIONALIDADE: UMA ANÁLISE DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE E DA DISCIPLINA ÉTICA E CIDADANIA COM BASE NA TEORIA DA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE MORAL DE JOSEP MARIA PUIG**. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2006. Pp. 290.
- BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, LDBN nº 9.395/1996.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo:UNESP, 1999.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

- CODO, W. Educação: **Carinho e Trabalho: Burnout, A Síndrome da Desistência do Educador, que Pode Levar à Falência da Educação.** São Paulo: Vozes, 1999.
- DELORS, Jaques. **Educação: Um tesouro a descobrir.** UNESCO. Edições ASA. 1996.
- DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Original Francês, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação.** Tradução de Catarina Matos. Portugal:Autêntica Editora, 2006. Original Francês 2002.
- DUPRÉ, Louis. Spiritual life and the survival of christianity. In: **Cross Currents**, Fall, 1982, Vol.48, Issue 3, p. 381.(online) Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rlh&AN>. Acesso em 21/02/2008.
- DUPRE, Louis; SALIERS, Don E. Christian Spirituality. World Spirituality, vol 18. New York: Crossroad Publishing Company, 1989.
- ESPÍRITO SANTO, Ruy César de. **O renascimento do sagrado na educação.** 3ª edição. São Paulo: Papirus, 2001.
- FRANKL, E. Viktor. **Man's search for meaning.** New York: Pocket Books,1984.
- \_\_\_\_\_. **A presença ignorada de Deus.** Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo:Quadrante, 2003.
- FUSARI, José Cerchi. Formação Contínua de Educadores na Escola e em Outras Situações. In: BRUNO, Eliane, ALMEIDA, Laurinda, CHRISTOV,

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Luiza. **O Coordenador Pedagógico e a Formação Docente**. São Paulo: Loyola, p. 17-24, 2000.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCIA, Maria Manuela Alves e HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da ciência. *Educação e Pesquisa*. (online). 2005, vol.31, nº 1. Disponível em [WWW.scielo.br](http://WWW.scielo.br) acesso em 12 de julho, 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. . Os professores e suas identidades. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: FCC, Nº 98, ago., 1996.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2ª Ed.Campinas: Autores Associados, 2000.

\_\_\_\_\_, et al. Identidade Profissional de professores: um referencial para pesquisa. In: **Mostra de Pesquisa em Educação**, 4, PUC, SP, 2006. 1 CD-Rom.

\_\_\_\_\_. **Pós-modernidade, educação e pesquisa: confrontos e dilemas no início de um novo século**. *Psicologia da educação*. [online]. 2005, vol.20 [citado 02 Agosto 2007], p.139-151. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100008&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1414-6975.

GREGGERSON, Gabriele. *O protestantismo e os valores éticos*. In: **Revista Mirandum**. Ano VIII, nº 15, 2004.

GUERREIRO, Lauriano Borgado. **Educação e Espiritualidade : um estudo do paradigma emergente**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo: UMESP, 2004

GUSDORF, Georges. **Professores para que?** Santos: Martins Fontes, 1970.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

HACK, Oswaldo. **A missão do Mackenzie e sua Identidade Confessional**. In Fides Reformata 6/1, 2001.

KIVITZ, Ed René. **Espiritualidade no mundo corporativo: Aproximações entre prática religiosa e mundo profissional**. Dissertação em Ciências da Religião, São Bernardo: UMESP, 2007. 141Pp.

KOLB, David. **Experiential learning**. New Jersey: Prentice Hall, 1984.  
(Tradução própria)

LOPES NICODEMUS, Augustus. **Confessionalidade**. Palestra proferida no Instituto Mackenzie, 22 de junho, 2007.

\_\_\_\_\_. **Carta de Princípios: Confessionalidade e Liberdade Acadêmica**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

LOTUFO NETO, Francisco. **Psiquiatria e religião – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos**. Tese de Livre Docência, São Paulo: USP, 1997.

MACHADO, José Nemésio. **Ideologia da Proposta de Educação Batista à Luz da Teoria de Morin**. Tese de Doutorado em Educação, Piracicaba:UNIMEP,1997.

MACHADO, José Nemésio. **A contribuição Batista para a educação brasileira**. Dissertação de Mestrado em Educação, Piracicaba: UNIMEP,1994.

MARINO JR., Raul. **A religião do cérebro**. São Paulo: Editora Gente, 2005.

MELLOUKI, M. e Gauthier Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro intérprete e crítico. In: **Educação e Sociedade** nº 87, Vol. 25, Maio/Agosto, 2004.

MENDES, Marcel. **Mackenzie em movimento: Conjunturas decisivas na história de uma instituição educacional**. Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo, 2005.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

- MOURA, M. O. De. **A atividade de ensino como unidade formadora**. In: CASTRO, A.D., CARVALHO, A.M.P. de. (org.) *Ensinar a Ensinar*. São Paulo: Pioneira, 2001. 180Pp.
- MOURA, Roseli. **A perspectiva cristã da educação e as bases da escola de confissão protestante**. Dissertação de Mestrado em Educação Religiosa, São Paulo: Instituto Jumper, Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2007.
- MORAIS, Regis de. **Stress existencial e sentido da vida**. São Paulo: Loyola, 1997.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo, Cortez; Brasília, DF.: UNSECO, 2000.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de pesquisa**, Dez 2006, Vol. 36, nº 129, p. 547-571.
- PAGNEZ, Karina S. M. M. **O ser professor do ensino superior na área da saúde**. Tese de doutorado em Educação: Psicologia da Educação, PUC-SP, 2007, 192Pp.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. São Paulo: L&PM, 2006.
- PIMENTA, Selma. Em foco: Pesquisa-ação sobre a prática docente. **Educação e Pesquisa**. Vol 13, nº 3, set./Dez., 2005.
- PINSKI, Jaime e PINSKI, Carla. **História da Cidadania**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum, cem mil**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naif. 2001.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação de orientadores educacionais**: questionamentos da sincronicidade consciente e confronto com a mudança. Tese de doutorado: PUC/SP, 274p, 1992.

\_\_\_\_\_. **Formação e prática do educador e do orientador**. Campinas, Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Relações Interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal de aluno e professor**. IN: ALMEIDA, L.R.; PLACCO, V.M.N.S. As relações interpessoais na formação de professores. São Paulo, Edições Loyola, p. 7-20, 2002.

\_\_\_\_\_ ; SILVA, Sylvia H.S. **A formação do professor: reflexões, desafios e perspectivas**, in BRUNO, E.B.G., ALMEIDA, L. R. e CHRISTOV, Luiza H.S. (orgs) O coordenador pedagógico e a formação docente. 4ª ed. São Paulo, Ed. Loyola, p. 25-34, 2003.

\_\_\_\_\_. Perspectivas e dimensões da formação e do trabalho do professor. In: **Simpósio: A formação docente sob diversos olhares e o compromisso com a inclusão social**, 2006.

\_\_\_\_\_ ; TREVISAN-DE-SOUZA, Vera. Aprendizagem do adulto professor. ANAIS Recife: **ENDIPE**, 2006.

\_\_\_\_\_. et al. **Aprendizagem do Adulto professor**. São Paulo:Loyola, 2006.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade**: Um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro:Zahar editora, 1976.

ROLDÃO, Maria do Céu. Profissionalidade docente em análise – especialidades dos ensinos superior e não superior. **Nuances: estudos sobre educação**, Ano XI, Vol. 12, nº 13, jan/dez. 2005.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

\_\_\_\_\_. Função docente – natureza e construção do conhecimento profissional. **Sessão Especial, ANPED**, 2006.

SALIERS, Don E. *Christian Spirituality in an ecumenical age*. In: DUPRÉ, Luis. **Christian Spirituality**. New York:Crossroad, 1989.

SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. Tradução de Gabrielle Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. Original 1968.

\_\_\_\_\_. **Como viveremos**. Tradução de Gabrielle Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. Original, 1976.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividade de professoras/es**: sentidos do aprender e do ensinar. Tese de Doutorado:PUC/SP, 2004, 161p.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. **Olhares e dizeres revelando a identidade de professoras**: refletindo sobre a formação docente. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998, 160p.

\_\_\_\_\_. **A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores**: um estudo sobre o cotidiano escolar. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004, 284p.

TARDIF, M. e RAYMOND D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, nº.73, Campinas: CEDES, 2000, p..209-244.

TERRIEN, JACQUES e LOIOLA, FRANCISCO ANTÔNIO. **Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente**. *Educ. Soc.*, abr. 2001, vol.22, nº.74, p.143-160.

VASCONCELOS, Ferreira Anselmo. Espiritualidade no ambiente do trabalho. **Revista da ESPM**. Vol. 4, Ano 13, Nº1, janeiro/fevereiro, 2007, p. 110-123.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade no ambiente de trabalho**. São Paulo:Atlas, 2008.

VASSELAI, Conrado. **As Universidade Confessionais no Ensino Superior Brasileiro: Identidades, Contradições e Desafios**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001, 192p.

WEBSTER, Robert Scott. **An existential framework of spirituality for education**. Thesis of Doctor's degree in Philosophy. Australia:Griffith University, 2003. 367Pp.

### Sites

[www.cogeime.org.br/](http://www.cogeime.org.br/)

[www.abiee.org.br/](http://www.abiee.org.br/)

[www.anep-ipb.org.br /](http://www.anep-ipb.org.br/)

<http://www.aneb.org.br>

[www.aecep.org.br](http://www.aecep.org.br)

[www.acsi.org/](http://www.acsi.org/)

[www.acsibrasil.org/](http://www.acsibrasil.org/)

Tornar-se professor em uma escola confessional

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1 QUADRO DE ANÁLISE DOS PROFESSORES**

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 1					
Caracterização	Pertença profissional	Atribuição à escola	Crise	Valores	Sentido da profissão/ vida
<p><u>Professor de Física</u>  <u>20 anos na mesma instituição- 25 de magist.</u>  <u>Católico não assíduo.</u>  <u>Estudou em colégio católico.</u>  <u>Fez os dois últimos anos de EM na escola em que atualmente leciona. Escolheu área de física por identificar-se com um professor.</u>  <u>Considera ter sido aluno bom, levado mas respeitoso</u></p>	<p>"O que me levou a trabalhar aqui foi um convite desse professor (o de física)...Entrei no laboratório de física...daí para dar aula foi um passo...Eu era aluno e passei para o outro lado, a ser funcionário e de funcionário passei a ser professor....Tinha todas as visões da escola." <u>Parece afirmar que não houve questionamentos...aconteceu de virar professor.</u></p> <p>"Minha classe de estudos avançados é a mais lotada....Isso é reconhecimento...é gostoso. Isso ninguém paga." - <u>Reconhecimento profissional dos alunos. Vê-se como professor querido e bom.</u></p> <p>"Deixar meu cargo de professor é inegociável para mim...Eu amo a sala de aula. ...Sou bem rigoroso nas</p>	<p>"Na entrevista que eu fiz, a primeira pergunta foi sobre minha religião. Foi marcante, e ele me explicou o motivo, e me orientou. Passei a conhecer e me aprofundar na história da instituição....Posso dizer que se acentuou a confessionalidade. Hoje há mais projetos de voluntariado e de participação em doações para creches, etc..."</p> <p>Quanto ao relacionamento com superiores - "Existe colaboração, trabalham a nosso favor. Passamos</p>	<p><u>Não menciona nada que possa ser classificado como crise</u></p>	<p><u>Confiança</u>  <u>Reconhecimento</u>  <u>Respeito mútuo</u>  <u>Disciplina</u>  <u>História</u>  <u>Rigor</u>  <u>Solidariedade</u>  <u>Colaboração</u>  <u>Vínculos</u></p>	<p><u>Vê na relação com o aluno o amor, o carinho e afirma que deve passar a eles paz, sensação de grandeza, de pensamento.</u></p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>minhas aulas. Minha classe de estudos avançados é a mais lotada...Isso é reconhecimento...é gostoso. Isso ninguém paga."</p> <p>"Sou disciplinador, cobro, minha formação é antiga. Gosto de disciplina. Claro que tudo tem que ser flexível."</p> <p>"Não encontro dificuldade para conciliar minha disciplina com a cosmovisão da escola. Eu consigo facilmente...a gente ensina...explica.....mostra a interdisciplinaridade, falo sobre ética, falo sobre cosmovisão, falo da minha matéria sem nenhum problema. É espontâneo da minha parte."</p> <p><u>Quanto aos superiores -</u> "Sinto que confiam em mim. Querem que eu resolva determinadas situações. Sempre pedem e procuram e perguntam e eu me sinto valorizado nesse aspecto. A direção sempre me atende...e me ouvem...contam comigo e sempre poderão</p>	<p>tudo que eles possam usar para nossa ajuda e acompanhamento do aluno. ...mudanças em questões burocráticas: horários, calendários...."</p> <p>"Essa escola tem carisma...ela marca a pessoa."</p> <p>"Antigamente, o nome dessa instituição era mais forte na comunidade." <u>Atribuição ligada à pertença...disciplina é valorizada...escola era mais forte?</u> <u>Provas unificadas - é um valor grande para ele. Afirma como algo que não mudaria.</u></p>			
--	---	---	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>contar." <u>Sente-se como alguém que é confiável, que atende a instituição nas exigências que fazem a ele e nas características que exigem dele.</u></p> <p><u>Quanto à projeção: Vê-se na instituição - afirma que quer ser aproveitado onde puder contribuir m não abre mão da sala de aula. ...Não abre mão da instituição...Isso é inegociável para ele.</u></p>				
--	---	--	--	--	--

Imagem 1 e 2 - "A imagem, de certa forma mostra o professor e seu aluno. Nós, tentando transmitir nossos conhecimentos, mesmo com o contato que temos no nosso dia a dia. Estou associando meu trabalho, não querendo ser Deus, de forma alguma estou dizendo isso. Mas é a relação mesmo, né? É o amor, o carinho, Eu vejo tudo isso, porque eles gostam da gente e nós gostamos deles. Transmite isso." Relação professor aluno. Transmissão de algo, voltado pra conteúdo.

Imagem 2 - "Essa é muito boa. Novos horizontes. A coisa é bem maior lá fora. O que nós temos que passar para os nossos alunos. Que não é só isso. Aqui é uma janela. Nós estamos abrindo a janela para eles. O mar, a sabedoria infinita. É bem interessante mesmo, né." Ajudar o outro a abrir-se pra o mundo?. De certa forma, revela estar voltado para o outro, mas centrado na ação própria dele.

Imagem 3 - "A luz. A luz é bastante interessante. Tem bastante luz na minha área também, riso, a física. Aqui a sensação é de paz, de reflexão, de pensamento, grandeza, exatamente o que temos que passar nas nossas aulas. A sensação de paz. Que nós não estamos guerreando. Que a escola é grande e tem que ser respeitada." Centrado em sua visão da escola – grandeza.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 2					
Caracterização	Pertença profissional	Atribuição à escola	Crise	Valores	Sentido da profissão/ vida
<p><u>Professora de Geografia</u>  <u>20 anos</u>  <u>magistério e 4 meses na Inst.</u>  <u>18 anos em escolas confessionais.</u>  <u>Tem experiência na prefeitura e em escola pública</u>  <u>Estudou em escola confessional evangélica.</u>  <u>Foi sempre aluna muito aplicada e responsável,</u>  <u>era muito criteriosa e estudiosa.</u>  <u>Considerava-se tímida.</u>  <u>Tinha paixão por literatura e L. Portuguesa e por uma professora de L. Portuguesa que era rígida</u></p>	<p>" Eu tinha vontade de trabalhar aqui."  "Eu acho que o que me atraiu era a questão da confessionalidade. Eu já estava acostumada e pensei em encontrar um ambiente, uma atmosfera parecida. Eu achava legal, poder conti(...), porque como eu já trabalhei em escolas não confessionais, então, você sente a diferença."    "...Eu percebi que havia uma linha muito próxima ao que eu acredito. Uma linha de trabalho muito próxima ao que eu acredito." <u>Mescla atribuição e pertença.</u>  "Eu coloco assim, digo que estou em imersão na escola. (Risos). Eu estou trabalhando nessa</p>	<p>Olha, eu estou aqui a pouco tempo, então, eu tenho procurado sentir se o meu trabalho está caminhando paralelamente ao que a escola pretende. Então, sempre, quando tenho oportunidade, eu, eu pergunto se o meu trabalho está adequado a contento...  "Então, eu acho que em alguns momentos sim. Eu acho que tem sim. Aqui nessa instituição, eu percebo assim, que as coisas estão em processo. Estão em transformação nesse sentido."...".  É concreto. Por exemplo, e algumas falas, de alguns professores e mesmo da</p>	<p>A instituição em que Trabalhou quase 20 anos e em que estudou começou a ter problemas sérios de finanças "Eu percebi que o tempo estava passando, eu me dei conta disso. Em alguns momentos eu me decepcionei. Aí eu mandei meu currículo para cá e para outras escolas. <u>A crise a leva a buscar outra escola.</u></p>	<p>Responsabilidade  Organização  Detalhes/critérios  Pessoas  Missão pessoal  Valores cristãos  Relacionar conteúdo e vida  Voltar-se p/outro  "Contato c/aluno"  "Estou interessada nele como pessoa"  Formação moral e ética para vida.  Respeito mútuo</p>	<p>"A minha missão...assim, por eu ter uma formação evangélica, eu acho que a minha vida ta ligada às pessoas. ..eu penso num país melhor...eu acho que essa é a minha "porção" dentro da minha profissão."  Eu procuro sempre eu acho uma brecha, eu acho...porque eu penso assim...eu penso que perde o sentido, perde o sentido. Quer dizer, você entrar na sala de aula, dar a sua matéria, seu conteúdo e ir embora..não ficou completo. Então, eu tenho que relacionar sempre o meu conteúdo com a missão que eu escolhi.    " Tentar trabalhar a linguagem da geografia, como ela é, no vestibular, para ele já estar se adequando a</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

<p>mas competente. "Ela reconhecia meu esforço." Batista</p>	<p>primeira etapa. Preparando meu curso ainda. Estou descobrindo como é que as coisas acontecem. Eu gosto de trabalhar com muito critério, né? Mas, eu não tive tempo ainda para isso..."Futuramente? Eu pretendo, eu estava pensando em alguns cursos que são legais para expandir a minha carreira. Penso nessas coisas, assim, cursos de línguas que eu quero muito fazer. Mas, tudo para o ano que vem, também..."eu amo a sala de aula..." Inegociável? ...Eu...Eu acho que é...a minha missão dentro da sala de aula...". A minha missão...assim, por eu ter uma formação evangélica, eu acho que a minha vida ta ligada às pessoas. Então, a minha ideia</p>	<p>coordenação, eu percebo que isso fica muito claro e em alguns momentos, uh, como posso colocar, em alguns momentos eu percebo que fazem questão de falar..."Os professores de ética cristã também. Eu vejo que deixam muito claro a ideologia..."Não, não vejo mal-estar porque para eles também, pros professores que não são..não tem essa visão, eles têm noção de que trabalham num colégio confessional e que eles têm que seguir a filosofia da escola, mesmo que, muitas vezes, não concordando ou ..E eu percebo que existe um respeito muito</p>			<p>essa linguagem. Porque é uma linguagem muito específica. Por outro lado, tem essa vertente, uma vertente ideológica. Não deixa de ser." . O que é que eu faço? Ao mesmo tempo que eu faço esse trabalho, que é importantíssimo no EM, <b>eu trago algo para a vida deles, cotidiana.</b> Então, a gente discute, porque aquilo é importante, de que maneira eu posso interagir com esse conteúdo na minha vida. Eu faço questão de fazer isso muito...de relacionar com o país que a gente vive, com a realidade que a gente vive, com o mundo. Em geografia isso é muito bom de fazer. <u>Sentido de vida e profissional se confundem e se fundem com a pertença.</u></p>
--	---	--	--	--	---

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>é ...eu penso num país melhor...eu acho que essa é a minha "porção" dentro da minha profissão. Isso é inegociável."</p> <p>"Eu acho que foi o tempo que eu já tinha de magistério, também o fato de que, eu senti isso, o fato de o colégio de onde eu vinha ser confessional, o fato de eu trabalhar, e concordar com essa linha. Isso pesou também.</p> <p>... Eu concordo, porque eu acho que a escola, ela tem quer estabelecer uma linha de pensamento entre os profissionais que ela trabalha, dos profissionais com quem ela trabalha e a clientela e a porque se não, vai ser uma guerra o tempo todo. Então eu acho que é legal sim. Aí é claro que isso também uh, tem conseqüências."</p>	<p>grande de todos os professores, com raríssimas exceções. Mas, respeitam MUITO".<u>Atribuições sobre a confessionalidade da escola.</u></p> <p>"Postura séria da escola"<u>Combina com a pertença dela, da professora.</u> "uma postura séria é, não é aquela brincadeira que faz de conta que eu estou ensinando e você faz de conta que está aprendendo. É uma postura séria. É o que é. Isso é uma coisa que eu fico admirada de ver. O trabalho sério que é feito."</p>			
--	---	---	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p><u>Fatos que ela coloca que levaram a escola a selecioná-la. Indicam o que acha que são atribuições.</u></p> <p>. O que é que eu faço? Ao mesmo tempo que eu faço esse trabalho, que é importantíssimo no EM, eu trago algo para a vida deles, cotidiana. Então, a gente discute, porque aquilo é importante, de que maneira eu posso interagir com esse conteúdo na minha vida. Eu faço questão de fazer isso muito...de relacionar com o país que a gente vive, com a realidade que a gente vive, com o mundo. Em geografia isso é muito bom de fazer.</p>				
--	---	--	--	--	--

Imagem 1 - Essa imagem me remete ao contato com as pessoas. Ao contato com o aluno que eu acho que é super importante e é uma habilidade muito grande. Então, essa imagem é fantástica. Ela fala exatamente daquilo que eu acredito. Que é você estabelecer uma relação com o aluno com essa pessoa enquanto ser humano mesmo. Mostrar pra ele que o teu objetivo ali não é meramente profissional. Você tem algo a oferecer para ele. Acho muito legal essa imagem.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Imagem - 2 Essa imagem para mim ela me remete em sala de aula para o seguinte. Eu procuro mostrar para ele que o conhecimento abre os horizontes para ele. E que através daquele conhecimento ele pode ampliar uma série de coisas na vida dele. Então, não é o conhecimento pelo conhecimento. . Eu acho que como profissional eu procuro ajudar meu aluno a abrir essa janela. Eu acho que muitas vezes ele pergunta assim, Ah, pra que eu to aprendendo isso? Aí eu tenho a oportunidade de falar para ele a janela que ele pode abrir a partir daquele conhecimento que ele está vendo. E perceber que é um universo, quando você abre essa janela, é um universo que se abre para você; tem várias possibilidades

Imagem 3 - Essa é forte. Aqui estou vendo uma igreja com bem antiga, com vitrais muito bonitos, colunas muito só, muito firmes, muito sólidas, um sol entrando pelos vitrais. E uma sensação muito boa. Eu acho que a minha profissão ela se mistura com a minha religião. Porque ela muitas vezes, a minha profissão fica acima de muitas coisas para mim. Pela minha profissão eu já sacrifiquei muita coisa na minha vida, mas não me arrependo. Eu acredito no que faço, credito no trabalho e não consigo dissociar o que eu acredito como crença, como religião do meu trabalho. Não consigo dissociar de minha vida. Não que essa religião tem um nome, por ser batista, não, É a minha relação com Deus. Eu não consigo dissociar de nada. Então, a minha profissão, ela também é passada pela minha crença, pelo que vivo diariamente. Minha relação com Deus, que eu considero uma coisa faz parte não tem como separar. A imagem me remete para isso. Para essa relação com Deus.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE I PROFESOR 3

Caracterização	Pertença profissional	Atribuição à escola	Crise	Valores	Sentido da profissão/ vida
<p>Professor de Biologia. 22 anos de magistério. 2 anos na instituição em questão. Católico de formação – não praticante. Lecionou em escola confessional católica de grande porte e em cursinho. Escolaridade sempre em escola pública (EM noturno) iniciou trabalho cedo. Primeiro trabalho como técnico em</p>	<p>“Eu tinha feito um curso técnico na área de saúde e isso começou a me levar pra área da biologia.” “Eu gostava de dar aula. Como aluno, eu gostava de preparar seminários e apresentar...de certa forma, eu era elogiado quando apresentava seminários. Eu gostava de ajudar, ensinar, eu facilmente comandava uma discussão, né.</p>	<p><u>Ambiente bom, honesto e transparente:</u> “ Eu entendo que, de acordo com minha concepção, que é uma relação que não aparenta ser complicada. Acho que é uma relação honesta, no sentido de ser transparente e vejo também como uma relação respeitosa. Eles sabem o que nós esperamos deles e nós</p>	<p>“ Eu dava aula em uma outra escola (confessional católica de grande porte na Zona Sul de São Paulo) mas estava saindo dela em função de uma reciclagem de professores e da política educacional que essa escola estava tendo. Em função dessa mudança de política, alguns professores</p>	<p><u>Revela valores quando perguntado sobre como foi introduzido à filosofia da escola:</u> “ Em parte foi o professor xxx, sobre a filosofia da escola, sobre <b>a relação professor alunos aqui e a relação entre os professores, entre os professores e a coordenação.</b> Então, a parte mais prática mesmo foi ele. E ao chegar na escola, acabei conhecendo mais, em contato com os professores..” <u>Contato e respeito com os outros..</u></p>	<p><u>Ao falar sobre o que lhe é inegociável, revela alguns supra-valores, que direcionam para o sentido de vida profissional:</u> “A gente tem que preparar o aluno para o mundo que ta aí fora. A gente tem que preparar o aluno para participar de uma sociedade, questionando-a e tentando melhorá-la. Isso</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

<p>hospital; trabalhou como educador ambiental no início d carreira em biologia; começou a lecionar ainda na faculdade. Em escola técnica noturna. Só depois da faculdade começou a lecionar em escolas particulares. A área de saúde sempre foi a grande tendência, mas logo no início já ficou vinculada ao ensino. Como aluno, já gostava de ensinar e de preparar seminários. Gostava de lecionar.</p>	<p>Então, eu acabei me voltando para essa área.”          “Quando eu trabalhei como biólogo, eu trabalhei como educador ambiental...fiquei dois anos sem dar aula propriamente mas trabalhei como educador ambiental. É, meu lado de biólogo sempre foi voltado para a educação.”          “...ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo de perfil de professores aqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo...”  <u>Transparece percepção de que atribui à escola suas próprias pertencas.</u></p>	<p>sabemos o que esperam de nós. Acho que existe aí um conjunto de perspectivas que vão ao encontro, em comum né?E por isso eu acho que as coisas caminham.”          Ao falar sobre o trabalho pedagógico da escola, revela atribuições à mesma, que se mesclam com suas pertencas.          “Eu acho que no EM, o 2º ano do EM, já é bem do conhecimento deles toda a filosofia da escola. E, à medida que eu entro em sala de aula e que eu tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que de</p>	<p>saíram por livre e espontânea vontade, outros foram convidados a se retirar. exatamente nessa época, o professor XXX (colega da escola atual) trabalhava comigo em cursinho, damos aulas juntos e então ele sabe meu jeito de dar aula, ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo de perfil de professores aqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo, fazer uma entrevista e participar do processo de seleção. Então, eu vim aqui indicado por ele</p>	<p><u>Também revela seus valores ao falar dos alunos: Gosta de ser respeitado.</u>          Aqui eu sinto dando aula com alunos que respeitam o professor, como com os alunos que eu tinha na escola pública, que respeitavam o professor. A gente sabe que numa classe mais alta, eles não respeitam muito o professor. Os alunos de uma classe economicamente um pouco menos elevada, respeitam mais o professor. São mais atenciosos, querem mais atenção e carinho, e às vezes, ...  <u>Ao ser perguntado sobre o que é inegociável, revela uma série de valores, inclusive a forma como esses valores são constituídos, até</u></p>	<p>pra mim é inegociável.”</p>
--	---	---	---	--	--------------------------------

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Os valores também revelam uma pertença em sua fala:

“Aqui eu sinto dando aula com alunos que respeitam o professor...”

Ao falar de sua projeção futura:

“Pelo andar da carruagem, creio que estarei aqui sim. Eu fiquei 15 anos dando aula na outra escola. Eu não sou de ficar trocando muito de escola. Gosto de criar raiz. Esta é uma instituição tradicional e antiga, não quer dizer que não seja moderna. Eu me vejo daqui dez anos aqui tranquilamente.”

Ao falar sobre suas aulas, revela mais pertencas e

certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores, eles percebem isso naturalmente.

De acordo com a tua prática em sala de aula, não tem muito que discursar ou apresentar aos alunos uma carta de princípios. A postura é uma carta de princípios ativa.”

Ao ser questionado sobre a forma como toma conhecimento sobre a filosofia da escola, faz atribuições:

“Muita coisa foi passada, apesar de eu já saber mais ou menos o que esperavam, né? Mas acho que 80% é pelo dia a

e outras pessoas também foram indicadas e passaram pelo mesmo processo e eu acabei sendo escolhido.”

Professor enfrentou crise na escola em que lecionava, o que o levou a procurar outra.

no âmbito profissional:

“Eu acho que é o princípio que a gente tem, os valores que a gente tem como professor. Eu acho que ter que negar os valores que nós temos, e, nomear esse conjunto de valores que a gente tem é um pouco complicado. **Porque esse conjunto de valores você foi obtendo ao longo de sua vida e profissão. Acho que é mais ou menos uma coisa parecida com amizade. É difícil duas pessoas continuarem amigas se não tiverem o mínimo de valores em comum, perspectivas em comum.**(Respeito mútuo) Então, à medida que essas perspectivas não vão mais ao encontro...acho que

## Tornar-se professor em uma escola confessional

novamente há ligação com seus valores:

“Aqui tem sido muito tranquilo. Eu entro, eles respeitam muito. Eu peço para eles pararem de conversa, prestarem atenção, ficarem em silêncio. Eu consigo passar o que preciso passar para eles. Consigo colocar pontos de reflexão. Eu gosto de uma aula dialogada. Não só passando informação e eles aceitando. Eu gosto que minhas aulas sejam reflexivas. Eles participam de minha aula de maneira que eu gosto.”

Falando sobre suas aulas na escola, revela

dia. Há uma prática muito em comum entre os professores com os alunos.”

tem coisas que não dá para negociar. Se tiver que mudar realmente, e tiver que tomar atitudes contrárias aos meus valores, em função de minha vida pessoal e profissional..aí não dá para negociar.”

**Liberdade e confiança** são valores que revela como importantes ao comentar que seus valores e princípios são inegociáveis para ele:

“Pelo tempo que tenho aqui, eu entendo que..vou ser coerente com o que eu disse anteriormente, uma vez que os meus valores e os valores da instituição vão ao encontro, coincidem, é inegociável, por exemplo, se eu tiver que negar os meus valores e princípios, isso é inegociável. Então, um dos

## Tornar-se professor em uma escola confessional

pertencas que se mesclam com as atribuições que faz para a mesma:

“E, à medida que eu entro em sala de aula r que eu tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que de certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores, eles percebem isso naturalmente. De acordo com a tua prática em sala de aula, não tem muito que discursar ou apresentar aos alunos uma carta de princípios. A postura é uma carta de princípios ativa”.

princípios que eu tenho é dar o conteúdo de uma forma questionadora, reflexiva. Acho que o aluno não pode aceitar as coisas como um dogma. Ele tem que aprender a ser questionador, tem que aprender a ver as coisas de forma contextualizada. A gente tem que preparar o aluno para o mundo que ta aí fora. A gente tem que preparar o aluno para participar de uma sociedade, questionando-a e tentando melhorá-la. Isso pra mim é inegociável”

Quando questionado sobre como é trabalhar em uma escola presbiteriana, revela valores e sentido de vida:

“Ateu eu diria que não. Mas, não sigo, não vou à missa, não participo de nenhum

## Tornar-se professor em uma escola confessional

				<p>culto religioso. Estou aberto à existência de Deus. Eu acho que na época de estudante, eu até me dizia às vezes ateu. Mas eu não gosto muito de seguir algumas regras, a não ser que me pareçam coerentes. Então, eu acho que se eu consigo pautar minha vida tendo as minhas regras de acordo..a partir do momento que elas batem, que elas vão ao encontro de pode ser até outras regras que chegam ao mesmo ponto, eu penso que eu to seguindo uma regra minha que eu acho que é interessante. Eu acho que é mais ou menos por aí. Inclusive eu acho, uma coisa que me disseram quando eu entrei aqui...você tem uma filosofia cristão? Sim, eu acho que eu tenho uma</p>	
--	--	--	--	---	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

				filosofia cristã. Os meus valores batem com os valores cristãos e eu tenho uma postura que é uma postura cristã. Eu não preciso necessariamente ser religioso e seguir uma religião, acho que a gente tem que ter esse conjunto de valores em comum.” <u>Valores cristãos.</u>	
--	--	--	--	---	--

Imagem 1 - Primeiramente, nessa imagem, as mãos estão próximas mas não se tocando. Há uma intenção de se aproximar mas não necessariamente de se tocar. Pra mim a imagem mostra a possibilidade de eu me oferecer, apoio, ajuda conhecimento. Voltar-se para o outro.

Imagem 2 - essa imagem me faz pensar que a gente tem que ter uma postura e uma filosofia aberta e não fechada. Temos que ser uma pessoa a aberta a receber novas informações. A realidade e o mundo está sempre apresentando novas coisas que a gente tem que aprender. Tem que ta aberto pra aprender novas coisas. Pra ensinar, a gente tem que está aberto pra aprender. Temos que ter uma mente e postura aberta. Abertura para o outro.

Imagem 3 - Essa imagem me lembra de uma certa maneira um lugar tranqüilo que tem uma luz natural, aproveita a luz da natureza e do dia. É a imagem de um lugar e de um local que você entra e uma vez que ele é arejado, e indiretamente recebendo a luz do dia nos leva a ter uma certa serenidade. Necessariamente não parece ser um local fechado. Ele tem algo de, não sei se é fechado, ele tem uma estrutura, ele tem uma janela aberta, mesmo que os vidros estejam fechados, ele tem uma janela que permite ver lá fora. Mais uma vez, abertura para o mundo, para o outro.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 4					
Caracterização	Pertença profissional	Atribuição à escola	Crise	Valores	Sentido da profissão/ vida
<p>Professor de Biologia. 24 anos de magistério. 24 anos na instituição pesquisada 1 ano em escola do Estado. Leciona em outra escola confessional de outra denominação – católica. Leciona em cursinho. É católico praticante. Fez faculdade na instituição em que hoje leciona, na escola sendo pesquisada. Entende-se como pessoa curiosa, sempre foi aluno curioso. Não se considerava quietinho, respeitava o professor;</p>	<p>“Eu vim de uma família bem humilde”. Meu pai... sempre falava muito bem dessa escola. A gente tinha uma noção de essa escola tinha um ensino muito elitizado. Um local no qual poucos teriam possibilidade de ingressar.”<u>Revela, com essa fala que é um vencedor?</u></p> <p><u>Ao perguntarmos sobre como se vê no futuro, na instituição, não revela nenhuma projeção:</u> “Se eu tiver a honra de ainda estar aqui, se eles não se cansarem de mi, porque eu estou aqui há muito tempo, uhh, sinceramente, eu não me vi</p>	<p><u>Escola forte Escola confessional.</u> “Então, quando eu passei no vestibular e meu pai me ajudou a pagar a faculdade aí eu comecei a entrar mais em contato com os detalhes da história dessa instituição. Por exemplo, com a confessionalidade, com o fato de que não é uma instituição católica. Trabalhando, já como professor, aí sim eu fui me inteirar muito mais da história da escola, né?”</p> <p><u>Ao falar sobre a história da instituição:</u> “Todo lugar que se frequenta nessa escola, sua história sempre vem à tona.</p>	<p><u>Relata momento de crise da instituição, em paralelo com modificações na política educacional brasileira:</u> “No passado, teve um rompimento no finalzinho da década de 90. A escola era de uma linha bem tradicional, sabe. Aí veio um pessoal novo com idéias novas e implantaram o construtivismo. Obviamente, teve um choque para todos. Até o professor de uma linha mais tradicional,</p>	<p>Confiança Lealdade Batalhar pelo que quer. Vínculos. Reconhecimento Formação moral Valores cristãos Justiça Democracia Liberdade de trabalho na sala de aula e confiança no trabalho do professor. Cuidar do outro, preocupar-se com ele.</p>	<p>“Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. e isso é cristianismo.” <u>Voltar-se para o outro</u></p>

<p>Foi chamado para lecionar nessa escola por um colega que cursava biologia com ele e que já e ainda leciona na escola. Ao lecionar nos seminários, se destacou e foi chamado para dar algumas aulas. <u>Ao falar sobre isso, já revela alguns valores:</u>          “Eu acho que o (...) observou que eu tinha um certo jeito, não é, e sabia que eu já lecionava no estado, mesmo não estando formado ainda. Ele já lecionava no ensino fundamental e ele me convidou. Para mim foi uma grata surpresa. Tinha muito medo de decepcioná-lo, afinal ele arriscou e <b>confiou</b> em</p>	<p><u>ainda”. Parece uma área com a qual ainda não fez muito contato:</u>          “Eu leciono em outros lugares, né? Eu acho que daqui a dez anos eu tenho que largar um pouco mais a sala de aula. Eu não posso, uh daqui a dez anos, estar no mesmo ritmo que eu estou agora. Então eu tenho que...uh..você vai me perguntar, então você já tem algum projeto algum plano? Não eu não tenho. Só que eu preciso largar um pouco mais a sala de aula e buscar outros projetos. Não largar de vez, pendurar o giz, não. Mas eu preciso ceder, diminuir um pouquinho a atividade e buscar outra atividade.”  <u>Ao iniciar uma fala</u></p>	<p>Então, por exemplo, eu fiz curso de pós-graduação aqui, então, os professores nos cursos de pós-graduação, dentro da escola, ou até outros professores convidados, eles sempre falavam e tocavam no assunto da história do colégio.”          “Nas várias e várias reuniões que eu tive com a direção aqui, os diretores sempre falavam da história do colégio. Então, você vai pegando um pouquinho aqui outro pouquinho ali, você vai absorvendo. Alguns professores, principalmente no EF estão a vida inteira aqui, estudaram aqui. Então eles também comentavam. É uma instituição que faz parte da história</p>	<p>queria acertar. “Eu quero também estar nessa do construtivismo porque agora é a moda” Mas aí o que eu notei foi o seguinte, o que eu notei é que não só o professor, mas também a equipe técnica da época, na sabia o que era o construtivismo. Então, aquilo acabou gerando alguns probleminhas. Ninguém sabia como se fazia avaliação, ninguém sabia até que ponto do conteúdo deveria ser abordado ou não, pontos de vistas muito diferentes.</p>		
---	--	--	---	--	--

<p>mim, e eu não tinha nada de experiência. E to aqui até hoje”.</p>	<p><u>sobre o foco no vestibular que a outra instituição tem, aponta que essa também tem mas sem abrir mão de valores. Revela na fala pertença e atribuição, tanto a escola como o professor tem que ser fiéis àquilo que acreditam e professam.:</u></p>	<p>do estado. ou pelo menos da cidade de São Paulo . Então eu sempre tive contato com a história da instituição. Mesmo sem querer, sabe, vem à tona.”</p>	<p>Então, naquela época, finalzinho dos anos noventa, realmente, eu vi assim a equipe técnica daquela época muito confusa. Aí a escola parece que viu que não deu certo.</p>		
	<p>“Tem que ser por aí também. Mas eu não acho que a escola tem que mudar o seu perfil, ou mudar a sua tradição em função de atender a um determinado aspecto do mercado apenas..” Por exemplo, no meu dia-a-dia aqui no ...eu entro no assunto de biologia, por outro lado, eu também tenho a oportunidade de conversar com eles sobre a vida. Aqui eu também sou</p>	<p>“Tinha um senhor aqui quando eu estudava, e ele andava pelo campus e toda hora gritava: “Viva o ...” Então, sempre teve um clima aqui dentro de que o ....é um lugar diferente. Isso começa a penetrar, fazer parte da história da gente.”</p>	<p>Resgatou algumas coisas do tradicional, manteve algumas coisas também daquela época, porque também é impossível não se aproveitar alguma coisa né. E aí eu já peguei a época dessa diretora, que na realidade, essa é a segunda</p>		
		<p><u>Revela que a identidade da instituição pulsa forte nas pessoas dentro dela. O próprio fato de revelar que foi convidado por alguém que já lecionava aqui e que continua a</u></p>			

	<p>educador.”  <u>Na outra escola, se coloca também como educador, sendo fiel à sua fala anterior:</u>          “Eu também sou educador lá, mas sou muito mais educador aqui. Lá eles...uh São desafios, a gente cresce. Lá na outra escola, eu tenho que sempre estar me informando sobre os vários vestibulares...Isso é bom porque te recicla também sabe. O pai que coloca um aluno naquela escola, ele procura isso também.”...<u>Ainda reforçando essa fala:</u>          “Lógico, certo. Porque, por exemplo, até seu jeito de tratar o aluno, seu jeito de corrigir a prova, até seu jeito de incentivar o aluno</p>	<p><u>lecionar é revelador de vínculos.</u>  <u>Ao ser perguntado sobre se é professor universitário,</u>  <u>explica que não e já inicia uma fala comparando as duas escolas confessionais em que trabalha fazendo, nessa fala várias atribuições à escola em questão:</u>          “Não é cursinho, e mais uma outra escola confessional católica. Só que a confessionalidade dessa outra escola, ela não é muito acirrada. Ela é um colégio que apesar de sua confessionalidade, realmente, o foco lá, principal, não é assim, <b>digamos a formação moral</b> do aluno ou a <b>formação espiritual</b> do aluno. Não é uma escola</p>	<p>passagem dela aqui. Na primeira passagem, eu estava extremamente desanimado, eu peguei uma época em que eu cheguei a pensar em sair dessa escola. Eu não tava legal, tinha indisciplina na sala de aula, ninguém ligava mais para conteúdo, eu não me sentia mais útil. Essa diretora, ela resgatou, trouxe novamente a importância do professor dentro da sala de aula. Daí ela saiu novamente e vieram outras gestões. e agora ela</p>		
--	--	---	---	--	--

aquilo, você acaba, querendo ou não, passando um pouco de você para ele. Você acaba sendo modelo para ele. E o aluno lá da outra escola, que está acostumado com esse jeito meio paulera, Ele é muito carente, ele precisa disso, se não, não agüenta, né.”

Atual gestão confia em seu trabalho:

“Nessa atual gestão, porque eu já passei por várias gestões, só tenho a agradecer. Porque confiam no meu trabalho, sempre me incentivaram.”

Quando questionado sobre o que mudaria na instituição, nos superiores...sua resposta revela uma pertença muito forte:

“Eu acho que o colégio ta no

que deixa muito claro que é **importante resgatar ou preservar alguns valores cristãos.** Lá o foco realmente é o vestibular. É um colégio mais voltado para fazer um marketing em cima de ENEM...tantos alunos foram aprovados no ENEM...por aí.”

Ao falar sobre a confessionalidade da escola, afirma:

“Então, de um tempo para cá ela influenciou mas, digamos, assim, de uma maneira democrática, justa; Por exemplo, as questões ligadas À instituição. Hoje a instituição não tem vergonha de chegar e dizer que é uma instituição presbiteriana. Hoje, a instituição é criacionista. No livro

retornou de 2005 para cá. Digamos que de 2001 para cá, o calor de querer dar aula nessa instituição já voltou. Houve uma época maravilhosa de 87 a 96; depois teve uma época desastrosa de 96 até 2000; e de 2001 até agora está ótimo.”Ainda sobre esse assunto, uma fala muito importante, reveladora de crise identitária profissional: “Eu fiquei traumatizado com essa época. Eu entrava na sala de aula e não sabia mais o que

caminho certo. Eu trabalho num lugar, outro colégio confessional, né, que é o sexto lugar no ranking do ENEM. Essa instituição aqui também se preocupa com isso e está no caminho certo. Mas eu acho também que essa escola não tem que se descaracterizar. E hoje, tem muitos pais falando isso também.”

Quando questionado sobre o fato de ser católico praticante em escola presbiteriana, afirmou que não há dificuldades. Revela pertença e atribuição.

“Então, essa coisa que tem no presbiterianismo, isso me atrai. Agora, por outro lado, eu sou...a minha família...

de biologia, você não vai encontrar a posição criacionista, você vai encontrar apenas a visão evolucionista.

Então, o colégio não proibiu de se dar a evolução. Ele pediu para que os professores de biologia e outras áreas mostrem para os alunos, também, que existe outra posição e que é essa a versão que a escola defende.

Eu não vejo isso como uma interferência. Eu vejo como justo. Se eu trabalho por exemplo num local que é confessional e que tem esta filosofia; que tem esta visão das coisas, o profissional que vem aqui trabalhar, ele tem que respeitar essa visão. E eu acho

fazer...o que eu devo fazer.”  
Essa fala, além de revelar a crise identitária, revela que a instituição é parte importante na configuração identitária do profissional.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>todos, né, é católica. Toda a minha família ali é católica. Católica de freqüentar igreja. Eu também né. Então..se você pegar por exemplo, o culto de um e o culto do outro, é diferente. Mas, a mensagem é igual. Sabe, quer dizer, são duas formas de passar a mensagem de modos diferentes. Mas o conteúdo, o valor cristão, as questões relevantes são as mesmas. Então, eu não tenho muito conflito. Agora, o que eu notei também... é assim, eu tenho aspectos assim, às vezes, o jeito de um e de outro é um pouco diferente. Então, ta na cara assim, que eu não sou presbiteriano. Mas, olha, eu me sinto super respeitado</p>	<p>que é justo o aluno saber as várias vertentes. Por exemplo, na semana passada, teve aqui um simpósio sobre Darwinismo, sobre Design Inteligente e sobre o Criacionismo. Então, eu acho que isso é uma discussão democrática. Antes, isso não tinha muito, sabe. Antes, ninguém se importava na verdade, né. Era assim meio, tanto faz. Hoje não, hoje a escola quer mostrar para o público qual é a sua cara. Então, eu vejo isso com naturalidade.</p> <p><u>Atribui à escola a confiança no trabalho do professor e o oferecimento de liberdade para que</u></p>			
--	--	---	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

aqui dentro. Nunca ninguém chegou e me corrigiu, sabe. Tipo, você não pode gostar de Beatles...coisa assim...Nunca teve aquele conflito. Os jeitos são diferentes, mas eu nunca me senti desrespeitado, sabe assim, o pessoal sabe que não sou presbiteriano, pessoal sabe até que meu jeito de falar, meu jeito meio hippie, né? Então, nunca me senti desrespeitado.”

Perguntado sobre como trabalha os conteúdos em harmonia com a filosofia d escola, responde que não impõem ao aluno nem a visão dele nem da escola. Coloca as questões com maior neutralidade possível para que o

o mesmo desempenho o trabalho:

“Eu acho que é inegociável, não pode ter é uma intromissão no trabalho do professor dentro da sala de aula. A instituição tem que dar crédito ao professor. Em princípio, o professor não pode ficar muito preso a um determinado script. Ele tem que ter a liberdade de improvisar, de conduzir a aula do jeito que ele achar melhor. Então, acho que isso é inegociável.”

Ainda sobre a relação católico-presbiteriano, atribui à escola o fato de que oferece liberdade de trabalho:

“Eu acho que é aquilo que te falei: não ficar

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p><u>aluno se posiciona:</u> “Então, antes de mais nada, primeiro você tem que respeitar o lugar em que você trabalha. Segundo, eu nunca coloco os meus valores como sendo os valores....O aluno pergunta : “professor, e você? O que acha das células-tronco embrionária? Qual é a sua opinião?” “Que partido é o seu?” “Você é Criacionista ou Evolucionista?” E, eu não respondo esse tipo de pergunta. Eu falo assim: obviamente que eu tenho as minhas opiniões, né? Mas, minha opinião agora não é importante. O que eu faço é assim: existe célula-tronco embrionária, existe célula-tronco adulta, célula tronco ....agora, que tem</p>	<p>engessado. O professor, quando entra na sala de aula, tem que ter a liberdade de dar sua aula como achar melhor. Ele tem que ter uma credencial para poder desenvolver o conteúdo do jeito que achar melhor.”</p>			
--	--	--	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>que escolher, se está certo ou se está errado, é você. Então, não me sinto autorizado a dar minha opinião pessoal.... Então, você pode passar valor, religiosidade sem falar para eles de que religião que você é.”...</p> <p>“Então, eu vejo dessa forma. Mesmo dentro de casa, apesar de eu ser católico, eu não obrigo meus filhos a irem à igreja. Na igreja católica tem lá a primeira comunhão. Eu chego e pergunto, “você quer fazer? é assim, é assado...”) Então, eu tenho essa postura também dentro da sala de aula. Eu não coloco minha opinião, mas eu provoco o aluno. e eu acho que isso é religiosidade também. O jeito que</p>				
--	--	--	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	“você trata o aluno, o jeito que você dá aula em si, o jeito que você explica, ser solidário. Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. e isso é cristianismo.”				
--	---	--	--	--	--

Imagem 1- Eu vejo assim, várias coisas né, por exemplo, A procura de ajuda, parceria, a idéia de que você não consegue fazer as coisas sozinho, que você vai precisar de ajuda, vai precisar de conforto. O homem não foi feito para ser um organismo isolado. Ele precisa sempre de ter fé. Voltar-se para o outro; transcender.

Imagem 2 - Também, a mesma coisa. Eu acho que é assim, né, Eu penso que as vezes a gente passa por dias difíceis, chuvosos, Mas se você se esforçar vai encontrar janelas e portas abertas para algo melhor. Sempre vem alguma coisa boa depois da tempestade Abertura para o novo, para o outro.

Imagem 3- Tranqüilidade, paz, bem-estar

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE I PROFESSOR 5					
Caracterização	Pertença profissional	Atribuição à escola	Crise	Valores	Sentido da profissão/ vida
<p>Professora de Biologia. 20 anos de magistério. 17 anos de experiência com escol confessional. 8 anos na escola sendo pesquisada. Já atuou no ensino universitário. Sempre foi uma aluno dedicada, estudiosa. Afirma que sua socialização foi em cima de seu rendimento. Não era boa em esportes; queria se destacar nos estudos. “Tinha como meta estar entre as melhores.” “O pessoal sempre sentava perto de mim para pegar uma carona no meu conhecimento. E no Fundamental 2</p>	<p><u>Falando sobre si:</u> Na verdade, a princípio, eu não tinha planejado ficar só no ensino porque eu gostava da área de pesquisa também. <u>Dar aula foi o que acabou fazendo enquanto não iniciava carreira de pesquisa:</u> . Então, acabando a faculdade, eu já tinha orientador pro mestrado e tudo, mas eu tive que parar e estudar um pouco pra fazer um exame. Porque na época era assim, se você não dominava (língua estrangeira), você não passava. E foi nessa que eu comecei a trabalhar e dar aula como professora. ; então, como eu comecei a trabalhar, ...e aos poucos, eu</p>	<p>E no meu cadastro de escola eu coloquei que o porquê dessa escola era pela confessionalidade. Inclusive, quando eu mandei o currículo para essa escola eu fazia seminário teológico, estava no 2º ano de seminário teológico. <u>A escola dá preferência a professores cristãos.</u></p> <p>“No EM, mesmo na 1ª série, existe uma pressão em relação ao vestibular. Nós somos muito cobrados na aprovação dos nossos alunos. Então, isso requer, muitas vezes conteúdo. À parte do discurso politicamente correto da</p>	<p><u>Mãe com câncer na 8ª série. Se converteu no 3º ano EM em função de colegas que a levaram à igreja. Mãe ainda vive. Deus a chamou antes da universidade, opinião dela de que não teria se convertido depois de ter entrado na universidade, pois seria uma carga de evolucionismo muito grande.</u></p> <p><u>Saída da outra escola. Foi difícil; sofreu pelo vínculo afetivo que tinha. Crise parece interferir na maneira como faz atribuições a</u></p>	<p>↪ Revela necessidade de reconhecimento; ↪ Honestidade: Eu tenho alguns valores que pra mim é muito importante não quebrar esses valores. Não, eu prefiro o prejuízo a mexer nos meus valores. Então, nesse aspecto, algumas coisas para mim são muito fortes. Especialmente nessa questão financeira, de honestidade, mas algumas coisas também, eu percebo que ir contra um valor meu me machuca muito.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Sucesso no que faz;</u></li> <li>• <u>Postura do professor;</u></li> <li>• <u>Responsabilidade</u></li> <li>• <u>Pontualidade</u></li> <li>• <u>Vínculo com pessoas</u></li> <li>• <u>Faz diferença entre fé e prática de vida e valores</u></li> </ul>	<p>“porque a gente tá tentando fazer esses alunos dominar aqueles conteúdos com que vão se defrontar no vestibular.” <u>Revela que volta-se para o que entende como sucesso do aluno.</u></p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

<p>e no EM, (que eu não era evangélica) o pessoal me pedia pra passar cola mesmo. Eu tinha sempre a meta de ta entre os melhores, ne. Era uma coisa que me trazia satisfação de ta entre os melhores.” Identificou-se muito com professora de ciências...”o que consolidou minha inclinação para a biologia.”</p>	<p>fui perdendo...porque eu continuei no estagio de aperfeiçoamento mesmo depois que eu conclui a faculdade, aí eu fui dar aula em uma universidade, só que aos pouquinhos eu fui me desligando da universidade e me desligando da pesquisa e acabei ficando só com a educação básica mesmo. <u>Mas, revela perfil para ensinar:</u> Da minha turma na universidade, com certeza eu era uma que ia acabar dando aula porque eu era, era nítido isso no meu perfil...de ensinar, sentar e explicar pros meus colegas na faculdade que tinham mais dificuldade. Mas eu tinha um</p>	<p>formação, isso fica num plano secundário, terciário,” <u>A escola cobra vestibular</u>  <u>A escola pede determinadas posturas:</u> É. o que a escola pede mesmo é que se passe essas coisas mas não como a prioridade. Então, eu não monto uma aula pensando nisso. Isso vai surgindo à medida que o assunto permite e eu acho assim, a referência que o aluno precisa da postura do professor. Isso é uma coisa que ele tem que passar naturalmente. Então, a questão do respeito a questão da responsabilidade. Então, eu sempre cobro do meu aluno</p>	<p><u>essa escola em relação à confessionalidade?</u></p>	<p><u>cristãos.:</u> Na outra escola, por exemplo, era muito comum quando uma pessoa tava em dificuldade, pedir oração; isso não acontece aqui no grupo, como grupo. Às vezes, alguns colegas individualmente sabem que você tem a mesma fé e acabam pedindo oração. Mas, isso é no pessoal, isso não acontece no grupo. Não existe esse lado de se pontuar...oh gente, vamos orar por essa situação...isso não existe no grupo.</p>	
---	---	---	---	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>sonho de ficar na universidade também, no sentido de que você pode conciliar a pesquisa com o ensino. Mas, acabei voltando só pra educação básica..e agora, o retorno para uma pós-graduação fica sempre mais difícil. <u>Parece haver uma certa frustração nesse aspecto. Talvez a identificação com o ensino básico não tenha tido um início positivo?</u></p> <p><u>Sua fala me leva a perguntar sobre seu sonho para o futuro: . Antes de aposentar, voltar mestrado...</u></p> <p>Só que eu preciso de um espaço pra ir atrás. Vou ter que voltar a estudar uma língua estrangeira., não sei se eu chagaria assim a um</p>	<p>a questão da responsabilidade. Eu digo olha pra mim. a questão da pontualidade, de compromisso. Então eu acho que posso exigir porque faço. Como diz,...não é a priori...não é o foco prioritário mas vem paralelamente.</p> <p><u>Escola apóia e respeita:</u></p> <p>Ela disse, eu fico de mãos atadas nessa situação. Eu já num estava bem, as lágrimas começaram a escorrer. Ela foi muito gentil e delicada. A gente tava conversando baixinho, . Em nenhum momento, mesmo quando ela falou, você me deixa de mãos atadas, ela foi indelicada. Então a minha experiência é de um tratamento</p>			
--	--	---	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>doutorado ou a uma livre docência, mas eu quero ensinar no ensino superior e também me envolver mais com a pesquisa. Mas, minha pretensão é que daqui a dez anos também continuar ensinando no ensino básico, talvez algumas aulas na universidade também, mas eu não penso de romper com a educação básica. <b>Eu gosto de trabalhar.</b> E, prefiro os adolescentes até um pouquinho os mais velhos, eu diria de 13 anos em diante.</p> <p><u>Revela que não se vê apenas no EB a vida toda. Há desejo de outra carreira de ensino, em outro status, talvez.</u></p> <p><u>A primeira escola</u></p>	<p>muito respeitoso, considerando se está tudo bem com você. Eu vejo assim, todas as experiências eu tenho tido com aluno, por uma dificuldade minha, há uma tolerância e um apoio muito grande. Problemas pessoais etc. meu pai ficou muito doente, eu tinha assim uma acolhida muito boa das coordenações e das orientações.</p> <p><u>Grupo solidário, Apóiam-se nas dificuldades.</u></p> <p><u>A escola tem aumentado su prática da confessionalidade:</u></p> <p>Eu fiquei alguns anos com uma diretora da escola que não era evangélica, já tive coordenadores que também não eram</p>			
--	---	---	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

que mandou o currículo, após formada foi uma escola confessional. A escola em que trabalha agora (da pesquisa) também foi procurada por ser confessional evangélica, com mesmo perfil da primeira escola. “De todas as escolas que eu mandei o currículo, eu tinha consciência que eu preferia essa (2ª escola) por ser confessional”

### Mistura atribuição e pertença:

“Então eu entreguei o currículo nas escolas particulares da região, que tinha o perfil de escola que eu estava acostumada a trabalhar, mas eu gostaria que fosse nessa escola que eu estou por ser uma escola confessional. Aí por

isso vai excluindo a proposta da instituição, porque esses cargos chave, digamos assim, é importante que eles estejam sendo ocupados por pessoas que tenham a mesma visão da instituição. Isso ficou muito diluído aqui, antigamente. Era difícil para alguém que tá no cargo desses ter uma postura que não é a prática deles. ...

Então, existia um respeito muito grande, mas não era a prática deles. Então, ele não sabia o que fazer em algumas circunstâncias. Mas nunca senti nenhum tipo de desrespeito à confessionalidade.

Acha que não é trabalhado suficientemente

## Tornar-se professor em uma escola confessional

fim deu certo. De todas as escolas que eu mandei, nenhuma me chamou. A que me chamou foi justamente esta daqui. Então, isso pra mim foi importante. Porque, a minha área é muito frustrante você ter que apresentar um conteúdo que exclui Deus de todo o processo e não ter a oportunidade de citar que existe uma outra possibilidade de interpretação. E, uma escola que não seja confessional, isso é praticamente vetado para o professor, inclusive os alunos, eles sempre perguntam e você tem oportunidade de colocar o que você crê, o que você pensa sem pensar que você está indo contra a regra da

ainda: houve um relatório de avaliação das funções todas (coordenação, orientação...) havia um item que falava em relação à confessionalidade da escola e eu coloquei que isso não é trabalhado, isso fica muito nas entrelinhas, então, ninguém acompanha como isso é trabalhado nos nossos conteúdos, ninguém dá uma orientação para isso. Por isso que eu falo que na prática, a gente não aborda o quanto poderia esse assunto.  
Essa fala reforça os depoimentos de outros professores que revelam que é a prática que faz a diferença.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

escola”.

Ao falar sobre suas aulas:

Eu sou aquela professora um tanto quanto conteudista. (risos). Então é a gente soca um monte de conteúdos, sacode um pouco e soca mais um pouquinho. (explosão de risos nossos). Eu não sou uma pessoa extremamente criativa, então, minha aula ela segue mais ou menos um padrão.

Alguns laboratórios, práticas, que geralmente os alunos gostam muito. Agora, como a nossa carga horária geralmente é muito resumida.. a gente acaba não dando conta do conteúdo.

Sabe, a gente nunca vai conseguir dar mesmo todo o

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>conteúdo mas a gente é sempre inquirido nesse aspecto...o aluno que vai prestar para alguma área biológica cobra os conteúdos do vestibular ou programa de algum curso que ele vai prestar...Então, existe uma pressão. ... Então, aqueles conteúdos que a gente sabe que seriam mais interessantes para a vida deles, nem sempre são os mais importantes para o vestibular. A gente sabe que ele vai avaliar a gente, no final das contas, o próprio aluno, pelo resultado lá na frente.</p> <p><u>Essa fala revela sua pertença e seus valores. Primeiro: ela não quer ser avaliada como não tendo conseguido; o sucesso é</u></p>				
--	---	--	--	--	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

importante para ela.  
Em segundo lugar,  
seu critério de  
honestidade a leva  
a sentir que tem  
que cumprir ao  
máximo tudo que se  
apresenta para o  
aluno e pai.

Ao mesmo tempo,  
revela-se  
preocupada com o  
aluno, com o que  
ele precisa para  
obter sucesso:  
“porque a gente ta  
tentando fazer  
esses alunos  
dominar aqueles  
conteúdos com que  
vão se defrontar no  
vestibular.”

Atribuição e  
pertença misturam-  
se:

Mas eu me sentia  
assim: “é a minha  
casa, a gente quer  
a mesma coisa.” Eu  
vejo assim, não  
está ligado à minha  
denominação, mas  
eu me sinto como  
se fosse algo que é

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	nosso.				
--	--------	--	--	--	--

Imagem 1 e 2- *Eu sempre tenho uma leitura dessa imagem. Parece-me que Deus está se esforçando muito mais, está numa posição de muito mais alongamento para tentar tocar o homem. O homem está numa posição muito mais relaxada, até se inclina na direção mas sem muito esforço. Acho que na prática é mais ou menos isso mesmo, nosso esforço é muito menor do que o de Deus para nos alcançar. Revela sua auto-exigência forte. Eu sempre tenho uma leitura dessa imagem. Parece-me que Deus está se esforçando muito mais, está numa posição de muito mais alongamento para tentar tocar o homem. O homem está numa posição muito mais relaxada, até se inclina na direção, mas sem muito esforço. Acho que na prática é mais ou menos isso mesmo, nosso esforço é muito menor do que o de Deus para nos alcançar.*

Imagem 3 - *Para mim essa imagem não me passa a idéia do vento, do sopro, primeiro, pra mim ela está um pouco fora de foco. Eu me imagino olhando para fora dessa janela sem óculos, é exatamente assim que eu vejo sem óculos. É uma paisagem muita fora do meu contexto do dia a dia. É muito mais férias em um lugar paradisíaco. Realmente, a gente trabalha, trabalha, trabalha, esperando as férias. Mas na realidade, as férias só têm valor porque eu tenho um lugar bom de trabalhar.*

Imagem 4 - *A luz que ...a gente trabalha com o conhecimento trazendo luz para as pessoas. Apesar de em alguns momentos a gente não dar muito valor para essa luz. A ausência dela é que dá mais significado pra ela. Apesar de ser um ambiente sombrio, uma construção mais antiga, a janela tem vitrais que já filtram um pouco a luz, essa janela de destaque que entra muito mais luz. Então o que permite que se perceba toda essa estrutura é justamente a luz. Você só consegue discernir a partir da luz. A gente só tem discernimento quando a gente tem conhecimento. Então, apesar de muitas vezes os alunos questionarem: porque que eu tenho que saber essas coisas . Na verdade, a gente só discerne quando a gente tem conhecimento, mesmo que pequeno, é ele que me permite perceber e entender as coisas. Quanto menos eles tiverem de conhecimento, menos percepção e discernimento eles vão ter. Conhecimento é importante para ela e ela se volta para os alunos dessa maneira. Fica evidente isso nas falas dela. É nesse aspecto, o de colocar luz para o outro que ela vê o sentido da vida dela. Creio que se evidencia seu desejo de avançar na pesquisa...no conhecimento mais concreto das coisas.*

## **ANEXO 2 QUADRO DE ANÁLISE DA DIREÇÃO E COORDENAÇÃO**

## Tornar-se professor em uma escola confessional

COORDENAÇÃO/DIREÇÃO		
	Diretora	Coordenadora
Perfil	<p>26 anos de experiência; trabalhou em outras escolas, públicas, rural, confessional, também; estudou em escolas públicas sempre; 2ª vez na escola em questão, está há 5 anos.</p> <p>Formada primeiramente em letras e, depois, em pedagogia; é evangélica praticante.</p>	<p>20 anos de experiência; trabalhou em escolas não confessionais, sempre particulares; estudou sempre em escolas públicas; primeira formação foi em pedagogia, 2ª faculdade em letras, pois achou que não se sustentaria em pedagogia.</p> <p>Na escola em questão, está há três anos, dois últimos foi na coordenação pedagógica junto com sala de aula; atualmente só com sala de aula; é evangélica praticante.</p>
Filosofia da escola	<p>Primeiramente, é buscar a excelência acadêmica. Não acredito numa escola que não exija o máximo do aluno e que não dê a ele a possibilidade de produzir o máximo que ele</p>	<p>Olha foi um desafio muito grande, a escola é grande são 60 professores, são duas unidades: ensino fundamental e ensino médio com realidades muito distintas. Eu peguei orientação pedagógica no período em que a escola precisava de uma visibilidade ativa, porque ela foi caindo o seu desempenho, então, foi um desafio imenso. Por outro lado apesar de todo trabalho foi gratificante por foram 2 anos</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>pode e, dar o encaminhamento cristão, ou seja, inserir a escola e todo o trabalho do professor, o trabalho do aluno dentro de uma visão cristã. Esse foi o grande desafio. O ( colégio) foi criado como escola confessional, a sua proposta baseada nos princípios bíblicos e cristãos e houve um tempo em que não estava muito claro. Quando eu assumi a direção, o desafio era esse. Ter uma escola cristã realmente, cristã nos seus fundamentos, nos seus pressupostos e cristã no seu funcionamento. E o cristão tem que fazer o melhor, porque ele não faz pra ele ou a algum grupo a quem ele segue, mas ele faz pra Deus, e é isso que eu entendo. Escola cristã é a</p>	<p>de muita dedicação e muitas vitórias também. Foi difícil no começo ganhar a confiança dos professores, mas em pouco tempo eles perceberam a seriedade, e começaram a aceitar um pouco mais as orientações que a escola estava impondo a isso, e o resultado veio, em pouco tempo nós começamos a observar o crescimento dos alunos, o desempenho da escola, as estatísticas melhorou consideravelmente é uma tarefa muito complicada porque você dirige e ao mesmo tempo tem autonomia. O orientador pedagógico está sob várias autoridades e ao mesmo tempo ele tem que dirigir os professores, e é complicado.</p> <p>Eu assumi a orientação pedagógica em pouquíssimo tempo que eu entrei na escola então, o que os professores viam é que então não se falava da importância de um aluno ter se saído bem num vestibular. Era mais uma linha voltada para como indivíduo, como cidadão, então não tinha essa visão. Temos que preparar o aluno para prestar esse monstro chamado vestibular.</p> <p>Mudou bastante nesses últimos 2 anos, além disso foi necessário mostrar para os professores que nós estávamos adicionado uma função a mais porque a formação como cidadão tinha que continuar, então, não foi abandonada essa outra área pela</p>
--	---	--

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>melhor, e a que tem os alunos melhor preparados, que tem os professores mais competentes, ela tem que ser a melhor.</p> <p>Primeiramente, pelo retorno de pais de alunos, pelo resultado dos alunos nas provas, nos concursos, nos vestibulares, no ENEM, pelo comportamento dos alunos nos momentos de ajuntamento você vê a mudança, você vai atendendo um pai aqui ou ali e ele vai dizendo: “Mudou, podemos ver a escola diferente, meu filho está estudando...” ,quando você comprova que vestibular no último ano temos 50% de aprovação isso prova que houve trabalho.</p>	<p>contrário, ela teve que se manter muito firme, mas se preocupar também.</p> <p>As vezes que eu tive oportunidade para conversar com eles sobre esse assunto eu mostrava a importância de qualquer paradidático a escolher, você pode trabalhar com um aluno questões morais, atitudes, relacionar isso com o que Deus requer de nós cidadãos e tudo mais. Sempre que eu tive a oportunidade mostrava para eles o outro lado. Na área de ciências era muito complicado para eles a cosmovisão porque eles têm que ensinar todas as teorias e ao mesmo tempo também ensinar o criacionismo, mas muitos deles não crêem nisso. Entendeu? Aqueles professores que trabalham numa escola confessional e que não são evangélicos, existe um conflito. Ano passado, aconteceu uma coisa interessante, após a semana pedagógica que a Diretora fez uma palestra, depois o doutor (...)falou, nós tínhamos uma professora de português em que ela escreveu uma carta para coordenação e direção e passou uma cópia também pra mim falando da angústia dela, talvez, não fosse o caso dela sair da escola mas ela não cria naquilo, ela foi de uma ética extraordinária, nós percebemos que muitos aceitam para não perder o emprego. É difícil a relação de manter uma escola</p>
--	--	---

## Tornar-se professor em uma escola confessional

		confessiocional com uma professora que não tenha a mesma visão que a escola.
Atribuições ao professor	<p>É inegociável a competência acadêmica e a ética. Não dá pra abrir mão disso. Outras coisas agente pode conversar, buscar juntos, mas a ética e a competência acadêmica não.</p> <p>Primeiro que a gente sabe que não é simples e às vezes não tem acontecido, mas o trabalho é sempre no sentido de fazer o aluno pensar, dar a ele todos os instrumentos necessários para que ele aprenda, exigir dele o máximo e ser modelo. Cumprir as suas obrigações e os prazos, ser gentil, educado, respeitar o</p>	<p>Para alguns professores teve uma resposta que eles queriam, pra outros foi um peso porque eles estavam acomodados naquela situação. Eu comecei a orientação pedagógica no primeiro contato com eles passando vídeo daquele livro Quem mexeu no meu queijo, então, eu já fui sentindo que alguma coisa iria mudar. Por isso que para alguns professores foi um peso muito grande, mas depois entraram no esquema.</p> <p>A postura dele de responsabilidade na transmissão do conteúdo ele tem que ter em mente essa responsabilidade. A postura dele na formação do aluno, ele tem que ter em mente que ele é exemplo em todos os momentos. Nós temos o que chamamos na pedagogia o que chamamos de currículo oculto, aquilo que nós passamos quando nós não estamos ensinando. E a responsabilidade dele em cumprir as regras da escola, se a escola tem um cronograma, uma regra a ser cumprida, o professor tem que ter em mente todos os detalhes, para que quando ele fale alguém vai ter que fazer por ele. Então, esses três itens para mim são inegociáveis,</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>aluno.</p> <p>Na postura do professor mais do que no versículo bíblico ou no culto que possa fazer é a postura do professor com o aluno que vai mostrar que é uma escola séria, comprometida com a formação do ser humano.</p>	<p>o conteúdo a ser transmitido, a postura dele com o professor ele esta formando indivíduos e a postura dele em cumprir regras.</p> <p>Mostrando para eles que tudo que eles exigiam dos alunos tinha que estar muito claro o aluno tinha que entender o professor falando, e tinha que estar relacionado com a aula que foi dada. Não adianta o professor ser exigente na prova se não foi exigente na sala de aula, além disso, trabalhava muito com eles a importância de variar a metodologia, é muito difícil porque muitos professores eles tem uma metodologia constante, seja lousa, seja multimídia, então, mostrar para eles que o aluno hoje esta assistindo televisão e que ele cansou, ele muda, se está no computador e cansou ele muda a tela e hoje o professor ainda não criou essa visão de que o nosso aluno mudou e que nós também temos que mudar pra que ele não se canse e aprenda.</p> <p>E muitos professores não têm a capacidade de fazer o aluno ler a matéria dele, pensar sobre a matéria dele. Os exercícios, as questões de prova são simplesmente operatórios. E eu lutei muito nesses dois anos para mudar essa prática, consegui com muitos, mas alguns foram resistentes, porque creem que o que importa não seja isso. Não estou querendo dizer que decorar não é necessário, muitas disciplinas a decoreba faz parte, mas não é só isso.</p>
--	---	---

## Tornar-se professor em uma escola confessional

		<p>Pra ser sincera eu acredito que grande parte, vamos dizer, quase todos, não entendem ainda o que é cosmovisão cristã. Eles têm em mente mais o que não pode do que o que deve, certo? Então eles chegavam pra mim com um livro paradidático e falavam “(...) esse livro pode?” Então a idéia é muito mais tomar cuidado com o não pode.</p> <p>Em relação ao conflito que vivem com a cosmovisão, filosofia da escola relata que:</p> <p>Bloqueador, eles morrem de medo de perder o emprego , então, assim, comigo eu era uma pessoa mais próxima.</p>
<p>Atribuições próprias</p>	<p>Em relação aos professores eu entendo que como diretora é a de definidora, quem define o rumo da escola. E como o rumo da escola em última análise acontece dentro da sala de aula, diretor e professor têm tudo haver, o diretor planeja, sonha, monta um projeto de</p>	<p>Olha eu tinha consciência de que eu tinha que fazer muita coisa e não tinha muito tempo de fazer tudo que eu tinha pra fazer. Mas a minha relação com eles, em primeiro lugar era de organizar o eles na etapa. Certo? A escola tem uma série de exigências de ações que tem que tomar e não tem pessoa acima organizando isso para eles, eles se perdem. A minha primeira ação era essa organizar como eles atuariam ali durante aquela etapa, um cronograma, tudo o que eles precisavam fazer, o que precisavam entregar, tudo certinho para eles não se perderem. Em segundo lugar eu trabalhava muito com eles</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>escola, mas ele sozinho não realiza nada, para executar o projeto é o professor. Então, o diretor tem que acompanhar, ainda que não tão próximo. Tem que acompanhar o trabalho e a postura do professor e ver se o encaminhamento que está sendo usado em sala de aula é aquele que está sonhado, está projetado.</p>	<p>no sentido de avaliar a atividade que eles davam para os alunos, as provas que eram ministradas.</p> <p>Era um trabalho de organização e acompanhamento constante com eles.</p> <p>Sim, eu tiraria porque eu acho que não são funções de orientadora, como por exemplo, alimentar página, quando as atividades são propostas, acho que a minha função era fazer a coisa acontecer, mas acontecida, outra pessoa tinha que publicar para divulgar. Eu incluiria assistir mais aulas com meus professores, porque quando você assistiu a aula você tem condição de atuar um pouco mais.</p>
<p>Relação com professores</p>	<p>O relacionamento é muito bom, porém não é tão constante quanto eu gostaria em função das atribuições todas que eu tenho e o tamanho da escola e quantidade de assuntos a tratar sempre, então não é possível estar tão junto sem que a própria estrutura física da</p>	<p>Recebia com certa satisfação por perceber que tinham alguém cuidando do trabalho, mas alguns eram resistentes, tinham em mente “eu sempre fiz assim porque alguém quer mudar?”. Muitos, quase todos, mesmo não gostando obedeciam, mas tinha dois ou três que eram resistentes até mesmo a questão da obediência.</p> <p>Olha com a equipe administrativa em especial a coordenação, há uma certa rivalidade, em especial no ensino médio, uma relação</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>escola não favorece isso mesmo porque vou no horário de intervalo conversar com os professores num espaço só, ficam dois sem serem alcançados. Eu planejo no outro dia e no outro acontece alguma coisa e eu não vou então a estrutura física e a quantidade impossibilita que seja um contato direto, mas eu gosto de estar com eles sempre que possível, início de ano letivo eu estou com eles e no final de ano letivo eu estou com eles, durante o ano gosto de participar de algumas reuniões de HTPE lá com eles e sempre que possível no dia-dia frequentar as unidades, conversar e, quando eles têm projetos interessantes eu gosto</p>	<p>de medo é complicada a relação. Com a direção a relação é muito distante eu posso quase dizer que não tem relação. E muitas vezes eles vinham à orientação pedagógica com suas angústias e eu não podia fazer nada porque aquela não era a minha função mas ao mesmo tempo aquilo me angustiava porque aquilo atrapalhava o pedagógico. É uma relação difícil.</p> <p>Eles esperavam que eu lutasse por eles, mostrasse problemas que eles enfrentavam que dificultava o trabalho deles. Muitas vezes eu tive isso, mas quando chegou o final da minha atuação eu cheguei a conclusão que não dava mais.</p> <p>Eu recebi muitos professores em minha sala agradecendo falando que o trabalho tinha sido muito produtivo e que muitas vezes quando eles estão passando pelo processo são como alunos em relação com o professor que eles tinham eles brigam, mas quando passa eles viam que foi produtivo, que cresceram. Eu recebi muitos professores na minha sala com esse discurso falando esse agradecimento. Semana passada eu recebi e-mail de dois professores, dizendo que estavam felizes com o resultado dos alunos no vestibular e que eles reconheciam que o crescimento só ocorreu porque nos últimos dois anos a orientação pedagógica criou um clima pra isso. Isso é gratificante para o trabalho, mas eu creio</p>
--	--	---

## Tornar-se professor em uma escola confessional

	<p>de parabenizá-los e dizer que estou acompanhando, então, eles sabem que mesmo não tão próximo, praticamente eu acompanho o trabalho de cada um.</p>	<p>que a forma como realmente a gente vê a mudança é quando você vê a prática do professor mudar, quando você vê o professor... ele pode não saber aquilo que você está pedindo mas ele está buscando chegar onde você quer chegar. Eu creio firmemente que a prática dos professores ali pode não ter sido transformada totalmente, mas uma semente foi lançada.</p>
--	--	---

Tornar-se professor em uma escola confessional

## ANEXO 3 CATEGORIAS

QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS – ATRIBUIÇÃO À ESCOLA

Professor 1

Na entrevista que eu fiz, a primeira pergunta foi sobre minha religião. Foi marcante, e ele me explicou o motivo, e me orientou. Passei a conhecer e me aprofundar na história da instituição....Posso dizer que se acentuou a confessionalidade. Hoje há mais projetos de voluntariado e de participação em doações para creches, etc..."

Quanto ao relacionamento com superiores - "Existe colaboração, trabalham a nosso favor. Passamos tudo que eles possam usar para nossa ajuda e acompanhamento do aluno. ...mudanças em questões burocráticas: horários, calendários...."

Essa escola tem carisma...ela marca a pessoa."

"Antigamente, o nome dessa instituição era mais forte na comunidade." Atribuição ligada à pertença...disciplina é valorizada...escola era mais forte?

Provas unificadas - é um valor grande para ele. Afirma como algo que não mudaria.

Professor 2

Eu fiquei muito contente. Porque, eu tive que vir dar Recuperação Final. Aí eu pensei, meu Deus, eu vou cair de pára-quedas, numa escola que eu nunca trabalhei. Mas é de uma organização tão grande. Me esperavam na portaria, aí me mandavam para outro lugar que já tinha outra pessoa me esperando. De lá eu já ia para um outro lugar que ...tava tudo prontinho sabe, muito organizado. As coisas muito detalhadas. A coordenadora muito preocupada em deixar tudo claro. A professora atribui á escola um valor que ela mesma declara em sua pertença: organização, responsabilidade

Olha, eu estou aqui a pouco tempo, então, eu tenho procurado sentir se o meu trabalho está caminhando paralelamente ao que a escola pretende. Então, sempre, quando tenho oportunidade, eu, eu pergunto se o meu trabalho está adequado a contento..

"Então, eu acho que em alguns momentos sim. Eu acho que tem sim. Aqui nessa instituição, eu percebo assim, que as coisas estão em processo. Estão em transformação nesse sentido."...". É concreto. Por exemplo, e algumas falas, de alguns professores e mesmo da coordenação, eu percebo que isso fica muito claro e em alguns momentos, uh, como posso colocar, em alguns momentos eu percebo que fazem questão de falar."...". Os professores de ética cristã também. Eu vejo que deixam muito claro a ideologia."..."Não, não vejo mal-estar porque para eles também, pros professores que não são..não tem essa visão, eles têm noção de que trabalham num colégio confessional e que eles têm que seguir a filosofia da escola, mesmo que, muitas vezes, não concordando ou ..E eu percebo que existe um respeito muito grande de todos os professores, com raríssimas exceções. Mas, respeitam MUITO".Atribuições sobre a confessionalidade da escola

"Postura séria da escola"Combina com a pertença dela, da professora. . "uma postura séria é não é aquela brincadeira que faz de conta que eu estou ensinando e você faz de conta que está aprendendo. É uma postura séria. É o que é. Isso é uma coisa que eu fico admirada de ver. O trabalho sério que é feito."

Professor 3

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Ambiente bom, honesto e transparente:

“ Eu entendo que, de acordo com minha concepção, que é uma relação que não aparenta ser complicada. Acho que é uma relação honesta, no sentido de ser transparente e vejo também como uma relação respeitosa. Eles sabem o que nós esperamos deles e nós sabemos o que esperam de nós. Acho que existe aí um conjunto de perspectivas que vão ao encontro, em comum né?E por isso eu acho que as coisas caminham.”

### Ao falar sobre o trabalho pedagógico da escola, revela atribuições à mesma, que se mesclam com suas pertencas.

“Eu acho que no EM, o 2º ano do EM, já é bem do conhecimento deles toda a filosofia da escola. E, à medida que eu entro em sala de aula e que eu tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que de certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores, eles percebem isso naturalmente. De acordo com a tua prática em sala de aula, não tem muito que discursar ou apresentar aos alunos uma carta de princípios. A postura é uma carta de princípios ativa.”

### Ao ser questionado sobre a forma como toma conhecimento sobre a filosofia da escola, faz atribuições:

“Muita coisa foi passada, apesar de eu já saber mais ou menos o que esperavam, né? Mas acho que 80% é pelo dia a dia. Há uma prática muito em comum entre os professores com os alunos.”

Professor 4

Escola forte

Escola confessional.

“Então, quando eu passei no vestibular e meu pai me ajudou a pagar a faculdade aí eu comecei a entrar mais em contato com os detalhes da história dessa instituição. Por exemplo, com a confessionalidade, com o fato de que não é uma instituição católica. Trabalhando, já como professor, aí sim eu fui me inteirar muito mais da história da escola, né?”

### Ao falar sobre a história da instituição:

“Todo lugar que se frequenta nessa escola, sua história sempre vem à tona. Então, por exemplo, eu fiz curso de pós-graduação aqui, então, os professores nos cursos de pós-graduação, dentro da escola, ou até outros professores convidados, eles sempre falavam e tocavam no assunto da história do colégio.”

“Nas várias e várias reuniões que eu tive com a direção aqui, os diretores sempre falavam da história do colégio. Então, você vai pegando um pouquinho aqui outro pouquinho ali, você vai absorvendo. Alguns professores, principalmente no EF estão a vida inteira aqui, estudaram aqui. Então eles também comentavam. É uma instituição que faz parte da história do estado. ou pelo menos da cidade de São Paulo . Então eu sempre tive contato com a história da instituição. Mesmo sem querer, sabe, vem à tona.”

“Tinha um senhor aqui quando eu estudava, e ele andava pelo campus e toda hora gritava: “Viva o ...” Então, sempre teve um clima aqui dentro de que o ....é um lugar diferente. Isso começa a penetrar, fazer parte da história da gente.”

Revela que a identidade da instituição pulsa forte nas pessoas dentro dela. O próprio fato de revelar que foi convidado por alguém

## Tornar-se professor em uma escola confessional

que já lecionava aqui e que continua a lecionar é revelador de vínculos.

Ao ser perguntado sobre se é professor universitário, explica que não e já inicia uma fala comparando as duas escolas confessionais em que trabalha fazendo, nessa fala várias atribuições à escola em questão:

“Não é cursinho, e mais uma outra escola confessional católica. Só que a confessionalidade dessa outra escola, ela não é muito acirrada. Ela é um colégio que apesar de sua confessionalidade, realmente, o foco lá, principal, não é assim, digamos **a formação moral** do aluno ou a **formação espiritual** do aluno. Não é uma escola que deixa muito claro que é **importante resgatar ou preservar alguns valores cristãos**. Lá o foco realmente é o vestibular. É um colégio mais voltado para fazer um marketing em cima de ENEM...tantos alunos foram aprovados no ENEM...por aí.”

Ao falar sobre a confessionalidade da escola, afirma:

“Então, de um tempo para cá ela influenciou mas, digamos, assim, de uma maneira democrática, justa; Por exemplo, as questões ligadas à instituição. Hoje a instituição não tem vergonha de chegar e dizer que é uma instituição presbiteriana. Hoje, a instituição é criacionista. No livro de biologia, você não vai encontrar a posição criacionista, você vai encontrar apenas a visão evolucionista. Então, o colégio não proibiu de se dar a evolução. Ele pediu para que os professores de biologia e outras áreas mostrem para os alunos, também, que existe outra posição e que é essa a versão que a escola defende. Eu não vejo isso como uma interferência. Eu vejo como justo. Se eu trabalho por exemplo num local que é confessional e que tem esta filosofia; que tem esta visão das coisas, o profissional que vem aqui trabalhar, ele tem que respeitar essa visão. E eu acho que é justo o aluno saber as várias vertentes. Por exemplo, na semana passada, teve aqui um simpósio sobre Darwinismo, sobre Design Inteligente e sobre o Criacionismo. Então, eu acho que isso é uma discussão democrática. Antes, isso não tinha muito, sabe. Antes, ninguém se importava na verdade, né. Era assim meio, tanto faz. Hoje não, hoje a escola quer mostrar para o público qual é a sua cara. Então, eu vejo isso com naturalidade.

Atribui à escola a confiança no trabalho do professor e o oferecimento de liberdade para que o mesmo desempenhe o trabalho:

“Eu acho que é inegociável, não pode ter é uma intromissão no trabalho do professor dentro da sala de aula. A instituição tem que dar crédito ao professor. Em princípio, o professor não pode ficar muito preso a um determinado script. Ele tem que ter a liberdade de improviso, de conduzir a aula do jeito que ele achar melhor. Então, acho que isso é inegociável.”

Ainda sobre a relação católico-presbiteriano, atribui à escola o fato de que oferece liberdade de trabalho:

“Eu acho que é aquilo que te falei: não ficar engessado. O professor, quando entra na sala de aula, tem que ter a liberdade de dar sua aula como achar melhor. Ele tem que ter uma credencial para poder desenvolver o conteúdo do jeito que achar melhor.”

Professor 5

E no meu cadastro de escola eu coloquei que o porque dessa escola era pela confessionalidade. Inclusive, quando eu mandei o currículo para essa escola eu fazia seminário teológico, estava no 2º ano de seminário teológico.

### A escola dá preferência a professores cristãos.

“No EM, mesmo na 1ª série, existe uma pressão em relação ao vestibular. Nós somos muito cobrados na aprovação dos nossos alunos. Então, isso requer, muitas vezes conteúdo. À parte do discurso politicamente correto da formação, isso fica num plano secundário, terciário,”

### A escola cobra vestibular

### A escola pede determinadas posturas:

É o que a escola pede mesmo é que se passe essas coisas mas não como a prioridade. Então, eu não monto uma aula pensando nisso. Isso vai surgindo à medida que o assunto permite e eu acho assim, a referência que o aluno precisa da postura do professor. Isso é uma coisa que ele tem que passar naturalmente. Então, a questão do respeito a questão da responsabilidade. Então, eu sempre cobro do meu aluno a questão da responsabilidade. Eu digo olha pra mim. a questão da pontualidade, de compromisso. Então eu acho que posso exigir porque faço. Como diz,...não é a priori...não é o foco prioritário mas vem paralelamente.

### Escola apóia e respeita:

Ela disse, eu fico de mãos atadas nessa situação. Eu já num tava bem, as lágrimas começaram a escorrer. Ela foi muito gentil e delicada. A gente tava conversando baixinho,

. Em nenhum momento, mesmo quando ela falou, você me deixa de mãos atadas, ela foi indelicada. Então a minha experiência é de um tratamento muito respeitoso, considerando se está tudo bem com você. Eu vejo assim, todas as experiências eu tenho tido com aluno, por uma dificuldade minha, há uma tolerância e um apoio muito grande. Problemas pessoais etc. meu pai ficou muito doente, eu tinha assim uma acolhida muito boa das coordenações e das orientações.

### Grupo solidário,

### Apóiam-se nas dificuldades.

### A escola tem aumentado su prática da confessionalidade:

Eu fiquei alguns anos com uma diretora da escola que não era evangélica, já tive coordenadores que também não eram isso vai excluindo a proposta da instituição, porque esses cargos chave, digamos assim, é importante que eles estejam sendo ocupados por pessoas que tenham a mesma visão da instituição. Isso ficou muito diluído aqui, antigamente. Era difícil para alguém que ta no cargo desses ter uma postura que não é a prática deles. ...

Então, existia um respeito muito grande, mas não era a prática deles. Então, ele não sabia o que fazer em algumas circunstâncias. Mas nunca senti nenhum tipo de desrespeito à confessionalidade.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

Acha que não é trabalhado suficientemente ainda:

houve um relatório de avaliação das funções todas (coordenação, orientação...) havia um item que falava em relação à confessionalidade da escola e eu coloquei que isso não é trabalhado, isso fica muito nas entrelinhas, então, ninguém acompanha como isso é trabalhado nos nossos conteúdos, ninguém dá uma orientação para isso. Por isso que eu falo que na prática, a gente não aborda o quanto poderia esse assunto.

Essa fala reforça os depoimentos de outros professores que revelam que é a prática que faz a diferença.

QUADRO DE ANÁLISE PERTENÇA

Professor 1

"O que me levou a trabalhar aqui foi um convite desse professor (o de física)...Entrei no laboratório de física...daí para dar aula foi um passo...Eu era aluno e passei para o outro lado, a ser funcionário e de funcionário passei a ser professor....Tinha todas as visões da escola." Parece afirmar que não houve questionamentos...aconteceu de virar professor.

"Minha classe de estudos avançados é a mais lotada....Isso é reconhecimento...é gostoso. Isso ninguém paga." -

Reconhecimento profissional dos alunos. Vê-se como professor querido e bom.

Eu amo a sala de aula. ...Sou bem rigoroso nas minhas aulas. Minha classe de estudos avançados é a mais lotada....Isso é reconhecimento...é gostoso.

"Sou disciplinador, cobro, minha formação é antiga. Gosto de disciplina. Claro que tudo tem que ser flexível."

"Não encontro dificuldade para conciliar minha disciplina com a cosmovisão da escola. Eu consigo facilmente...a gente ensina...explica.....mostra a interdisciplinariedade, falo sobre ética, falo sobre cosmovisão, falo da minha matéria sem nenhum problema. É espontâneo da minha parte."

Quanto aos superiores - "Sinto que confiam em mim. Querem que eu resolva determinadas situações. Sempre pedem e procuram e perguntam e eu me sinto valorizado nesse aspecto. A direção sempre me atende...e me ouvem...contam comigo e sempre poderão contar." Sente-se como alguém que é confiável, que atende a instituição nas exigências que fazem a ele e nas características que exigem dele.

Quanto à projeção: Vê-se na instituição - afirma que quer ser aproveitado onde puder contribuir m não abre mão da sala de aula. ...Não abre mão da instituição...isso é inegociável para ele.

Professora 2

Eu tinha vontade de trabalhar aqui."

"Eu acho que o que me atraiu era a questão da confessionalidade. Eu já estava acostumada e pensei em encontrar um ambiente, uma atmosfera parecida. Eu achava legal, poder conti., porque como eu já trabalhei em escolas não confessionais, então, você sente a diferença."

"...Eu percebi que havia uma linha muito próxima ao que eu acredito. Uma linha de trabalho muito próxima ao que eu acredito."

Mescla atribuição e pertença.

"Eu coloco assim, digo que estou em imersão na escola. Risos. Eu to trabalhando nessa primeira etapa. Preparando meu curso ainda. To descobrindo como é que as coisas acontecem. Eu gosto de trabalhar com muito critério, né? Mas, eu não tive tempo ainda para isso."

.."Futuramente? Eu pretendo, eu tava pensando em alguns cursos que são legais para expandir a minha carreira. Penso nessas

## Tornar-se professor em uma escola confessional

coisas, assim, cursos de línguas que eu quero muito fazer. Mas, tudo para o ano que vem, também."..."eu amo a sala de aula."..." Inegociável? ...Eu...Eu acho que é...a minha missão dentro da sala de aula."". A minha missão...assim, por eu ter uma formação evangélica, eu acho que a minha vida ta ligada às pessoas. Então, a minha idéia é ...eu penso num país melhor...eu acho que essa é a minha "porção" dentro da minha profissão. Isso é inegociável."

"Eu acho que foi o tempo que eu já tinha de magistério, também o fato de que, eu senti isso, o fato de o colégio de onde eu vinha ser confessional, o fato de eu trabalhar, e concordar com essa linha. Isso pesou também.

... Eu concordo, porque eu acho que a escola, ela tem que estabelecer uma linha de pensamento entre os profissionais que ela trabalha, dos profissionais com quem ela trabalha e a clientela e a porque se não, vai ser uma guerra o tempo todo. Então eu acho que é legal sim. Aí é claro que isso também uh, tem conseqüências." Fatos que ela coloca que levaram a escola a selecioná-la. Indicam o que acha que são atribuições.

Professor 3

"Eu tinha feito um curso técnico na área de saúde e isso começou a me levar pra área da biologia."

"Eu gostava de dar aula. Como aluno, eu gostava de preparar seminários e apresentar...de certa forma, eu era elogiado quando apresentava seminários. Eu gostava de ajudar, ensinar, eu facilmente comandava uma discussão, né. Então, eu acabei me voltando para essa área."

"Quando eu trabalhei como biólogo, eu trabalhei como educador ambiental...fiquei dois anos sem dar aula propriamente mas trabalhei como educador ambiental. É, meu lado de biólogo sempre foi voltado para a educação."

"...ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo de perfil de professores aqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo..." Transparece percepção de que atribui à escola suas próprias pertencas.

Os valores também revelam uma pertença em sua fala:

"Aqui eu sinto dando aula com alunos que respeitam o professor..."

Ao falar de sua projeção futura:

"Pelo andar da carruagem, creio que estarei aqui sim. Eu fiquei 15 anos dando aula na outra escola. Eu não sou de ficar trocando muito de escola. Gosto de criar raiz. Esta é uma instituição tradicional e antiga, não quer dizer que não seja moderna. Eu me vejo daqui dez anos aqui tranquilamente."

Ao falar sobre suas aulas, revela mais pertencas e novamente há ligação com seus valores:

"Aqui tem sido muito tranqüilo. Eu entro, eles respeitam muito. Eu peço para eles pararem de conversa, prestarem atenção,

ficarem em silêncio. Eu consigo passar o que preciso passar para eles. Consigo colocar pontos de reflexão. Eu gosto de uma aula dialogada. Não só passando informação e eles aceitando. Eu gosto que minhas aulas sejam reflexivas. Eles participam de minha aula de maneira que eu gosto.”

Falando sobre suas aulas na escola, revela pertencas que se mesclam com as atribuições que faz para a mesma:

“E, à medida que eu entro em sala de aula e que eu tenho uma postura que eles percebem que vai ao encontro da filosofia da escola, e que de certa forma, essa filosofia vai ao encontro de meus valores, eles percebem isso naturalmente. De acordo com a tua prática em sala de aula, não tem muito que discursar ou apresentar aos alunos uma carta de princípios. A postura é uma carta de princípios ativa”.

Professor 4

Eu vim de uma família bem humilde”. Meu pai... sempre falava muito bem dessa escola. A gente tinha uma noção de essa escola tinha um ensino muito elitizado. Um local no qual poucos teriam possibilidade de ingressar.” Revela, com essa fala que é um vencedor?

Ao perguntarmos sobre como se vê no futuro, na instituição, não revela nenhuma projeção:

“Se eu tiver a honra de ainda estar aqui, se eles não se cansarem de mi, porque eu estou aqui há muito tempo, uhh, sinceramente, eu não me vi ainda”. Parece uma área com a qual ainda não fez muito contato:

“Eu leciono em outros lugares, né? Eu acho que daqui a dez anos eu tenho que largar um pouco mais a sala de aula. Eu não posso, uh daqui a dez anos, estar no mesmo ritmo que eu estou agora. Então eu tenho que...uh..você vai me perguntar, então você já tem algum projeto algum plano? Não eu não tenho. Só que eu preciso largar um pouco mais a sala de aula e buscar outros projetos. Não largar de vez, pendurar o giz, não. Mas eu preciso ceder, diminuir um pouquinho a atividade e buscar outra atividade.”

Ao iniciar uma fala sobre o foco no vestibular que a outra instituição tem, aponta que essa também tem mas sem abrir mão de valores. Revela na fala pertença e atribuição, tanto a escola como o professor tem que ser fiéis àquilo que acreditam e professam.:

“Tem que ser por aí também. Mas eu não acho que a escola tem que mudar o seu perfil, ou mudar a sua tradição em função de atender a um determinado aspecto do mercado apenas..” Por exemplo, no meu dia-a-dia aqui no ....eu entro no assunto de biologia, por outro lado, eu também tenho a oportunidade de conversar com eles sobre a vida. Aqui eu também sou educador.”

Na outra escola, se coloca também como educador, sendo fiel à sua fala anterior:

“Eu também sou educador lá, mas sou muito mais educador aqui. Lá eles...uh São desafios, a gente cresce. Lá na outra escola, eu tenho que sempre estar me informando sobre os vários vestibulares...Isso é bom porque te recicla também sabe. O pai que coloca um aluno naquela escola, ele procura isso também.”... Ainda reforçando essa fala:

“Lógico, certo. Porque, por exemplo, até seu jeito de tratar o aluno, seu jeito de corrigir a prova, até seu jeito de incentivar o aluno

## Tornar-se professor em uma escola confessional

aquilo, você acaba, querendo ou não, passando um pouco de você para ele. Você acaba sendo modelo para ele. E o aluno lá da outra escola, que está acostumado com esse jeito meio paulera, Ele é muito carente, ele precisa disso, se não, não agüenta, né.”

Atual gestão confia em seu trabalho:

“Nessa atual gestão, porque eu já passei por várias gestões, só tenho a agradecer. Porque confiam no meu trabalho, sempre me incentivaram.”

Quando questionado sobre o que mudaria na instituição, nos superiores...sua resposta revela uma pertença muito forte:

“Eu acho que o colégio ta no caminho certo. Eu trabalho num lugar, outro colégio confessional, né, que é o sexto lugar no ranking do ENEM. Essa instituição aqui também se preocupa com isso e está no caminho certo. Mas eu acho também que essa escola não tem que se descaracterizar. E hoje, tem muitos pais falando isso também.”

Quando questionado sobre o fato de ser católico praticante em escol presbiteriana, afirmou que não há dificuldades. Revela pertença e atribuição.

“Então, essa coisa que tem no presbiterianismo, isso me atrai. Agora, por outro lado, eu sou...a minha família... todos, né, é católica. Toda a minha família ali é católica. Católica de freqüentar igreja. Eu também né. Então..se você pegar por exemplo, o culto de um e o culto do outro, é diferente. Mas, a mensagem é igual. Sabe, quer dizer, são duas formas de passar a mensagem de modos diferentes. Mas o conteúdo, o valor cristão, as questões relevantes são as mesmas. Então, eu não tenho muito conflito. Agora, o que eu notei também... é assim, eu tenho aspectos assim, às vezes, o jeito de um e de outro é um pouco diferente. Então, ta na cara assim, que eu não sou presbiteriano. Mas, olha, eu me sinto super respeitado aqui dentro. Nunca ninguém chegou e me corrigiu, sabe. Tipo, você não pode gostar de Beatles...coisa assim...Nunca teve aquele conflito. Os jeitos são diferentes, mas eu nunca me senti desrespeitado, sabe assim, o pessoal sabe que não sou presbiteriano, pessoal sabe até que meu jeito de falar, meu jeito meio hippie, né? Então, nunca me senti desrespeitado.”

Perguntado sobre como trabalha os conteúdos em harmonia com a filosofia d escola, reponde que não impõem ao aluno nem a visão dele nem da escola. Coloca as questões com maior neutralidade possível para que o aluno se posicione:

“Então, antes de mais nada, primeiro você tem que respeitar o lugar em que você trabalha. Segundo, eu nunca coloco os meus valores como sendo os valores....O aluno pergunta : “professor, e você? O que acha das células tronco embrionária? Qual é a sua opinião?” “Que partido é o seu?” “Você é Criacionista ou Evolucionista?” E, eu não respondo esse tipo de pergunta. Eu falo assim: obviamente que eu tenho as minhas opiniões, né? Mas, minha opinião agora não é importante. O que eu faço é assim: existe célula tronco embrionária, existe célula tronco adulta, célula tronco ....agora, que tem que escolher, se está certo ou se está errado, é você.Então, não me sinto autorizado a dar minha opinião pessoal.... Então, você pode passar valor, religiosidade sem falar para eles de que religião que você é.”...

“Então, eu vejo dessa forma. Mesmo dentro de casa, apesar de eu ser católico, eu não obrigo meus filhos a irem na igreja. Na igreja católica tem lá a primeira comunhão. Eu chego e pergunto, “você quer fazer? é assim, é assado...) Então, eu tenho essa

## Tornar-se professor em uma escola confessional

postura também dentro da sala de aula. Eu não coloco minha opinião, mas eu provo o aluno. e eu acho que isso é religiosidade também. O jeito que você trata o aluno, o jeito que você dá aula em si, o jeito que você explica, ser solidário. Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. e isso é cristianismo.”

Professora 5

Na verdade, a princípio, eu não tinha planejado ficar só no ensino porque eu gostava da área de pesquisa também.

Dar aula foi o que acabou fazendo enquanto não iniciava carreira de pesquisa:

. Então, acabando a faculdade, eu já tinha orientador pro mestrado e tudo, mas eu tive que parar e estudar um pouco pra fazer um exame. Porque na época era assim, se você não dominava (língua estrangeira), você não passava. E foi nessa que eu comecei a trabalhar e dar aula como professora.

; então, como eu comecei a trabalhar, ...e aos poucos, eu fui perdendo...porque eu continuei no estágio de aperfeiçoamento mesmo depois que eu concluí a faculdade, aí eu fui dar aula em uma universidade, só que aos pouquinhos eu fui me desligando da universidade e me desligando da pesquisa e acabei ficando só com a educação básica mesmo.

Mas, revela perfil para ensinar:

Da minha turma na universidade, com certeza eu era uma que ia acabar dando aula porque eu era, era nítido isso no meu perfil...de ensinar, sentar e explicar pros meus colegas na faculdade que tinham mais dificuldade.

Mas eu tinha um sonho de ficar na universidade também, no sentido de que você pode conciliar a pesquisa com o ensino. Mas, acabei voltando só pra educação básica..e agora, o retorno para uma pós-graduação fica sempre mais difícil.

Parece haver uma certa frustração nesse aspecto. Talvez a identificação com o ensino básico não tenha tido um início positivo?

Sua fala me leva a perguntar sobre seu sonho para o futuro:

. Antes de aposentar, voltar mestrado..

Só que eu preciso de um espaço pra ir atrás. Vou ter que voltar a estudar uma língua estrangeira., não sei se eu chagaria assim a um doutorado ou a uma livre docência, mas eu quero ensinar no ensino superior e também me envolver mais com a pesquisa. Mas, minha pretensão é que daqui a dez anos também continuar ensinando no ensino básico, talvez algumas aulas na universidade também, mas eu não penso de romper com a educação básica. **Eu gosto de trabalhar.** E, prefiro os adolescentes até um pouquinho os mais velhos, eu diria de 13 anos em diante.

Revela que não se vê apenas no EB a vida toda. Há desejo de outra carreira de ensino, em outro status, talvez.

A primeira escola que mandou o currículo, após formada foi uma escola confessional.

A escola em que trabalha agora (da pesquisa) também foi procurada por ser confessional evangélica, com mesmo perfil da primeira escola. “De todas as escolas que eu mandei o currículo, eu tinha consciência que eu preferia essa (2ª escola) por ser confessional”

## Tornar-se professor em uma escola confessional

### Mistura atribuição e pertença:

“Então eu entreguei o currículo nas escolas particulares da região, que tinha o perfil de escola que eu estava acostumada a trabalhar, mas eu gostaria que fosse nessa escola que eu estou por ser uma escola confessional. Aí por fim deu certo. De todas as escolas que eu mandei, nenhuma me chamou. A que me chamou foi justamente esta daqui. Então, isso pra mim foi importante. Porque, a minha área é muito frustrante você ter que apresentar um conteúdo que exclui Deus de todo o processo e não ter a oportunidade de citar que existe uma outra possibilidade de interpretação. E, uma escola que não seja confessional, isso é praticamente vetado para o professor, inclusive os alunos, eles sempre perguntam e você tem oportunidade de colocar o que você crê, o que você pensa sem pensar que você está indo contra a regra da escola”.

### Ao falar sobre suas aulas:

Eu sou aquela professora um tanto quanto conteudista. (risos). Então é a gente soca um monte de conteúdos, sacode um pouco e soca mais um pouquinho. (explosão de risos nossos). Eu não sou uma pessoa extremamente criativa, então, minha aula ela segue mais ou menos um padrão.

Alguns laboratórios, práticas, que geralmente os alunos gostam muito. Agora, como a nossa carga horária geralmente é muito resumida.. a gente acaba não dando conta do conteúdo.

sabe, a gente nunca vai conseguir dar mesmo todo o conteúdo mas a gente é sempre inquirido nesse aspecto...o aluno que vai prestar para alguma área biológica cobra os conteúdos do vestibular ou programa de algum concurso que ele vai prestar...Então, existe uma pressão. ... Então, aqueles conteúdos que a gente sabe que seriam mais interessantes para a vida deles, nem sempre são os mais importantes para o vestibular. A gente sabe que ele vai avaliar a gente, no final das contas, o próprio aluno, pelo resultado lá na frente.

Essa fala revela sua pertença e seus valores. Primeiro: ela não quer ser avaliada como não tendo conseguido; o sucesso é importante para ela. Em segundo lugar, seu critério de honestidade a leva a sentir que tem que cumprir ao máximo tudo que se apresenta para o aluno e pai.

Ao mesmo tempo, revela-se preocupada com o aluno, com o que ele precisa para obter sucesso: “porque a gente ta tentando fazer esses alunos dominar aqueles conteúdos com que vão se defrontar no vestibular.”

### Atribuição e pertença misturam-se:

Mas eu me sentia assim: “é a minha casa, a gente quer a mesma coisa.” Eu vejo assim, não está ligado à minha denominação mas eu me sinto como se fosse algo que é nosso.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS- CRISES
<p>Professor 1</p> <p><u>Não menciona nada que possa ser classificado como crise.</u></p>
<p>Professor 2</p> <p>A instituição em que Trabalhou quase 20 anos e em que estudou começou a ter problemas sérios de finanças "Eu percebi que o tempo estava passando, eu me dei conta disso. Em alguns momentos eu me decepcionei. Aí eu mandei meu currículo para cá e para outras escolas. <u>A crise a leva a buscar outra escola.</u></p>
<p>Professor 3</p> <p>Eu dava aula em uma outra escola (confessional católica de grande porte na Zona Sul de São Paulo) mas estava saindo dela em função de uma reciclagem de professores e da política educacional que essa escola estava tendo. Em função dessa mudança de política, alguns professores saíram por livre e espontânea vontade, outros foram convidados a se retirar. exatamente nessa época, o professor XXX (colega da escola atual) trabalhava comigo em cursinho, damos aulas juntos e então ele sabe meu jeito de dar aula, ele é coordenador de área aqui e me disse que eu tinha o perfil próximo de perfil de professores aqui e me perguntou se eu aceitaria mandar meu currículo, fazer uma entrevista e participar do processo de seleção. Então, eu vim aqui indicado por ele e outras pessoas também foram indicadas e passaram pelo mesmo processo e eu acabei sendo escolhido." <u>Professor enfrentou crise na escola em que lecionava, o que o levou a procurar outra.</u></p>
<p>Professor 4</p> <p>Relata momento de crise da instituição, em paralelo com modificações na política educacional brasileira: "No passado, teve um rompimento no finalzinho da década de 90. A escola era de uma linha bem tradicional, sabe. Aí veio um pessoal novo com idéias novas e implantaram o construtivismo. Obviamente, teve um choque para todos. Até o professor de uma linha mais tradicional, queria acertar. "Eu quero também estar nessa do construtivismo porque agora é a moda" Mas aí o que eu notei foi o seguinte, o que eu notei é que não só o professor, mas também a equipe técnica da época, na sabia o que era o construtivismo. Então, aquilo acabou gerando alguns probleminhas. Ninguém sabia como se fazia avaliação, ninguém sabia até que ponto do conteúdo deveria ser abordado ou não, pontos de vistas muito diferentes. Então, naquela época, finalzinho dos anos noventa, realmente, eu vi assim a equipe técnica daquela época muito confusa. Aí a escola parece que viu que não deu certo. Resgatou algumas coisas do tradicional, manteve algumas coisas também daquela época, porque também é impossível não se aproveitar alguma coisa né. E aí eu já peguei a época dessa diretora, que na realidade, essa é a segunda passagem dela aqui. Na primeira passagem, eu estava extremamente desanimado, eu peguei uma época em que eu cheguei a pensar em sair dessa escola. Eu não tava legal, tinha indisciplina na sala de aula, ninguém ligava mais para conteúdo, eu não me sentia mais</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

útil. Essa diretora, ela resgatou, trouxe novamente a importância do professor dentro da sala de aula. Daí ela saiu novamente e vieram outras gestões. e agora ela retornou de 2005 para cá. Digamos que de 2001 para cá, o calor de querer dar aula nessa instituição já voltou. Houve uma época maravilhosa de 87 a 96; depois teve uma época desastrosa de 96 até 2000; e de 2001 até agora está ótimo.”Ainda sobre esse assunto, uma fala muito importante, reveladora de crise identitária profissional:  
“Eu fiquei traumatizado com essa época. Eu entrava na sala de aula e não sabia mais o que fazer...o que eu devo fazer.” Essa fala, além de revelar a crise identitária, revela que a instituição é parte importante na configuração identitária do profissional.

### Professor 5

Mãe com câncer na 8ª série. Se converteu no 3º ano EM.em função de colegas que a levaram à igreja .Mãe ainda vive. Deus a chamou antes da universidade, opinião dela de que não teria se convertido depois de ter entrado na universidade, pois seria uma carga de evolucionismo muito grande.

Saída da outra escola. Foi difícil; sofreu pelo vínculo afetivo que tinha. Crise parece interferir na maneira como faz atribuições a essa escola em relação à confessionalidade?

QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS- VALORES
<p>Professor 1</p> <p>Confiança, reconhecimento, respeito, disciplina e rigor, história, solidariedade, ética, vínculos.</p>
<p>Professor 2</p> <p>Responsabilidade, organização, critérios, pessoas, missão pessoal, relação do conteúdo com vida, contato com aluno, formar a pessoa do aluno,</p>
<p>Professor 3</p> <p><u>Revela valores quando perguntado sobre como foi introduzido à filosofia da escola:</u> “ Em parte foi o professor xxx, sobre a filosofia da escola, sobre <b>a relação professor alunos aqui e a relação entre os professores</b>, entre os professores e a coordenação. Então, a parte mais prática mesmo foi ele. E ao chegar na escola, acabei conhecendo mais, em contato com os professores..”<u>Contato e respeito com os outros..</u></p> <p><u>Também revela seus valores ao falar dos alunos: Gosta de ser respeitado.</u></p> <p>Aqui eu sinto dando aula com alunos que respeitam o professor, como com os alunos que eu tinha na escola pública, que respeitavam o professor. A gente sabe que numa classe mais alta, eles não respeitam muito o professor. Os alunos de uma classe economicamente um pouco menos elevada, <b>respeitam</b> mais o professor. São mais atenciosos, querem mais atenção e carinho, e às vezes, ...</p> <p><u>Ao ser perguntado sobre o que é inegociável, revela uma série de valores, inclusive a forma como esses valores são constituídos, até no âmbito profissional:</u></p> <p>“Eu acho que é o princípio que a gente tem, os valores que a gente tem como professor. Eu acho que ter que negar os valores que nós temos, e, nomear esse conjunto de valores que a gente tem é um pouco complicado. <b>Porque esse conjunto de valores você foi obtendo ao longo de sua vida e profissão.</b> Acho que é mais ou menos <b>uma coisa parecida com amizade. É difícil duas pessoas continuarem amigas se não tiverem o mínimo de valores em comum, perspectivas em comum.</b>(Respeito mútuo) Então, à medida que essas perspectivas não vão mais ao encontro...acho que tem coisas que não dá para negociar. Se tiver que mudar realmente, e tiver que tomar atitudes contrárias aos meus valores, em função de minha vida pessoal e profissional..aí não dá para negociar.”</p> <p><u><b>Liberdade e confiança</b> são valores que revela como importantes ao comentar que seus valores e princípios são inegociáveis para ele:</u></p> <p>“Pelo tempo que tenho aqui, eu entendo que..vou ser coerente com o que eu disse anteriormente, uma vez que os meus valores e os valores da instituição vão ao encontro, coincidem, é inegociável, por exemplo, se eu tiver que negar os meus valores e princípios, isso é inegociável. Então, um dos princípios que eu tenho é dar o conteúdo de uma forma questionadora, reflexiva. Acho que o aluno não pode aceitar as coisas como um dogma. Ele tem que aprender a ser questionador, tem que aprender a ver</p>

## Tornar-se professor em uma escola confessional

as coisas de forma contextualizada. A gente tem que preparar o aluno para o mundo que ta aí fora. A gente tem que preparar o aluno para participar de uma sociedade, questionando-a e tentando melhorá-la. Isso pra mim é inegociável”

Quando questionado sobre como é trabalhar em uma escola presbiteriana, revela valores e sentido de vida:

“Ateu eu diria que não. Mas, não sigo, não vou à missa, não participo de nenhum culto religioso. Estou aberto à existência de Deus. Eu acho que na época de estudante, eu até me dizia às vezes ateu. Mas eu não gosto muito de seguir algumas regras, a não ser que me pareçam coerentes. Então, eu acho que se eu consigo pautar minha vida tendo as minhas regras de acordo..a partir do momento que elas batem, que elas vão ao encontro de pode ser até outras regras que chegam ao mesmo ponto, eu penso que eu to seguindo uma regra minha que eu acho que é interessante. Eu acho que é mais ou menos por aí. Inclusive eu acho, uma coisa que me disseram quando eu entrei aqui...você tem uma filosofia cristão?Sim, eu acho que eu tenho uma filosofia cristã. Os meus valores batem com os valores cristãos e eu tenho uma postura que é uma postura cristã. Eu não preciso necessariamente ser religioso e seguir uma religião, acho que a gente tem que ter esse conjunto de valores em comum.”

### Valores cristãos

#### Professor 4

##### Confiança

- ↪ Batalhar pelo que quer.
- ↪ Vínculos.
- ↪ Reconhecimento
- ↪ Formação moral
- ↪ Valores cristãos
- ↪ Justiça
- ↪ Democracia
- ↪ Liberdade de trabalho na sala de aula e confiança no trabalho do professor.
- ↪ Cuidar do outro, Lealdade
- ↪ preocupar-se com ele.

#### Professor 5

- ↪ Revela necessidade de reconhecimento;
- ↪ Honestidade:  
*Eu tenho alguns valores que pra mim é muito importante não quebrar esses valores.  
Não, eu prefiro o prejuízo a mexer nos meus valores. Então, nesse aspecto, algumas coisas para mim são muito fortes.  
Especialmente nessa questão financeira,de honestidade, mas algumas coisas também, eu percebo que ir contra um valor meu me machuca muito.*
- ↪ Sucesso no que faz;

## Tornar-se professor em uma escola confessional

- ↳ Postura do professor;
- ↳ Responsabilidade
- ↳ Pontualidade
- ↳ Vínculo com pessoas
- ↳ Faz diferença entre fé e prática de vida e valores cristãos.:

Na outra escola, por exemplo, era muito comum quando uma pessoa tava em dificuldade, pedir oração; isso não acontece aqui no grupo, como grupo. Às vezes, alguns colegas individualmente sabem que você tem a mesma fé e acabam pedindo oração. Mas, isso é no pessoal, isso não acontece no grupo. Não existe esse lado de se pontuar...oh gente, vamos orar por essa situação...isso não existe no grupo.

## Tornar-se professor em uma escola confessional

QUADRO DE ANÁLISE DE CATEGORIAS – SENTIDO DA PROFISSÃO
<p>Professor 1</p> <p><u>Vê na relação com o aluno o amor, o carinho e afirma que deve passar a eles paz, sensação de grandeza, de pensamento.</u></p>
<p>Professor 2</p> <p>"A minha missão...assim, por eu ter uma formação evangélica, eu acho que a minha vida ta ligada às pessoas. ..eu penso num país melhor...eu acho que essa é a minha "porção" dentro da minha profissão."</p> <p>Eu procuro sempre eu acho uma brecha, eu acho...porque eu penso assim...eu penso que perde o sentido, perde o sentido. Quer dizer, você entrar na sala de aula, dar a sua matéria, seu conteúdo e ir embora..não ficou completo. Então, eu tenho que relacionar sempre o meu conteúdo com a missão que eu escolhi.</p> <p>" Tentar trabalhar a linguagem da geografia, como ela é, no vestibular, para ele já estar se adequando a essa linguagem. Porque é uma linguagem muito específica. Por outro lado, tem essa vertente, uma vertente ideológica. Não deixa de ser."</p>
<p>Professor 3</p> <p><u>Ao falar sobre o que lhe é inegociável, revela alguns supra-valores, que direcionam para o sentido de vida profissional:</u></p> <p>"A gente tem que preparar o aluno para o mundo que ta aí fora. A gente tem que preparar o aluno para participar de uma sociedade, questionando-a e tentando melhorá-la. Isso pra mim é inegociável."</p>
<p>Professor 4</p> <p>Ser prestativo, ser preocupado com a vida do aluno. e isso é cristianismo."</p> <p><u>Voltar-se para o outro</u></p>
<p>Professor 5</p> <p><i>"porque a gente ta tentando fazer esses alunos dominar aqueles conteúdos com que vão se defrontar no vestibular."</i></p> <p><u>Revela que volta-se para o que entende como sucesso do aluno</u></p>

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)